Abrir portas onde se erguem muros Director: David Pontes **Segunda-feira, 16 de Setembro de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.555 • Diário • Ed. Porto • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**

Público

Nastassja Martin
"Sonhar é o lugar perfeito de resistência"

Cultura, 26/27

Doenças neurodegenerativas
"A minha terapia", ou como os trampolins também podem ajudar na doença de Parkinson

Ciência e Ambiente, 24/25

Entrevista a Wes Marshall
"Não podemos culpar os peões e dizer que se cumprissem as regras estaríamos seguros"

Local, 14/15

Clubes, partidos, câmaras e governos são os mais expostos à corrupção

Nove em cada dez pessoas consideram que a corrupção é um problema "grave", mas a cunha é tolerada, mostram mais de 1100 inquéritos para a Fundação Francisco Manuel dos Santos **Destaque, 2/3 e Editorial**

ADRIANO MIRANDA

Caminhos-de-ferro
Três histórias que mostram atrasos nos carris este Verão

Economia, 20 a 22

As automotoras velhas e grafitadas da Linha do Vouga, na qual aconteceu um dos atrasos deste Verão

Partidos europeus
"Estão em todo o lado e a toda a hora" mas são quase invisíveis

Os partidos europeus têm um papel central na definição da agenda da UE e na revisão de tratados, mas continuam apagados **Mundo, 16/17**

Governos de minoria
Como Guterres e Cavaco Silva tiveram aval ao primeiro OE

O PS aceitou o Orçamento do primeiro Governo de Cavaco e Guterres foi "salvo" pelo CDS e pelas ilhas. Mas não foi fácil **Política, 8/9**

Bodycams
CNPD põe em xeque guarda de imagens pelo vendedor

As 112 câmaras portáteis de uso individual adquiridas pela Polícia Marítima vão ter de ser reconfiguradas **Sociedade, 10/11**

ISNN-0872-1556

Clubes, partidos, governos e autarquias são os mais expostos à corrupção

Abuso de informação privilegiada, "puxar cordelinhos" ou tráfico de influências são as acções mais condenadas pela sociedade. As "cunhas" são o fenómeno mais aceite

Barómetro da corrupção

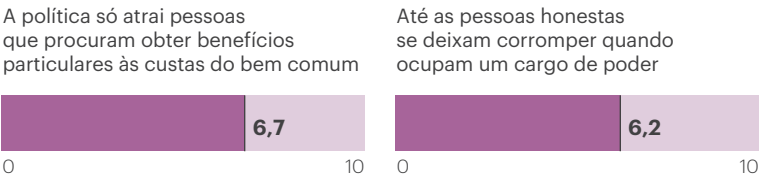
Grau de incidência da corrupção em diferentes esferas sociais

Utilizando uma escala de 0 a 10, em que 0 significa "nada corrupta" e 10 significa "extremamente corrupta", como avalia o grau de incidência da corrupção nas seguintes esferas da vida social do país?

(1) Misericórdias, IPSS, ONG, entre outras

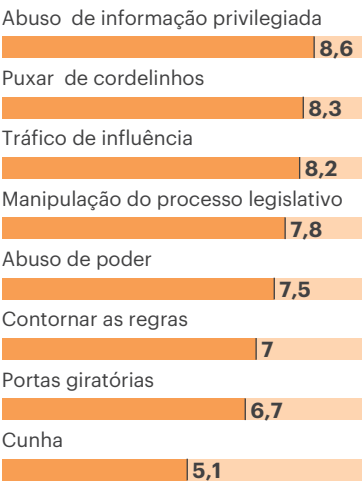
Atitudes face à relação entre poder e corrupção

A política só atrai pessoas que procuram obter benefícios particulares às custas do bem comum

Até as pessoas honestas se deixam corromper quando ocupam um cargo de poder

Extensão da corrupção em diferentes grupos sociais

Imagine que em Portugal vivem 100 pessoas/funcionários públicos/profissionais do sector privado/políticos/empresários. Destas 100, quantas diria que são corruptas?

Tolerância/condenação social da corrupção

Até que ponto considera que cada uma destas situações corresponde a um caso de corrupção ou não, usando uma escala de 0 a 10 (0 significa que "não é corrupção" e 10 significa que "é corrupção")

Nove em cada dez inquiridos consideram que a corrupção é um problema grave no país

Um em cada dois sente que a corrupção afecta diariamente a sua vida

Ficha técnica: Este relatório baseia-se num estudo executado pelo DOMP, S.A. para a Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS), com base num inquérito apresentado a uma amostra representativa da população portuguesa, por quotas cruzadas de sexo, faixa etária e região de Portugal continental (NUTSII). O estudo insere-se na série de Barómetros da fundação, através dos quais se pretende auscultar a população portuguesa. O questionário foi desenhado e desenvolvido sob a coordenação de Luís de Sousa e Susana Coroado, com o contributo de Carlos Jalali, João Tiago Gaspar e Inês Renda, da FFMS, bem como de Patrício Costa e Daniela Monteiro, da DOMP. A análise dos dados contou ainda com a colaboração de Felippe Clemente. O universo do estudo é composto pelos residentes em Portugal continental, com 18 ou mais anos, falantes da língua portuguesa, com telefone da rede fixa ou acesso à Internet. O trabalho de campo decorreu apenas em Portugal continental, entre os dias de 25 de Março a 22 de Abril de 2024, tendo sido recolhidas 1101 entrevistas completas e validadas, das quais 626 através de inquérito *online* (CAWI: 57% da amostra) e 475 através de chamada telefónica (CATI: 43% da amostra), correspondendo a um erro máximo amostral de 3% (para um nível de confiança de 95%). Das 1101 pessoas que responderam ao Barómetro da Corrupção, 52% são do sexo feminino e 48% do sexo masculino, com a seguinte distribuição por grupos estários: 18-34 anos (21,1%), 35-54 anos (33,4%), 55 e mais anos (45,5%).

Fonte: Barómetro da Corrupção - Fundação Francisco Manuel dos Santos — PÚBLICO

Liliana Borges

Nove em cada dez pessoas em Portugal consideram que a corrupção é um problema "grave", e os clubes de futebol, partidos e autarquias são vistos como os grupos mais corruptos. As conclusões são do novo barómetro da Fundação Francisco Manuel dos Santos, apresentado hoje. Num momento em que o tema ganha mais visibilidade e espaço na agenda política e mediática, o relatório revela que metade dos inquiridos acredita que a corrupção tem um impacto diário na sua vida.

Realizado com base numa amostra representativa da população portuguesa, o barómetro, a que o PÚBLICO teve acesso, mostra que em Portugal a percepção da corrupção como um problema grave é maior (93%) do que a média da União Europeia (70%). Para o grupo de inquiridos, os clubes de futebol são as entidades mais expostas à corrupção. Logo a seguir surgem várias instituições políticas: os partidos, as autarquias, o Governo e a Administração Pública, respectivamente. As sociedades de advogados também são vistas como mais corruptas do que, por exemplo, o Parlamento, ou do que as instituições bancárias ou as instituições de justiça. Por outro lado, a segurança e a defesa são as áreas que os participantes consideram menos expostas à corrupção.

Luís de Sousa, investigador do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa e um dos coordenadores do estudo, explica que o que distancia o Governo do Parlamento na percepção de corrupção dos inquiridos é que o Governo "está mais exposto a pressões, porque é a entidade executiva, que tem um valor económico e decide, enquanto o Parlamento acaba por ser mais escrutinado e transparente".

O investigador nota também que dois dos grupos vistos como dos mais corruptos (clubes de futebol e partidos) são, simultaneamente, também dois grupos com que os cidadãos são mais tolerantes. "Na vida há duas coisas de que não se muda: clube e partido. E por isso, quando se trata do próprio clube ou do seu partido, as pessoas tendem a desvalorizar os actos de corrupção", refere. "É isso que explica, por exemplo, que os partidos por vezes não sejam eleitoralmente sancionados depois de um escândalo de corrupção", aponta.

Em linha com esta conclusão, o estudo indica também que, para as pessoas, o atributo mais importante para a determinação da probabilidade de votar num candidato é a orientação ideológica (24,2%). Só depois surgem a integridade (20,3%) e a capacidade de compromisso (16,6%). Ou seja, a cor política tem mais peso do que a capacidade de um líder não ser corrompido.

Ainda assim, a política destaca-se

como a área com o maior problema de "reputação". Além de existir uma percepção generalizada de que o fenómeno da corrupção é difuso entre as elites políticas e económicas, uma parte substancial da opinião pública considera que a política só atrai pessoas que procuram obter benefícios particulares à custa do bem comum. O cenário é ainda mais pessimista: a maioria dos inquiridos acredita que "até as pessoas honestas se deixam corromper quando ocupam um cargo de poder". Ou seja, acredita que, mesmo as pessoas honestas que entram no mundo da política, com o tempo, "acabam por se adaptar e adoptar esses comportamentos para sobreviver ou prosperar dentro do sistema".

Na mesma lógica, os inquiridos consideram que, em média, os três tipos de regime político – democracia, tecnocracia e autocracia – "estão de forma semelhante e medianamente vulneráveis à corrupção", lê-se no relatório. Porém, também admitem que um país que tenha um líder forte, que não tenha de se preocupar com o Parlamento nem com eleições, acaba por se tornar mais vulnerável à corrupção do que um país democrático ou tecnocrata .

"A cunha é bastante tolerada porque é tida como uma norma social", explica Luís de Sousa, um dos autores do estudo

PAULO PIMENTA

Questionados sobre quantos corruptos esperariam encontrar num grupo com 100 pessoas, os inquiridos consideram que é entre os políticos que encontrariam mais corruptos (em média 62,5), seguindo-se os empresários (48,2) e o grupo dos cidadãos comuns (43,3). Já o grupo de trabalhadores do sector privado é o que é visto como tendo menos corrupção (34,4). Para os investigadores responsáveis pelo estudo, estas diferenças são "estatisticamente significativas".

A tolerância da cunha

Uma das explicações para o número de corruptos associados ao "cidadão comum" reside na convicção de que "nenhuma esfera de actividade é totalmente impermeável à corrupção", mas também na tolerância à corrupção "menos censurável": a cunha. "A cunha é bastante tolerada porque é tida como uma norma social", explica o investigador, para quem o estudo vem mostrar que a corrupção "é um problema de acção colectiva".

Assim, embora exista uma forte condenação social do fenómeno, há alguma tolerância a determinados tipos de corrupção política (portas giratórias) e paroquial (cunha) e outros tipos de comportamentos fraudulentos que não impliquem uma violação da lei ou que suscitem ambiguidade legal. Apesar disso, a maioria dos inquiridos não deixa de qualificar um comportamento ou prática como corrupção mesmo tendo consequências positivas para a comunidade.

Uma vez que outros estudos sugeriam que a tolerância das pessoas face à corrupção depende do tipo de acção e de quem a pratica, os coordenadores criaram uma série de cenários hipotéticos para aferir o grau de condenação e concluíram que o abuso de informação privilegiada, "puxar cordelinhos" ou o tráfico de influências são as acções mais condenadas pela sociedade. Já as "cunhas" são o fenómeno mais aceite.

"Perceber estas dimensões de percepção da sociedade pode ajudar a ajustar as políticas anticorrupção", nota Susana Coroado, antiga presidente da Integridade e Transparência e uma das investigadoras que coordenam o estudo. "As percepções têm implicações na legitimidade das instituições e na eficácia dos pacotes anticorrupção", completa Luís de Sousa. E ambos deixam um alerta: apesar dos esforços de prevenção e combate à corrupção desenvolvidos nas últimas três décadas, a percepção é a de que a corrupção prevalece, o que lesa a confiança nas instituições políticas e na democracia.

Percepção sobre o grau de eficácia no combate à corrupção

Numa escala de 0 a 10, em que 0 significa "nada eficaz" e 10 "totalmente eficaz", qual é, na sua opinião, o grau de eficácia do combate à corrupção em Portugal?

Razões da ineficácia da justiça no combate à corrupção em Portugal

Quando se discute a ineficácia da justiça no combate à corrupção, várias razões são apresentadas. No seu entender, qual é a principal razão da ineficácia da justiça no combate à corrupção?

Fonte: Barómetro da Corrupção - Fundação Francisco Manuel dos Santos

PÚBLICO

Corrupção

51,6% dos portugueses consideram que combate é ineficaz

Liliana Borges

A maioria dos portugueses considera o combate à corrupção "nada eficaz". A conclusão é do novo barómetro da Fundação Francisco Manuel dos Santos, dedicado à corrupção. Os dados recolhidos entre Março e Abril mostram que 51,6% dos inquiridos não acreditam que as respostas desenhadas para combater a corrupção façam a diferença e culpam, maioritariamente, o poder político: do Governo aos partidos. Mas não só. Para o grupo de entrevistados, a sociedade civil é ainda mais responsável pela ineficácia do combate à corrupção do que os tribunais e o Ministério Público.

No total, 51,6% dos inquiridos consideram o combate à corrupção "nada eficaz" e 34,4% acreditam que é "medianamente eficaz". Apenas 13% acreditam que as respostas para o crime são "totalmente eficazes".

O estudo conclui ainda que há uma co-responsabilização pela ineficácia do combate por parte dos próprios cidadãos (26,6%). Só depois surgem como culpados o Governo (25,5%) e os tribunais (15,8%). Já os políticos são vistos como responsáveis por 10,4% dos cidadãos e o Ministério Público é responsabilizado pela ineficácia do combate à corrupção por apenas 9,2%.

Isto porque "a corrupção não é apenas o crime que vem tipificado no código penal", explica o investigador Luís de Sousa, do Instituto de Ciências Sociais (ICS) e um dos coordenadores do estudo. Ou seja, o cidadão "entende, e bem", que "há um conjunto de práticas que, não configurando crime", não deixam de reflectir a forma como "a sociedade é complacente com a troca de favores".

Porém, optando por agregar estes grupos (juntando o Governo aos partidos e aos políticos), então a responsabilidade do poder político dispara para 40%. Ainda assim, a sociedade civil   composta pelos cidadãos, comunicação social e empresas   é mais responsabilizada (31%) do que o poder judicial (25%).

O estudo mostra ainda que a maioria das pessoas considera que o fraco desempenho da Justiça não se deve à falta de meios (24,5%), mas sim à existência de megaprocessos demasiado complexos e intermináveis (71,9% acreditam nesta explicação), à existência de demasiadas possibilidades de recurso (43,4%) e à dificuldade de provar os actos de corrupção (28,5%).

Susana Coroado, ex-presidente da Transparência e Integridade e uma das coordenadoras do estudo, ressalva que é preciso interpretar os dados com o devido contexto, até porque, se por um lado a corrupção tem tido "destaque na comunicação social e nas agendas políticas", por outro pode estar a fazer-se "uma avaliação injusta" sobre os níveis de corrupção no país. "O aumento de casos e condenações não quer dizer que haja mais corrupção, pode ser sinal de o sistema de justiça estar a funcionar melhor", admite a investigadora.

Apesar dos diversos pacotes anticorrupção que vão sendo anunciados pelos vários governos, "é difícil" perceber qual é o seu verdadeiro impacto, pois "não temos os instrumentos de avaliação para perceber o que corre mal", explica Coroado. "Andamos todos um pouco ao sabor da opinião, inclusivamente quem desenha os pacotes anticorrupção", assinala. Porém, os dados disponíveis indicam que "as pessoas não estarão assim tão erradas" na percepção que têm sobre os níveis de corrupção em Portugal, acredita a investigadora.

A corrupção "não é apenas o crime que vem tipificado no código penal", explica Luís de Sousa

A mesma opinião tem Luís de Sousa, que não encontra "um compromisso político credível". O investigador destaca, aliás, que uma das medidas que constavam no programa eleitoral da Aliança Democrática nas últimas eleições não transitou para o pacote anticorrupção apresentado pela ministra da Justiça em Junho.

"Quando o legislador está a legislar em causa própria, a legislação não é audaz, é conservadora, muito permissiva e deixa muitas lacunas. E depois, de cada vez que acontece alguma coisa, cai o Carmo e a Trindade e anunciam mais um pacote", critica.

Para o investigador, a "reforma institucional das entidades públicas especializadas na transparência e prevenção de corrupção deveria ser uma das medidas prioritárias para um eficaz combate à corrupção, e lamenta que tenha sido excluída.

Corrupção e democracia

Editorial

Andreia Sanches

É muito preocupante para a democracia que tanta gente ache que a política "corrompe até as pessoas honestas", como revela este inquérito

Mais de metade dos portugueses considera que o combate à corrupção é totalmente ineficaz, mostra um novo estudo da Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS). E quando se pergunta quem é o culpado por tamanha ineficácia as responsabilidades aparecem repartidas entre a sociedade como um todo (26%) e o Governo (25,5%).

Esta auto-responsabilização é um sinal de maturidade – as pessoas percebem hoje que cada cidadão tem o seu papel neste combate, desde logo na menor ou maior tolerância que, no dia-a-dia, demonstra face a diferentes tipos de corrupção.

Mas nunca é de mais lembrar isto: um Estado excessivamente centralizado e burocrático será sempre um Estado que oferece condições para a opacidade e a corrupção vingarem.

Ora temos um Estado que padece de ambos os defeitos e isso ajudará a explicar que se sucedam os múltiplos planos e pacotes anticorrupção, aprovados, legislatura após legislatura, sempre com aquele tom de urgência que se imprime perante uma doença grave que teima em resistir ao tratamento.

Este Governo não foi excepção – até pelo contexto em que aconteceram as eleições em que foi eleito, na sequência da *Operação Influencer*. E a "auscultação de diferentes sectores para se chegar a uma agenda de combate à corrupção" foi (a par da mudança de logótipo do Governo...) decidida logo no primeiro Conselho de Ministros após a tomada de posse, em Abril.

O novo pacote foi apresentado em Junho – cerca de três dezenas de medidas a começar pela regulamentação do *lobby* (no inquérito da FFMS o "abuso de informação privilegiada", tal como o chamado "puxar de cordelinhos" são as práticas mais consensualmente consideradas como corruptas).

As medidas anunciadas pelo Governo são relevantes. Mas o mais importante é bem mais transversal. Como há muito vários especialistas têm alertado (a começar pela provedora de Justiça) se os serviços públicos não funcionarem bem, não comunicarem entre si, não decidirem de forma célere, de acordo com regras perceptíveis para todos, transparentes e escrutináveis, em suma, se não se desburocratizar, continuaremos a ter corrupção.

Temos piorado nos rankings internacionais que medem a avaliação do fenómeno feita pelas opiniões públicas dos diferentes países. Não sendo isso sinónimo, como sempre é ressalvado, de um aumento real dos crimes de corrupção, não é de descurar o que sentem as pessoas. E é mesmo muito preocupante para a democracia que tanta gente ache, como revela o inquérito feito pela FFMS, que a política "corrompe até as pessoas honestas".

CARTAS AO DIRECTOR

Esticar mais a corda?

Observo com regularidade os mapas publicados pelo ISW (Institute for the Study of War) americano e Deep State (ucraniano). Aí verifico o muito lento avanço da Rússia no Donbass.

Sabemos que a Ucrânia está com graves problemas energéticos, falta de soldados, que já são caçados nas ruas de Kiev, e que agora também está a ser varrida da zona russa de Kursk, que invadiu em Agosto. Em resumo, a Ucrânia está a perder a guerra.

Esperar converter uma derrota em vitória sobre uma potência nuclear, supondo que a Rússia se deixaria derrotar sem esgotar todos os seus recursos, é uma completa imbecilidade. Na Europa, nunca estivemos tão perto dum desastre nuclear.

Olho agora com consternação para os meus netos mais novos; mereciam viver num mundo mais sensato. Continuamos a só ouvir os mesmos que também não acreditavam que Putin invadisse a Ucrânia... Vamos continuar a ver a corda a esticar, rezando para que nesses últimos dias o vento sopre sempre de sul?

José Cavalheiro, Matosinhos

A questão essencial

Qual é a questão essencial (Pacheco Pereira *dixit*) para nós, portugueses, e todos os europeus? Não é a novela do OE2025, não é o (erro do) IRS Jovem, a CPI das gémeas (quem?), a Lucília Gago (que está a arrumar a secretária para se reformar e, claro, não tem nada para dizer de relevante), os cinco ex-presos de Alcoentre, nada disso. São os problemas na UE com a França ingovernável e uma Alemanha desorientada com fábricas da VW a fechar e a querer fechar também as fronteiras para fazer alguma coisa na área em que a extrema-direita pró-nazi ataca e prolifera – a imigração. Em cima disto, vem o sr. Draghi dizer, em relatório público de há uns dias, que a UE está numa situação de crise (*sic*), que nos últimos cinco anos cresceu metade (!?) do que cresceram os EUA (*sic*), que a Europa está a desacelerar, que a produtividade está a diminuir. Um filme de terror. Há que cerrar fileiras em torno de (i) garantir o sucesso da economia europeia - e portuguesa, e (ii) garantir a boa resolução do problema da imigração. Também temos que olhar para o ambiente, claro, mas se falharmos na economia e imigração... Concentremo-nos todos nisto, Governo português incluído. Finalmente, sabemos qual é a questão essencial!

Fernando Vieira, Lisboa

Ai, se o ridículo matasse...

Ai... Se o ridículo matasse... a nossa AR teria constantemente que estar a renovar deputados!

Vem isto a propósito da recentemente imposta nova expressão "pessoas que menstruam".

Para começo de conversa, menstruação é algo do foro íntimo, tão íntimo que assim se mantinha nos tempos em que as pessoas eram educadas e elegantes, e assim se deveria manter. Infelizmente, os tempos presentes estão dedicados à ignorância e grosseria a todos os níveis e, assim, vale tudo – até o profundo ridículo destas novas modas!

Ver José Miguel Júdice ter de dedicar uma crónica a explicar porque é que, numa determinada frase, achava que "seria mais correcto usar a palavra 'mulher'" demonstra bem o nível de capacidade intelectual a que se desceu. Já agora, eu proporia mais uma mudança: que a batida expressão que titula este texto passe a "Que pena que o ridículo não mate!".

Teresa Silva-Gayo, Lisboa

A escalada da guerra e a consciência social

Uma das questões mais importantes do período que o mundo atravessa decorre da persistência e grave dimensão das guerras que se travam e perduram em vários pontos cardeais. A maioria das consciências são moldadas pela informação mediática, segundo estereótipos cognitivo-emocionais, aquilo que metaforicamente se designa por "guerra psicológica". A opinião pública tem importância. A mediatização da ideologia molda o subconsciente colectivo.

No entanto, estranhamente, persistem e afloram contradições entre as decisões dos poderes e a sociedade civil dos países. Esta não é consultada directamente, em referendo, para intervenções militares, logicamente não previstas nos programas de governo. A sociedade civil reagiu muito mais intensamente, em protestos massivos gerais, contra os alongados massacres de civis em Gaza do que em relação à guerra entre a Rússia e a Ucrânia. As alianças militares aumentam ou diminuem o risco de agravar conflitos bélicos? A escalada belicista, com armas perigosas, até onde pode ir? Será que a Ucrânia está na NATO de facto, embora não *de jure*? O interesse das elites governativas e militares reflecte a vontade das populações europeias na questão da guerra e da paz?

José Manuel Jara, Lisboa

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles **cartasdirector@publico.pt**

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ESCRITO NA PEDRA

Uma mudança de atitude pode fazer-nos cometer grandes erros em qualquer momento
Charles Dickens (1812-1870), escritor inglês

O NÚMERO

cidadãos estrangeiros detidos na Venezuela por conspiração. Países desmentem as acusações feitas

Estamos sempre mal

Ainda ontem

Miguel Esteves Cardoso

"Sabe-lhe bem este calorzinho?", perguntou-me, de passagem, uma senhora que me viu de calções de banho. "E a si, não lhe sabe?", respondi estupidamente, já sabendo o que a casa gasta. E ela, de costas, a pingar desprezo: "Detesto o calor!"

Que mais se pode esperar no país onde pode estar calor ou pode estar frio, mas nunca pode estar bom?

Uma das muitas coisas que me fizeram apaixonar pela Maria João foi ter sido a primeira portuguesa a dizer, quando saíamos de casa: "Está bom, não está?" E só depois dizia "Está calor!"

É a ordem que interessa: primeiro decide-se se está agradável ou desagradável. E só depois se explica se é por estar quente, ou fresco, ou frio. Os portugueses fazem ao contrário: dizem que está calor ou frio e é preciso torcer-lhes o braço para saber se gostam assim ou não.

E é sempre "por acaso" que gostam: que sorte a nossa, e do nosso clima, que a população engrace com os desmandos com que nos visita! Na praia, a água está a 14 graus – isto é, fria mesmo para os desmanchadores dos desmancha-prazeres –, mas cá fora estão 30 graus.

Dir-se-ia, com isto tudo, que os portugueses nunca estão bem. Quando está fresquinho, procuram aconchego e, quando está uma brasa, põem-se a pinguinar.

Mas é pior do que isso.

Aquilo que querem não é apenas o contrário do que têm. Não é só o calor que querem quando está fresquinho, ou o fresquinho que procuram quando está calor.

Aquilo que querem – percebi eu hoje – é tudo ao mesmo tempo. Querem sair da sombra e apanhar imediatamente o bafo do dragão e, mal se fartam da queimadura, querem dar dois passos e refrescar imediatamente a tosta num oceano gelado.

A solução, pelo menos no Inverno, seria termos – *thermos* – acesso à nossa temperatura interior.

Estes 37 graus que temos constantemente, e que atingimos sem sermos consultados, dariam muito jeito.

Bastaria uma válvula como as da panela de pressão: um cateter catita que pudéssemos abrir e fechar conforme as necessidades de vapor quentinho.

ZOOM POLÓNIA

LUKASZ CYNALEWSKI/WYBORCZA/REUTERS

Um homem pedala perto de elevados níveis de água do rio Nysa Klodzka, na hidroeléctrica de Glebinow, Nysa, na Polónia. A tempestade *Boris* já provocou sete mortes, inundações e inúmeros estragos na Europa Central e Oriental

P

publico.pt

Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Agosto **19.838 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

Um momento decisivo para a Europa

Lídia Pereira

Mario Draghi apresentou o seu relatório sobre o futuro da competitividade europeia. Era um momento muito esperado na "bolha" da política europeia, mas pode e deve ser uma oportunidade para todos — cidadãos, governos, instituições europeias — tomarem consciência da urgência de uma mudança drástica de políticas. Passaram 12 anos desde que Draghi disse que faria "*o que fosse preciso para salvar o euro*" e, hoje, as suas palavras voltam a ganhar dimensão estratégica, quando afirma: "*Na nossa unidade, temos de encontrar força para reformar.*"

A União e a sua história provam que o aprofundamento da integração tem resultado de crises e da visão de personalidades comprometidas com a causa europeia. Teríamos emitido dívida conjunta e lançado um plano com a escala do Mecanismo de Recuperação e Resiliência sem a pandemia? Estaríamos a discutir o investimento na União Europeia de Defesa sem a invasão russa da Ucrânia? Por outro lado, teríamos a União Económica e Monetária de hoje sem o relatório Delors? Hoje, convergem crises múltiplas com um cenário internacional complexo e imprevisível, mas também com a oportunidade de contarmos com a visão de pessoas como Mario Draghi. Desta vez, deixar o relatório na gaveta não significa apenas ignorar trabalho, mas sim desperdiçar um impulso reformista que, não sendo aproveitado, pode hipotecar o nosso futuro.

O que diz o relatório?

Draghi diz-nos aquilo que já sabíamos, mas que muitos parecem querer ignorar: a Europa está a perder competitividade face aos seus principais concorrentes. Apenas quatro das 50 maiores empresas tecnológicas do mundo são europeias. Mas falemos das nossas vidas: desde 2000, o rendimento real disponível das famílias norte-americanas subiu quase o dobro do das famílias europeias. A prazo, com o inverno demográfico, os baixos níveis de produtividade, um crescimento económico abaixo do necessário e níveis de investimento humildes, a nossa economia social de mercado está em causa.

Por isso, o relatório aponta três áreas de ação: combate ao *innovation gap* ("défice de inovação"), sobretudo face aos Estados Unidos e à China; aposta na descarbonização como fonte de crescimento; e um objetivo geoestratégico de aumento da segurança e redução de dependências. Draghi apresenta um conjunto de sugestões em áreas setoriais (destaco as energias limpas, a defesa, os semicondutores e a computação e inteligência artificial) e áreas horizontais (aceleração da inovação, combate ao défice de competências, governação, entre outras).

O que podem e devem retirar do relatório os decisores políticos?

Este documento não é um plano de trabalho da Comissão ou do Parlamento e nem sequer um "acordo" entre os governos nacionais; assume-se como uma base de trabalho para todos estes. Importará debater, até pelo caráter disruptivo de algumas ideias, mas o importante é fazer. Eu retiro três ideias fundamentais: a primeira, a da necessidade de passar do diagnóstico à terapêutica, ou seja, não perder tempo na adoção das reformas que são urgentes; a segunda, a de que as políticas europeias têm de ser mais coerentes entre si e com a legislação nacional dos 27, reduzindo obstáculos que vão para além dos custos de contexto; a terceira, a de que a dimensão dos desafios que temos pela frente (a começar pela transição verde e digital, chegando à defesa e passando pela dinamização do Mercado Interno e de uma União Económica e Monetária completa) compreende uma necessidade de financiamento de larga escala, sem precedentes na história europeia, pelo que a mobilização de investimento público sustentável e de qualidade e a atração de investimento privado são pilares fundamentais de qualquer estratégia para a competitividade.

Deixar o relatório Draghi na gaveta significaria desperdiçar um impulso reformista que, não sendo aproveitado, pode hipotecar o nosso futuro

O que fazer para aproveitar as 170 propostas do relatório?

Uma das grandes vantagens deste relatório é a determinação de objetivos amplos acompanhados de propostas concretas, identificadas como prioridades de curto, médio e longo prazo. Devemos tirar partido desta abordagem pragmática.

Por outro lado, considerando a autocrítica feita ao nosso complexo legislativo, abre-se uma janela de oportunidade para que todos nós, decisores, concentremos esforços em legislação mais coerente, congruente e harmonizada, sem a multiplicar. Por outras palavras, legislar menos e melhor, revendo quadros legais em vigor, no sentido da eliminação de obstáculos legais e administrativos à inovação e à competitividade.

Chegou o momento de responder à urgência do resgate da nossa competitividade, de "encontrar força para reformar", de mobilizar os esforços de todos aqueles que têm capacidade de decisão. Em Portugal, o ímpeto reformista deste Governo é um bom exemplo daquilo que podemos e devemos fazer a nível europeu, mas é também um exemplo paradigmático daquilo que podemos esperar: a tentativa das forças de bloqueio de manter o *statu quo*. O Governo da Aliança Democrática, em Portugal, ultrapassará essas forças de bloqueio. E será exemplo para uma União Europeia que tem de dar o passo em frente, em nome do futuro.

Eurodeputada do PSD; vice-presidente do Grupo do Partido Popular Europeu no Parlamento Europeu

Igual não pode ficar

Bruno Gonçalves

O mundo mudou muito nos últimos anos. Depois de uma pandemia global e uma guerra nas fronteiras externas da União Europeia, à agenda política voltaram temas antigos, como a autonomia industrial, a geoestratégia ou a segurança, nas quais o nosso continente pouco ou nada investiu (e, muitas vezes, nem pensou) durante o passado recente.

Foi neste contexto que, esta semana, conhecemos o relatório de Mario Draghi sobre o futuro da competitividade europeia. A sua tese central é clara: estamos a ficar para trás em áreas críticas (energia, indústria, inovação, defesa, etc.) e só um esforço comum permitirá recuperar terreno. Não implementar as suas propostas trará, nas palavras de Draghi, uma "agonia lenta" à UE — ou seja, igual não pode ficar.

O ex-presidente do Banco Central Europeu deixou um caderno de encargos aos líderes europeus e nacionais que inclui (1) eliminar a fragmentação do mercado único, causa de menor eficiência e duplicação de burocracia, (2) priorizar os setores com mais potencial, para aí concentrar recursos, e (3) desbloquear mais, muito mais investimento privado e público, incluindo através da emissão de dívida europeia.

A primeira proposta não é polémica. A segunda pode alimentar o debate público em Portugal, colocando sob escrutínio o corte transversal do IRC, proposto pelo Governo da AD — em contradição com a recomendação de concentrar a margem para investir em setores críticos, com mais potencial. Já a última está longe de ser consensual.

Apesar da experiência bem-sucedida na resposta europeia à pandemia, a proposta de emitir dívida comum terá provocado reações completamente diferentes nas 27 capitais. Há países entusiastas, enquanto outros rejeitam contribuir para essa solução pela fatura elevada que Draghi apresentou.

Em falta, como é hábito, está a reflexão sobre o custo de não investir e de não executar. Não apostar em inovação e tecnologias de ponta, desperdiçando a geração mais qualificada de sempre? Abdicar da descarbonização, permitir degradação ambiental e convidar ao aumento de eventos climáticos extremos? Continuar a perder capacidade industrial, aumentando a nossa exposição a fornecedores externos? No final das contas, sai mais caro aos europeus a falta de investimento do que o seu contrário.

Esta é a "agonia lenta" de que Draghi nos fala. Uma Europa que se torne progressivamente secundária, mais satélite do que líder, menos influente e mais influenciada, menos presente e menos capaz. Uma Europa que não faça cumprir as aspirações dos seus cidadãos, que não lhes entregue melhores condições de vida, tornando-se também mais vulnerável aos cantos de sereia dos populismos antidemocráticos. Não é essa a Europa que queremos. Precisamos, portanto, de uma estratégia industrial que promova sintonia entre trabalhadores, empresas e o Estado, seja a nível local, nacional ou europeu, e que seja sustentável em todas as dimensões. Ambiental, por reduzir as emissões poluentes. Social, por gerar mais emprego qualificado e melhores salários. Económica, por oferecer novas oportunidades e criação de valor. Territorial, por recuperar dinamismo para regiões e zonas esquecidas.

Portugal tem a oportunidade de participar e beneficiar neste processo. Temos uma geração jovem altamente qualificada, com ambição e qualidade, que compete com os melhores a nível mundial. Temos potencial para integrar as cadeias europeias de produção renovável. Temos margem orçamental, deixada pelo anterior Governo, que nos permite investir de forma pensada e consequente.

A mudança tem um preço, sem dúvida. Mas o custo de perder o barco da nova economia é muito maior.

Eurodeputado do PS

O PSD só não terá Orçamento do Estado se não quiser

Ricardo Paes Mamede

RUI GAUDÊNCIO

Desde o dia 10 de Março que sabemos que seria assim: o Governo precisa do voto favorável do Chega ou da abstenção do PS para aprovar o Orçamento do Estado (OE) para 2025. As alternativas são duas: ou há novas eleições, ou o Governo terá de gerir o país em duodécimos. Nenhuma delas é, em princípio, melhor do que a aprovação do OE.

Por um lado, há um grande risco de que a realização de eleições antecipadas resulte numa configuração parlamentar semelhante à actual, ou ainda mais complicada: caso o PS ficasse em primeiro lugar com uma maioria de direita no Parlamento, seria ainda mais difícil aprovar o OE ou qualquer outra medida de fundo. Também para o PSD e para o Chega, ir a eleições neste contexto seria um risco, provavelmente inútil. Para grande parte dos eleitores, seria um factor acrescido de frustração com a democracia.

Por sua vez, a governação por duodécimos, nas circunstâncias actuais, tem poucas vantagens. Na perspectiva do Governo, colocaria restrições indesejáveis: o Estado ficaria limitado a uma execução orçamental mais rígida, não podendo (em geral) ultrapassar em cada mês, para cada área de governação, o equivalente a 1/12 do que estava inscrito no OE do ano anterior. Isto poderia impedir, em alguns casos, o reforço das verbas em áreas necessitadas ou a realização de novos investimentos considerados indispensáveis.

Dito isto, importa moderar as visões catastróficas sobre o tema (que o Presidente da República parece apostado em alimentar). Governar em duodécimos retira alguma flexibilidade, é certo, mas não faz parar o país. A Lei de Enquadramento Orçamental prevê diversas válvulas de escape, que permitem ao governo de turno ultrapassar grande parte das restrições. Direitos dos trabalhadores e prestações sociais, projectos de investimento em infra-estruturas ou contratos de longo prazo aprovados em anos anteriores que envolvem despesas plurianuais, a execução dos fundos europeus, ou despesas urgentes e inadiáveis são algumas excepções previstas na lei que permitem ao Estado gastar mais do que a regra dos duodécimos pressupõe.

Ou seja, governar em duodécimos é menos conveniente para quem está no poder do que ter o OE aprovado, mas não é o fim do mundo. Ter de gerir o Estado em duodécimos traria até algumas vantagens ao Governo: serviria sempre como justificação para a dificuldade em responder a algumas reivindicações com impacto orçamental, ajudando a cumprir as metas para as contas públicas. Acresce que os duodécimos não impediriam o Governo de tomar medidas de que outros partidos discordam (e.g., a privatização da TAP ou os negócios privados da saúde), desde que não se ultrapassassem os limites orçamentais e existissem maiorias pontuais no Parlamento para as aprovar.

A direcção do PS está numa situação particularmente difícil. Se viabilizar a proposta de OE do Governo, será acusada pelos partidos à sua esquerda de convivência com a governação da AD, perdendo também apoio junto de muitos militantes e simpatizantes que apostaram numa viragem do partido à esquerda (o que quer que isso signifique na prática). Se não viabilizar o OE, será acusada pelos partidos de direita, a generalidade dos comentadores e os sectores mais centristas do PS (incluindo muitos autarcas socialistas que vão eleições em 2025) de irresponsabilidade política e de prejudicar o país. Mesmo que conseguisse combater esta narrativa num cenário de eleições antecipadas (o que não seria fácil), regressar agora ao poder com uma maioria parlamentar de direita seria inconsequente.

A situação do Chega é um pouco menos difícil, mas não muito. Grande parte do seu eleitorado parece disponível para aceitar todas as cambalhotas, mentiras e contradições do líder, o que reduz os danos de qualquer opção. Ainda assim, enquanto partido que se alimenta da indignação, não quer ser visto como conivente com o poder de turno, aprovando o OE a troco de nada. Mas se, ao invés, inviabilizar uma governação "não-socialista" poderá perder apoio de uma parte do seu eleitorado (e de quem financia o partido).

O PSD está numa posição negocial vantajosa. A vantagem seria maior, se as coisas tivessem corrido melhor até aqui

As circunstâncias descritas deixam o PSD numa situação relativamente confortável, qualquer que seja o cenário: se a sua proposta de OE passar, o Governo ganha flexibilidade na gestão financeira do Estado e tempo para se consolidar no poder; se o OE for chumbado e houver novas eleições, o PSD acusará os partidos da oposição de criar instabilidade no país, podendo com isso ganhar votos à direita e ao centro (o que lhe aumentaria a margem negocial, mesmo que continuasse em minoria no Parlamento); se tiver de governar em duodécimos, o PSD tentará passar a ideia de que as dificuldades da governação se devem à oposição.

O PSD está, pois, numa posição negocial vantajosa. A vantagem seria maior, se as coisas tivessem corrido melhor até aqui. Apesar da sucessão de anúncios de medidas populares desde a tomada de posse do Governo, a persistência de problemas com grande visibilidade pública - na saúde, na educação, na habitação ou na justiça - não permitem, nesta fase, aspirar a uma vitória por maioria absoluta em cenário de eleições antecipadas. Sendo assim, o melhor é mesmo ter o Orçamento aprovado – e o PSD sabe o que é preciso para o conseguir.

Nem PS nem Chega estarão disponíveis para viabilizar o OE sem obterem ganhos de causa relevantes. As exigências extravagantes do Chega tornam uma eventual negociação com este partido ainda mais penalizadora para o PSD, que se arriscaria a perder apoio junto dos eleitores moderados. Por isso, vira-se para o PS, conhecendo as dificuldades que os socialistas enfrentam num cenário de eleições antecipadas, mas também aquelas com que se defrontariam, caso viabilizassem o OE sem poderem reivindicar qualquer vitória.

O PS facilitou a vida ao PSD ao destacar o IRS Jovem e a descida do IRC como pontos centrais de discórdia. Ao contrário do que se diz, a identificação de linhas vermelhas não é sempre um entrave à negociação. É verdade que, ao explicitá-las, a direcção do PS fixou para si um ponto de não-retorno – como o comandante que manda destruir as pontes que as suas tropas atravessaram para invadir o território inimigo. Isto não quer dizer que a guerra é inevitável – significa apenas que ninguém irá fugir em caso de conflito. Se o PSD quiser mesmo evitá-lo, sabe o que tem de fazer: dar esse ganho de causa ao PS. Não será grande derrota para um partido que chegou ao poder por uma unha negra. Nem é isso que impedirá o Governo de prosseguir grande parte do seu programa. Se o país ganha com isso, é outra história.

Economista e professor do ISCTE

PS aceitou primeiro OE de Cavaco, CDS e ilhas "salvaram" Guterres

Cavaco Silva e António Guterres conseguiram aprovar os seus primeiros orçamentos, mas não foi fácil

Ana Sá Lopes

Cavaco Silva queixou-se muito de ter visto o seu primeiro Orçamento "desvirtuado" na especialidade, mas a verdade é que foi aprovado por uma grande maioria na Assembleia da República: além do PSD e CDS (que votaram a favor), a abstenção do PS e do Partido Renovador Democrático – a força política que emergiu naqueles anos à sombra do Presidente da República Ramalho Eanes – "ajudaram" Cavaco a ter um orçamento sem maioria.

Na época, o PS tinha saído de uma enorme derrota eleitoral (20,8% dos votos) e ainda não tinha resolvido o problema da sucessão de Mário Soares, que viria a ser eleito Presidente da República numa segunda volta – contra Diogo Freitas do Amaral – realizada em Fevereiro de 1986. Vítor Constâncio só será eleito secretário-geral do PS em Junho de 1986.

Tinha sido Almeida Santos a cumprir o doloroso dever de dar a cara pelo PS nas eleições legislativas, uma vez que Mário Soares já tinha saído da liderança do partido para se candidatar a Belém. É Almeida Santos que fala pelo partido na altura da aprovação do Orçamento do Estado para 1986, acusando o primeiro-ministro de ser um exemplo de "neoliberalismo", assim como o Orçamento que apresentou.

Em Março de 1986, Almeida Santos diz na Assembleia da República: "Este não é o nosso Orçamento. Este é, a muitos títulos, um antiorçamento, reflecte opções que não são as nossas, escolhe caminhos pelos quais não vamos. Esforçar-nos-emos seriamente por melhorá-lo", disse Almeida Santos durante o debate orçamental.

O histórico socialista criticou a política fiscal do primeiro Governo Cavaco - o PS não compreendia "que quem trabalhe continue a ser fiscalmente mais penalizado do que quem vive dos rendimentos" e atirou-se também à estratégia de construção pública que viria a ser uma constante da esquerda durante os anos do cavaquismo: os ataques à "política de betão".

Almeida Santos, logo na discussão do primeiro Orçamento Cavaco, deve ter sido dos primeiros e enunciar essas críticas: "O Governo - que tem mais meios, mas pelos vistos não tem alma - optou pelo betão armado. Era uma opção possível. Mas, nas actuais circunstâncias, uma opção errada."

Mas o PS lá se absteve em relação ao primeiro Orçamento de Cavaco Silva. Dificilmente a opção podia ser outra, porque Almeida Santos diz que "o Orçamento sendo mau é portador de algumas melhorias relativamente aos anos de rotina orçamental inveterada". Aliás, Almeida Santos considera que "o que há de bom nesta proposta de Orçamento do Estado não é creditável ao Governo" e que "os méritos" da proposta deveriam "com justiça ser repartidos com o anterior executivo".

Descaracterizar o OE

O anterior executivo era o Bloco Central, dirigido pelo PS, com Mário Soares como primeiro-ministro, em coligação com o PSD de Mota Pinto, que aplicou um programa de grande austeridade depois de ter pedido um empréstimo ao FMI. A seguir à morte de Mota Pinto, Cavaco Silva é eleito presidente do PSD e rompe a coligação.

Entretanto, em 1986, Portugal entra na União Europeia – na época Comunidade Económica Europeia, CEE – e Cavaco Silva já beneficia dos fundos europeus. Daí o discurso de Almeida Santos sobre "algumas melhorias" relativamente aos antigos orçamentos.

No entanto, a discussão na especialidade é marcada por grande tensão entre Parlamento e Governo. Na sua *Autobiografia* Cavaco Silva escreve que, "face à acção dos partidos da oposição visando descaracterizar o Orçamento (...), o Governo procurou dramatizar a situação, convicto de que isso jogava a seu favor".

O primeiro-ministro faz uma comunicação ao país a seguir ao Telejornal, a 8 de Abril de 1986. "Denunciei as alterações introduzidas na proposta de Orçamento apresentada pelo Governo, as quais se traduziam em despesas públicas desnecessárias, aumento do consumo e benefícios para grupos que não eram os mais desfavorecidos da sociedade portuguesa", escreve Cavaco. E sinaliza também uma coisa que o último Governo PS popularizará sob o nome de "contas certas": "O meu objectivo, ao falar ao país sobre o Orçamento, era também a de passar a mensagem de que o Governo atribuía grande importância ao rigor na gestão dos dinheiros públicos."

As alterações introduzidas no Orçamento pela oposição (que levaram Cavaco Silva a pedir um parecer a Teixeira Ribeiro, professor da Universidade de Coimbra, que considerou que muitas seriam inconstitucionais, "dando razão às [suas] queixas da interferência da Assembleia nas áreas de competência própria do Governo") acabaram por revelar-se fonte de ganhos políticos para o primeiro-ministro.

"A mensagem de que a Assembleia obstruía sistematicamente a acção do Governo passou para a opinião pública. O Governo, sendo minoritário, surgia como a vítima e acumulava capital de queixa: queria resolver os problemas do país e a oposição não deixava", escreve Cavaco. Luís Montenegro, pelo que se viu nestes cinco meses de governo, leu com toda a atenção esta frase e esforçou-se por pôr em prática a mesma estratégia.

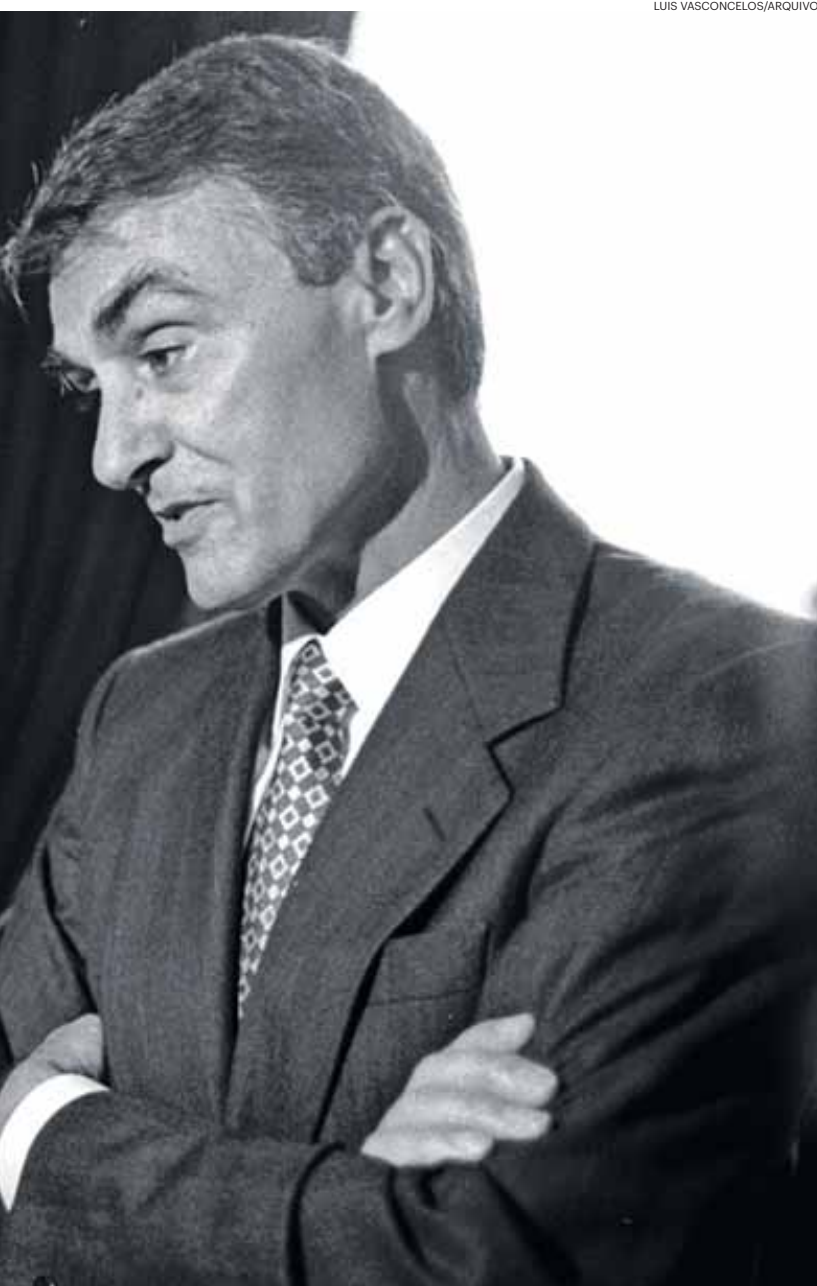
Não só o Orçamento passou com os votos do PS, como também uma moção de confiança que Cavaco decidiu apresentar em Junho de 1986 foi aprovada, neste caso com os votos do CDS e do PRD. A partir daí, Cavaco fez o caminho até às duas maiorias absolutas.

Viabilização saiu cara ao PS

Marcelo Rebelo de Sousa repete tantas vezes que deixou passar três orça-

O secretário-geral do PS, António Guterres, conversa com o primeiro-ministro, Cavaco Silva, durante a sessão solene do 5 de Outubro de 1994

> **Este não é o nosso orçamento (...) Esforçar-nos-emos seriamente por melhorá-lo**
>
> **Almeida Santos**
> Deputado (em Março de 1986)

LUIS VASCONCELOS/ARQUIVO

mentos de António Guterres que quase nos esquecemos de que o PSD votou contra, em 1995, o primeiro Orçamento de António Guterres.

É verdade que Marcelo ainda não era líder do PSD. Só seria eleito em Fevereiro de 1996. A situação entre os sociais-democratas era complicada – o líder que se apresentara a eleições, Fernando Nogueira, demitira-se na sequência da derrota nas legislativas.

Sem a possibilidade de ser o PSD a viabilizar o primeiro Orçamento Guterres, o Governo voltou-se para o CDS, então liderado por Manuel Monteiro. Foi numa célebre reunião no Hotel Altis, em Lisboa, que o acordo foi firmado. O CDS tinha elegido 15 deputados em 1995 e conseguiu que o Governo introduzisse no Orçamento várias propostas fiscais que o partido pretendia. Mas não foi só com a abstenção do CDS que Guterres conseguiu salvar o seu primeiro Orçamento.

Os deputados do PSD dos Açores e da Madeira também foram decisivos para a aprovação das contas do Estado de 1996. A moeda de troca para a abstenção dos deputados insulares foi o compromisso do Governo de fazer subir a despesa pública a nível regional, nos dois arquipélagos, na mesma proporção que haveria de subir a nível nacional.

Marcelo Rebelo de Sousa absteve-se nos três orçamentos seguintes de António Guterres sem negociar nenhuma alínea concreta do Orçamento. Em nome da adesão de Portugal ao euro – em 2000 – como tem sido repetido à exaustão.

A verdade é que não foi assim tão barato o compromisso de Marcelo com Guterres. O novo líder do PSD exigiu, como moeda de troca para aprovar a revisão constitucional, os referendos ao aborto e regionalização. Se Guterres recusasse as condições de Marcelo para a revisão constitucional, o PSD não viabilizaria os orçamentos de Guterres.

É capaz de ter sido a moeda de troca mais cara para uma viabilização de orçamentos: o referendo do aborto, em 1998, adiou por dez anos a despenalização da interrupção voluntária da gravidez em Portugal. A regionalização ainda hoje não existe, apesar de estar na Constituição desde 1976.

Falta menos de um mês para a entrega do OE

O que os partidos disseram sobre o Orçamento do Estado para 2025

Falta menos de um mês para a entrega do Orçamento do Estado (OE) para 2025 e os partidos têm aproveitado a agenda política para marcar posição sobre o documento e as reuniões que têm decorrido com vista à viabilização do Orçamento.

CDS pede estabilidade

O presidente do CDS-PP apelou ontem ao bom senso nas negociações para o Orçamento do Estado para 2025, o que para Nuno Melo significa que "todos têm de ceder, sem esquecer a vontade do eleitorado". "É desejável um compromisso para o país ter orçamento, para o país ter estabilidade. Mas tem de haver bom senso, o que significa que todos têm de ceder, sem esquecer a vontade do eleitorado", afirmou Nuno Melo em Ponte de Lima, durante a *rentrée* política do partido. Nuno Melo, repetiu assim o argumento do primeiro-ministro, e garantiu que o Governo PSD/CDS-PP "já mostrou que está aberto a negociar", e apelou "ao sentido de responsabilidade da oposição", porque os "portugueses estão cansados de eleições e querem estabilidade, e isso passa pela aprovação do Orçamento do Estado".

PCP aposta que OE será aprovado

Já o secretário-geral comunista, Paulo Raimundo, disse ontem que "quase que aposta" que o OE2025) vai ser aprovado, mas garantiu desde já que o PCP "não acompanha" este documento.

Para o PCP, garantiu, "a opção de voto está clara". "Não conhecemos o documento em concreto, mas tenho de admitir uma certa coerência do Governo: disse ao PS, disse a todos, que é um Orçamento de Estado que tem balizas", afirmou, enumerando: o programa do Governo, os constrangimentos orçamentais impostos pela União Europeia e as opções de fundo do executivo PSD/CDS-PP, liderado por Luís Montenegro.

BE sacode a pressão

A coordenadora do Bloco de Esquerda considerou este domingo que compete ao Presidente da República e ao Governo uma decisão sobre recurso a eleições legislativas antecipadas em caso de chumbo da proposta de Orçamento do Estado para 2025.

"Essa decisão está nas mãos do Presidente da República e do próprio Governo. E como nós sabemos há jurisprudência sobre isso a partir do Presidente da República. Mas essa é uma decisão que cabe quer ao primeiro-ministro e ao Governo, mas, sobretudo, ao Presidente da República", declarou a coordenadora do Bloco de Esquerda.

Ventura e o Governo "cata-vento"

O líder do Chega, André Ventura, comparou ontem o Governo a um cata-vento que vira "para onde sobreviver politicamente" e acusou-o de não querer verdadeiramente negociar o próximo Orçamento do Estado.

"O Governo é um cata-vento neste momento, é para onde sobreviver politicamente. Isto mostra que não tem a responsabilidade e a necessidade de competência que nós precisávamos para o tempo que se avizinha", disse André Ventura.

Os partidos têm aproveitado a agenda política para marcar posição sobre o documento e as reuniões que têm decorrido com vista à viabilização do Orçamento

Livre e as "migalhas" do OE

O porta-voz do Livre, Rui Tavares, criticou ontem, na rentrée do partido, que o Governo por querer negociar "migalhas" no Orçamento do Estado.

Rui Tavares acusou o Governo de, ao dizer "que não vai mexer no IRC das grandes empresas e no IRS Jovem de quem ganha mais", estabelecer que o que vai discutir com os restantes partidos serão "as migalhas". "É uma estranha forma de governar para um governo que não tem maioria. Parece que querem mesmo criar uma crise política e ir para eleições", disse Rui Tavares

PAN: Governo faz "monólogo"

A porta-voz do PAN afirmou sábado à noite que se o Governo PSD "continuar num monólogo" na discussão do Orçamento de Estado para 2025 não contará com o apoio deste partido. OE2025.

"O Governo, se continuar nesta rota, não só de monólogo, mas também de falta de sensibilidade para aquilo que é hoje uma visão mais plural na Assembleia da República, e de consciência até que um Governo de minoria não é um Governo maioritário, e que tem, por isso, de dialogar efectivamente com todas as forças políticas, não contará efectivamente com o apoio do PAN", disse Inês Sousa Real na rentrée política do partido.

PÚBLICO/Lusa

DANIEL ROCHA

Orçamento tem de chegar à Assembleia até 10 de Outubro

Bodycams: CNPD contra guarda de imagens pelo vendedor

Parecer da Comissão de Protecção de Dados sobre a utilização de *bodycams* pela Polícia Marítima tem 13 recomendações. Câmaras terão de ser reconfiguradas

Sónia Trigueirão

No parecer que emitiu sobre a utilização das 112 câmaras portáteis de uso individual (*bodycams*) adquiridas pela Polícia Marítima (PM), a Comissão Nacional de Protecção de Dados (CNPD) faz 13 recomendações e coloca, sobretudo, reservas quanto à solução para o armazenamento de imagens que estava prevista.

Tal como o PÚBLICO noticiou, a Autoridade Marítima Nacional (AMN), cuja tutela pertence ao Ministério da Defesa, disse que as imagens iam ser" armazenadas numa *cloud* do fornecedor, fazendo parte do contrato de compra". A CNPD refere que esta solução vai contra os alertas da própria Autoridade Europeia para a Protecção de Dados (European Data Protection Supervisor – EDPS). Os elementos desta força de segurança só poderão utilizar estes equipamentos, anunciados há dez meses, quando estiverem resolvidas todas estas questões.

As câmaras foram adquiridas no âmbito de um concurso público, lançado pela Direcção-Geral da Autoridade Marítima e publicado em Diário da República em Março de 2023. O vencedor acabou por ser o revendedor da Axon em Portugal, que é a Antero Lopes, a mesma empresa que tem impugnado o concurso do Ministério da Administração Interna (MAI) para a aquisição da plataforma de videovigilância e *bodycams* da PSP e da GNR.

A CNPD diz que, "tratando-se de dados relacionados com matéria de eventual prevenção, detecção, investigação ou repressão de infracções penais, ou de segurança nacional, nomeadamente de uso probatório, sob responsabilidade de Órgão de Polícia Criminal português, deverá ponderar-se a utilização de servidores locais ou nacionais, em qualquer caso, sob domínio do responsável pelo tratamento, e especialmente criados para esse fim".

Explica a CNPD que "a plataforma de nuvem onde a Axon Evidence. com está alojada é a Azure, gerida pela Microsoft Corporation, com sede nos Estados Unidos, país terceiro em relação à União Europeia", e que, sobre este ponto sensível, "não poderá deixar de referir-se que, em 16 de Junho de 2018, a EDPS publicou as "*Guidelines on the Use of Cloud Computing services by the European Institutions and Bodies*", ou seja, as directrizes sobre a utilização de serviços de *cloud* (nuvem) pelas instituições e órgãos europeus.

[As *bodycams* têm de ser] configuradas de acordo com as restrições legislativas para o seu uso

Parecer da Comissão Nacional de Protecção de Dados

Os riscos da '*cloud*'

Para a CNPD, nessas directrizes "constavam alertas e recomendações acerca da utilização dos serviços '*cloud*' e dos seus riscos para a protecção de dados, que, apesar de dirigidos a instituições, órgãos e

As 13 recomendações da Comissão Nacional de Protecção de Dados

A Comissão Nacional de Protecção de Dados (CNPD) emitiu 13 recomendações. Veja aqui quais são.

1. Determinar em que situações os elementos da PM podem utilizar as *bodycam*;

2. Garantir que as câmaras sejam pré-configuradas antes da sua colocação em utilização pelos operadores, sem possibilidade de poderem ser alteradas essas configurações nos aparelhos ou pelos operadores;

3. Garantir que a encriptação nas câmaras está activa para o conteúdo do disco onde as imagens e som são gravados, não só na utilização de recolha de imagens e som, mas também no processo de transferência dos dados captados e guardados;

4. Garantir a rastreabilidade subjectiva e objectiva de qualquer operação, bem como em relação a qualquer acesso aos dados, entendendo-se por "acesso" qualquer intervenção realizada no sistema que tenha por objecto, as referidas gravações;

5. Garantir que as câmaras não podem operar no modo gravação sem terem sido previamente atribuídas a um agente/operador.

6. Garantir a impossibilidade de utilização, controlo ou alteração de definições através de aplicação para *smartphone*, ou através de tecnologia Wi-Fi ou LTE;

7. Garantir que o *buffer* de gravação do aparelho se restringe aos 30 segundos;

8. As câmaras têm também a capacidade de funcionar em *stealth mode*, modo furtivo, onde todos os indicadores luminosos, sonoros e de vibração são desligados. Garantir que é desactiva esta funcionalidade;

9. Garantir a não utilização de informação ou uso de geolocalização quando não se esteja a proceder a gravação;

10. Desactivar a função *mute*;

HORÁCIO VILLALOBOS/GETTY IMAGES

11. Configurarem-se os aparelhos para registarem "marca de água";

12. Tratando-se de dados relacionados com matéria de eventual prevenção, detecção, investigação ou repressão de infracções penais, ou de segurança nacional, nomeadamente de uso probatório, sob responsabilidade de OPC português, deverá ponderar-se a utilização de servidores locais ou nacionais, em qualquer caso, sob domínio do responsável pelo tratamento, e especialmente criados para esse fim;

13. Garantir o cumprimento do prazo de conservação de 30 dias que a legislação determina

Ministério da Defesa diz que a utilização de *bodycams* "cumprirá todos os preceitos legais" e respeitará o parecer da protecção de dados

agências europeias, serão também para aqui transponíveis, pela natureza dos dados e qualidade subjectiva dos responsáveis pelo tratamento no caso presente, que deverá tomá-las em consideração na avaliação do uso destes serviços".

Além disso, "após uma investigação sobre a utilização do Microsoft 365 pelas instituições europeias", a mesma autoridade emitiu, "a 8 de Março de 2024, uma ordem de limitação de utilização deste *software*, exactamente por ter recolhido provas de que o sistema em causa não é seguro".

Sublinha a CNPD que "a circunstância de, em 10 de Julho de 2023, a Comissão Europeia ter adoptado uma decisão de adequação em relação à transferência internacional de dados entre a União Europeia e os Estados Unidos, que inclui a empresa Microsoft, não afasta as razões que acabam de se invocar nos termos que aqui se expuseram, uma vez que o risco de possibilidade de transferências deste tipo de dados deve, simplesmente, procurar eliminar-se".

Acresce, de acordo com a CNPD, que as *bodycams* têm de ser "configuradas de acordo com as restrições legislativas para o seu uso e não devem permitir configurações distintas daquelas, devendo ser criados mecanismos técnicos e de segurança que impeçam esses riscos, tanto mais se puderem ser realizadas à distância e a qualquer momento e, eventualmente, sem registos que permitam esse controlo, bem como riscos de intrusão".

Por exemplo, a Protecção de Dados salienta o facto de, sem configuração adicional, as câmaras não gravarem o som do período pré-evento, ou seja, dos 30 segundos, definidos legislativamente, imediatamente anteriores ao momento de activação da gravação. Em causa está o facto de o *buffer* (parte da memória utilizada para guardar dados temporariamente) de gravação das *bodycams* adquiridas pela PM poder ser de até 120 segundos. Outra situação é que as câmaras permitem entrar no modo *mute*, modo esse em que não guarda o registo áudio quando está a gravar. A CNPD diz que esta função tem de ser desactivada.

Ao PÚBLICO o Ministério da Defesa Nacional afirmou que "a utilização de *bodycams* pela Polícia Marítima cumprirá todos os preceitos legais para o efeito, bem como respeitará as recomendações do parecer da CNPD".

Caso Ihor: mais cinco arguidos começam a ser julgados hoje

Joana Gorjão Henriques

Três inspectores estão na prisão pela morte de Ihor Homenyuk no centro do aeroporto de Lisboa. Julgamento começa hoje

Quase três anos depois de três inspectores do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) terem sido condenados, pelo Tribunal da Relação de Lisboa, a nove anos de prisão por causa da morte do cidadão ucraniano Ihor Homenyuk, está marcado para hoje, no Tribunal Local Criminal de Lisboa, o julgamento de outros cinco arguidos.

Além dos inspectores Duarte Laja, Luís Silva e Bruno Sousa – que estão a cumprir pena de prisão desde o ano passado, depois de esgotados todos os recursos, sem sucesso, vão agora a julgamento o ex-director de Fronteiras de Lisboa António José Sérgio Henriques, dois inspectores – João Agostinho e Maria Cecília Vieira – e dois seguranças, Paulo Marcelo e Manuel Correia. São acusados de vários crimes relacionados com a morte de Ihor Homenyuk em Março de 2020, no centro de instalação temporária do aeroporto de Lisboa, um caso que levou à reestruturação daquele espaço e culminou na decisão de extinguir o SEF e fundar a Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA). Em sequência desta morte, foi demitido António Sérgio Henriques e, nove meses depois, a directora do SEF, Cristina Gatões.

António Sérgio Henriques é acusado de denegação de justiça e prevaricação, os inspectores João Agostinho e Maria Cecília Vieira são acusados de homicídio negligente por omissão e os vigilantes Manuel Correia e Paulo Marcelo de sequestro e exercício ilícito de actividade de segurança privada. Dois dos arguidos – o ex-director de Fronteiras do SEF António Sérgio Henriques e o segurança Manuel Correia – pediram abertura de instrução, mas a juíza Carina Realista Santos afirmou que estavam "manifestamente indiciados" os factos que lhes estavam imputados.

Segundo a acusação, o ex-director de Fronteiras – que já tinha sido expulso da função pública em 2021 – participou no preenchimento do relatório de ocorrências que omitiu factos que levariam à abertura de processos disciplinares aos três inspectores já condenados.

Além de ser acusado de saber que Ihor Homenyuk tinha sido algemado à força, e deixado sem vigilância durante oito horas, a magistrada refere ainda que o ex-responsável viu o rosto daquele cidadão ucraniano "com inchaços que são muito sugestivos de episódios de agressão".

O segurança Manuel Correia, que também pediu abertura de instrução, alegou que quis acalmar Ihor Homenyuk, mas chega a julgamento acusado de o manietar, com o segurança Paulo Marcelo, e de o imobilizar com fita adesiva nos tornozelos e nos braços, privando-o da liberdade. Já os inspectores João Agostinho e Maria Cecília Vieira são acusados de saber que Ihor Homenyuk esteve algemado com as mãos atrás das costas durante oito horas e sem vigilância e de o não comunicarem aos seus superiores, nem lhe tirarem as algemas.

Este segundo processo surge em sequência do primeiro e do fim do julgamento. Na altura, o procurador do Ministério Público pediu extracção de certidão para averiguar a responsabilidade de mais intervenientes. Os cinco arguidos foram, assim, investigados num processo autónomo em 2020, mas a investigação só foi levada adiante depois de terminado o julgamento dos outros três inspectores.

Em julgamento de primeira instância, a defesa do inspector condenado Luís Silva alegou que os seguranças Paulo Marcelo e Manuel Correia deveriam ter sido constituídos arguidos; defendeu que aqueles inspectores estiveram apenas menos de 30 minutos com Ihor, enquanto diversos profissionais se cruzaram com ele durante várias horas. Os tribunais deram como provado que os arguidos Duarte Laja, Luís Silva e Bruno Sousa provocaram lesões traumáticas em Ihor Homenyuk que, juntamente com a posição em que o deixaram algemado, com as mãos atrás das costas, conduziram a asfixia mecânica, provocando-lhe a morte.

Ihor foi barrado na entrada em Portugal a 10 de Março de 2020 por suspeita de que queria vir trabalhar e não em turismo como alegou. A sua morte deveu-se a asfixia mecânica lenta, por constrição do tórax, associada a lesões traumáticas no tórax.

Hospital Central do Alentejo volta a derrapar para 2026. Faltam verbas para expropriações

Gina Pereira

Autarca diz que este novo adiamento era previsível dado o atraso dos trabalhos e lembra que o Governo não transferiu verba

A entrada em funcionamento do novo Hospital Central do Alentejo, em Évora, vai voltar a ser adiada: o Governo já assumiu que a obra não ficará pronta antes do primeiro trimestre de 2026 e o presidente da Câmara Municipal de Évora aguarda que o Governo transfira as verbas para que a autarquia possa avançar com as expropriações de terrenos que irão permitir a construção das acessibilidades.

Ao PÚBLICO, fonte do Ministério da Saúde explicou que, quando o Governo tomou posse, percebeu que "as obras estavam muito atrasadas", pelo que a nova data apontada para a entrada em funcionamento do novo hospital é agora o primeiro trimestre de 2026, depois de vários adiamentos no passado.

Contudo, há pelo menos uma parte do atraso que neste momento pode ser imputada ao Governo. Carlos Pinto de Sá, presidente da Câmara de Évora, diz que a autarquia está há vários meses à espera de uma decisão do executivo para poder avançar com as notificações aos proprietários para os informar de que os seus terrenos serão expropriados de modo a poder avançar com a construção das acessibilidades ao novo hospital.

"O problema não está resolvido. Aguarda-se que o Governo aprove a alteração ao Protocolo de Cooperação Estratégico em vigor que formalizará a passagem da competência das expropriações do Governo/ Administração Regional de Saúde do Alentejo (ARSA) para o município e a transferência da verba. A Câmara Municipal de Évora já desenvolveu todos os procedimentos possíveis e tem todo o processo pronto para notificar, conforme a lei, os proprietários", respondeu o autarca, lembrando que anda a falar deste assunto desde 2024. Acresce ainda a questão do financiamento da rede de água e saneamento, que aguarda a abertura de concursos de fundos europeus.

O valor apurado para as expropriações ronda os 450 mil euros. A Câmara Municipal de Évora revela que suportou os custos da elaboração do projecto de execução (avaliado em 575 mil euros) e que cabe agora ao Governo financiar a obra, orçamentada em 11,5 milhões de euros (incluindo IVA). O acesso terá cerca de 2,3 km com quatro faixas, duas em cada sentido. Segundo o autarca, "só é previsível que a obra tenha início em 2025".

450

Valor indicativo, em milhares de euros, estimado para as expropriações necessárias à construção do hospital

11,5

Valor previsto, em milhões de euros, incluindo IVA, para a obra, que deverá ser financiada pelo Governo

Valor da obra já aumentou

O PÚBLICO questionou o Ministério da Saúde sobre a responsabilidade deste atraso, mas não obteve resposta até à publicação deste texto. Recorde-se que a construção deste hospital já foi objecto de uma auditoria do Tribunal de Contas, devido a um diferendo com o empreiteiro, que reclamou mais dinheiro para a conclusão da obra, inicialmente orçada em cerca de 150 milhões de euros, mas que já aumentou para 204,8 milhões de euros.

Já quanto a mais uma derrapagem nos prazos de conclusão da obra - o anterior Governo chegou a prever que o hospital ficaria pronto em 2024, depois este Governo admitiu que seria só em 2025 e agora já assume que será só no primeiro trimestre de 2026 –, a autarquia admite que este novo atraso "já era esperado face ao andamento da obra no terreno" e alerta que, concluída a construção, ainda haverá que equipar o hospital, um processo que também demora o seu tempo e que pode condicionar a entrada em funcionamento.

O projecto do novo Hospital Central do Alentejo prevê 457 camas e mais de 30 especialidades e irá servir 150 mil habitantes do distrito de Évora e cerca de 440 mil de todo o Alentejo. É uma ambição antiga, uma vez que irá evitar que tenham de se deslocar a Lisboa para serem tratados.

Recorde-se que, em Junho, o primeiro-ministro Luís Montenegro anunciou que o Estado irá disponibilizar um terreno de 75 hectares próximo do futuro Hospital Central do Alentejo para a Universidade de Évora construir o seu pólo de saúde. O objectivo é integrar a Escola Superior de Enfermagem São João de Deus e a Escola de Saúde e Desenvolvimento Humano com o novo hospital. No futuro, esse edifício acolherá os cursos dessas escolas, bem como o futuro curso de Medicina, caso a universidade venha a conseguir obter a aprovação da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior, como desejou recentemente o primeiro-ministro na *rentrée* do PSD.

PAULO PIMENTA

Évora terá um novo hospital, mas a sua construção tem vindo a ser adiada

Autarca alerta

Falta alojamento para novos profissionais

Dada a escassez de habitação, uma das preocupações em cima da mesa é se haverá capacidade para garantir o alojamento dos novos profissionais de saúde que serão necessários para garantir o funcionamento do novo hospital. Para esse efeito, Carlos Pinto de Sá propõe que as instalações do actual Hospital do Espírito Santo sejam convertidas para habitação acessível para os profissionais que necessitem. Além disso, a autarquia já apresentou uma proposta ao anterior Governo para que, em colaboração com o município, avance com um projecto-piloto de "casas de função" com rendas acessíveis e por um determinado período para dar resposta ao problema da falta de habitação que também se vive na cidade.

DANIEL ROCHA

Anúncio do ministro da Educação, Fernando Alexandre, foi bem recebido

Abertura a alunos de fora melhora "diversidade nas escolas médicas"

Ana Maia

Os cursos de medicina nas faculdades públicas eram os únicos sem regime especial para alunos estrangeiros

É de forma positiva que faculdades e alunos viram o anúncio do ministro da Educação de que, a partir do próximo ano lectivo, as faculdades públicas de medicina vão poder receber alunos estrangeiros. "Isto já acontece para todos os cursos. Medicina pública era o único em que não acontecia", explica a presidente do Conselho de Escolas Médicas Portuguesas (CEMP). A proposta é que exista um contingente de vagas entre os 5% e os 15%, sem afectar as vagas do concurso nacional de acesso.

"As faculdades de medicina estão proibidas de receber estudantes internacionais", disse o ministro da Educação numa entrevista à TSF e ao *Jornal de Notícias*, explicando que o argumento é "de que há estudantes portugueses que vão para fora e então não vamos deixar vir estrangeiros". "É uma forma de olhar para o ensino superior que não é a melhor", afirmou, revelando que irá desbloquear esta situação já no próximo ano lectivo.

"Este ponto é muito importante para melhorar a diversidade nas escolas médicas, poder ter alunos que vêm de outros países com outros conhecimentos e ao mesmo tempo poder atrair docentes de outros países", disse ao PÚBLICO Helena Canhão, presidente do CEMP e directora da Nova Medical School. O tema já tinha sido abordado com anteriores governos e com o actual ministro da Educação, com quem tiveram uma reunião no final de Julho e voltarão a reunir-se nas próximas semanas.

Lembrando que os cursos de medicina públicos eram os únicos com esta limitação de receber alunos estrangeiros, Helena Canhão reforça "vantagens de qualidade" que o "aumento de diversidade" pode trazer, além de outros aspectos fundamentais. "Por exemplo, dá-nos a possibilidade de fazer duplo grau com universidades estrangeiras" e com isso trazer médicos que se formaram noutros países em faculdades com acordos com as nossas.

"Isto pode aumentar o número de médicos em Portugal com faculdades já reconhecidas com o nosso grau e o grau estrangeiro", diz, salientando que as vagas para receber alunos estrangeiros não colocarão em causa as vagas destinadas ao concurso nacional de acesso, feito com as notas de final do secundário.

"Nas faculdades existe o concurso nacional de acesso e depois concursos especiais. Isto é igual para todo o ensino superior. Há o concurso especial para licenciados, um outro para [alunos] internacionais. Medicina pública – as faculdades privadas de medicina podem ter estudantes internacionais - era a única que não tinha este concurso especial para internacionais", contextualiza.

Quanto à percentagem de vagas a ser atribuída a este contingente, Helena Canhão explica que consideram "que, em relação ao concurso nacional de acesso, tem de ficar entre os 5% e os 15%, que é o mesmo que acontece para todos os outros regimes especiais". Mexendo em "algumas percentagens" atribuídas a outros concursos "que não o concurso nacional de acesso". "Não vamos nunca retirar estes alunos."

Capacidade de investimento

Além da diversidade, esta alteração pode ser um contributo importante no financiamento. "O valor de um aluno internacional é muito aproximado, ou até superior, ao da propina das faculdades privadas para os alunos portugueses."

"Da nossa parte, achamos que faz todo o sentido, porque há esta capacidade de diversidade e polivalência que também interessa para a qualidade da formação", diz a presidente da Associação Nacional de Estudantes de Medicina (ANEM).

Rita Ribeiro salienta que a abertura a alunos internacionais "faz sentido do ponto de vista daquilo que é o princípio da equidade e igualdade entre os diferentes cursos". Além da relevância por permitir "também uma capacidade de investimento diferente nas escolas médicas". Não só no que se relaciona directamente com a internacionalização, mas também financeira.

Incêndios: Governo declara situação de alerta até ao final do dia de amanhã

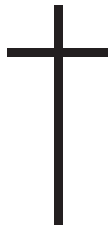
Carolina Amado

O Governo declarou situação de alerta para todo o continente desde as 13h de ontem e até às 23h59 de amanhã, com medidas excepcionais devido ao agravamento do perigo de incêndios rurais previsto pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera em grande parte do território nacional.

Em comunicado, vários ministérios salientam que serão implementadas diversas medidas de carácter excepcional, como a proibição do acesso, circulação e permanência no interior de determinados espaços florestais, proibição da realização de queimadas e queimas de sobrantes de exploração, e proibição de trabalhos nos espaços florestais com recurso a qualquer tipo de maquinaria (com excepção para as situações de combate a incêndios rurais).

Em função do estado de alerta, o Exército também anunciou ontem que vai reforçar o patrulhamento de prevenção a incêndios, colocando diariamente no terreno 80 militares. Em comunicado, esta força explicou que conta agora com 36 patrulhas no terreno, num total de 80 elementos por dia. "Com o agravar das condições meteorológicas e na sequência da declaração de situação de alerta em todo o país, o Exército reforçou o dispositivo de patrulhamento de prevenção a incêndios já existente em 12 patrulhas de vigilância e detecção nos distritos de Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria, Santarém e Viseu", frisou.

A Câmara Municipal de Sintra informou que o perímetro florestal da serra de Sintra será um dos espaços encerrados enquanto estiver em vigor a situação de alerta. "No perímetro florestal da serra de Sintra vigora, até às 23h59 do dia 17 de Setembro, a proibição do acesso, circulação e permanência no interior dos espaços florestais (pessoas e veículos), bem como nos caminhos florestais, caminhos rurais e outras vias que os atravessem", com excepção para moradores e trabalhadores locais e para veículos de socorro e protecção civil, lê-se num comunicado.

Estão ainda proibidos até amanhã em todo o continente trabalhos rurais com recurso a moto-roçadoras de lâminas ou discos metálicos, corta-matos, destroçadores e máquinas com lâminas ou pá frontal. O uso de fogo-de-artifício ou outros artefactos pirotécnicos também está proibido, incluindo os que já tinham autorizações emitidas. **com Lusa**

"Não podemos culpar os peões e dizer que se cumprissem as regras estaríamos seguros"

Wes Marshall Engenheiro de tráfego, percebeu que havia uma desconexão entre a teoria e os resultados. Começou a fazer perguntas. As respostas deram no livro *Killed by a Traffic Engineer*

Entrevista

Camilo Soldado

No filme *007 Goldfinger*, James Bond troca argumentos com o vilão sobre os seus planos para libertar gás nervoso em Fort Knox. "Vai matar 60 mil pessoas para nada", tenta dizer a personagem interpretada por Sean Connery. "Ah!", devolve-lhe Auric Goldfinger, "os condutores americanos matam o mesmo número a cada dois anos."

A cena é incluída pelo professor de Engenharia Civil na Universidade do Colorado Wes Marshall no seu livro *Killed by a Traffic Engineer* (2024, Island Press). Serve essencialmente para mostrar como olhamos com relativa normalidade para algo que nos devia alarmar: o número de mortes na estrada.

A origem do problema? A forma como estão concebidas a ruas e o sistema de transportes, defende o ao autor, em entrevista ao PÚBLICO, a partir de Denver. Wes Marshall trabalhou na área antes de se virar para a academia à procura de respostas. Analisou décadas de publicações especializadas norte-americanas para concluir que a engenharia de tráfego é uma "pseudociência", comparável à medicina arcaica, cujas práticas podiam levar (em percentagens alarmantes) à morte das pessoas que pretendiam salvar.

O trabalho já foi comparado ao livro de Donald Shoup *The High Cost of Free Parking* (2005), que levou a reformas da política de estacionamento em várias cidades dos Estados Unidos e é hoje uma referência mundial em urbanismo.

Num livro que mistura referências *pop* – que vão do filme *Velocidade Furiosa* à celebridade Marie Kondo – que procuram tornar acessível um assunto potencialmente árido e técnico, Wes Marshall defende que a solução pode estar nos sítios que, parafraseando a especialista em organização, "despertam alegria", nas ruas desenhadas a pensar nas pessoas, não nos carros.

Apesar de se debruçar sobre o caso norte-americano, a tese do autor encaixa no lema deste ano da Semana Europeia da Mobilidade, que começa nesta segunda-feira e se estende até domingo, dia 22: "Espaço Público Partilhado."

Houve algum momento em que se apercebeu que os engenheiros de tráfego estavam a contribuir para o problema e não a resolvê-lo?

Houve muitos momentos ao longo do tempo. Cresci nos arredores de Boston e, quando era miúdo, podia ir a pé ou de bicicleta para todo o lado. Já adulto, mudei-me para um sítio onde não podia sair da minha rua sem usar o carro. Isso de algum modo deixou-me louco. Depois de começar a exercer a profissão acabei por voltar para a pós-graduação e tive oportunidade de me debruçar sobre estes assuntos, de perceber por que razão fazemos o que fazemos. Quando comecei a dedicar-me mais à investigação sobre a segurança rodoviária, percebi que os dados nos dizem que temos um enorme problema de erro humano. Mas olho para as ruas e sinto que há uma certa desconexão. Sinto que colocámos muitas das pessoas [envolvidas em sinistros rodoviários] numa situação para falhar e elas falharam. Depois culpamo-las e pensamos que temos de os educar ou que precisamos de mais fiscalização. A certa altura pensei: "Isto não é aleatório. É sistémico."

Defende que os sinistros acontecem mais por falhas de concepção do que por erro humano.

Há muitos bons exemplos que se podem dar. Quando alguém atravessa a estrada fora da passadeira, é atropelado e morto por um carro e olhamos para os dados, vemos como um simples caso em que o peão não cedeu o direito de passagem ao condutor. É como se o peão ficasse a salvo, se se limitasse a seguir as regras. No entanto, temos de pensar no ambiente construído à volta desse peão. Se calhar, a passadeira mais próxima ficava a 800 metros de distância e não há passeios entre o local onde se encontra e a passadeira. Por vezes, quando há passadeira, está em condições horríveis. A pessoa não estava a tentar ser morta. Estava a fazer algo muito racional, tendo em conta o ambiente que lhe apresentámos. Por isso, dizer que se trata de erro humano parece-me pouco convincente. Deveríamos ter-lhe dado passeios ou um sítio melhor para atravessar. Há coisas que poderíamos fazer melhor.

Mas sabemos isso desde Jane Jacobs. Como é que se continua a desenhar ruas mais com base na eficiência da circulação do que na segurança?

Quase em todos os sectores os engenheiros dizem que a segurança é a nossa primeira prioridade. Isso não é verdade. Na Engenharia de Transportes, concentramo-nos mais na velocidade do veículo e na capacidade da via. Não apenas na capacidade para os automóveis de hoje, mas dos próximos 20 anos e é assim que medimos o sucesso.

Não estamos a medir o sucesso com base em ajudar as crianças a irem a pé ou de bicicleta para escola. É como se isso fosse algo em que não pensámos de todo. É quase como se assumíssemos que a segurança estaria presente desde que os carros se deslocassem rapidamente e de forma eficiente. E, mais uma vez, não era verdade.

Esse é um dos mitos que procura desmontar no livro. A investigação fê-lo olhar de outra

PAUL WEDLAKE

forma para outras ideias estabelecidas?
Há aspectos que foram ensinados a todos os engenheiros de tráfego, que tem como base a Engenharia Civil, com aulas sobre engenharia de estruturas, hidráulica, entre outras disciplinas. Nessas aulas, temos a ideia de um factor de segurança: quanto maior, melhor.

Uma das coisas que nos ensinaram é que as estradas mais largas são mais seguras, porque dão às pessoas mais margem. Mas as pessoas comportam-se de forma diferente face ao ambiente construído. Nesse caso, conduzirão mais depressa. Se olharmos para os resultados empíricos, verificamos que a segurança é pior.

Está a dizer que a Engenharia de Tráfego não tem em conta o factor comportamental?
Não o suficiente. Muitas vezes as coisas sobre tráfego são contra-intuitivas. Por exemplo, quando as pessoas se sentem muito seguras, é possível que olhem para o telemóvel enquanto conduzem. Assim, muitas das nossas teorias acabam por estar erradas, mas continuamos presos à utilização dessas teorias em muitas das nossas práticas habituais.

No livro, questiona a crença tecnológica segundo a qual os veículos autónomos vão eliminar os "acidentes de erro humano".
Muitas vezes, pensamos que a tecnologia é uma panaceia. Não é assim tão simples. Lembro-me de quando estava na Austrália, em licença sabática, um investigador do MIT ter apresentado um cruzamento com veículos autónomos e de o comparar com veículos convencionais. De um lado, tinha uma animação fantástica do cruzamento autónomo, com muitos carros a passar. No convencional, há atrasos, há trânsito. No final, disse: "Este cruzamento autónomo é o futuro do urbanismo." Eu estava ali sentado a pensar: "Que raio... Como é que ele está a ser aplaudido de pé por umas 200 pessoas? E se houver um peão? E se houver um ciclista? E se houver um condutor humano?" Portanto, não é o futuro do urbanismo.

Depois há a questão cultural. Quando começámos a conduzir veículos eléctricos, pensámos que isso ia salvar o mundo, com a quebra de emissões. Mas as pessoas conduzem carros cada vez maiores [o que consome mais recursos].

Refere-se à Engenharia de Tráfego como uma pseudociência e faz uma comparação com a medicina antiga. Quer explicar?
Acho que é uma pseudociência. Baseamo-nos em métricas como a velocidade dos veículos e o fluxo de tráfego e são essas que utilizamos para medir o sucesso. Por vezes, até as utilizamos como um indicador de segurança. Estamos sempre a tentar resolver o congestionamento e nem sequer temos feito um bom trabalho nesse campo. A verdadeira ciência baseia-se em hipóteses que podem ser testadas, mas grande parte da Engenharia de Tráfego assenta em teorias antiquadas e enraizadas sobre como mover os carros rapidamente. Pior ainda, acho que nos agarramos a estas teorias, apesar das provas que temos à nossa frente.

Mas, por exemplo, quando fala em extrapolar o número de veículos que passarão por uma determinada rua, isso é um exercício inútil?
Estamos a partir do princípio de que temos de acomodar este número de carros e isso não é verdade. Imaginemos que há uma taxa anual de crescimento de 3% numa rua por onde passam 10 mil carros. O que acontece a uma rua passados 20 anos, quando se passa de 10 mil para 16 mil carros?

Talvez o número correcto para aquela rua seja 12 mil carros, talvez o tráfego não se deva limitar a fazer passar carros por um ponto, mas sim ligar pessoas a lugares. Talvez queiramos passeios e ciclovias e não tentar fazer tudo para garantir que o tráfego automóvel futuro seja acomodado, porque há outras formas de levar as pessoas para onde precisam de ir.

Ainda é uma mentalidade centrada no automóvel?
Muitos engenheiros nem sequer pensam nisso dessa forma. Pensam que quem escreveu estes manuais deve saber mais do que eles. Estão aí 100 anos de ciência rodoviária. E seguem os manuais; caso contrário, podem ser legalmente responsabilizados. Por isso, continuam a fazê-lo, sem pensar realmente no que significa para a construção de cidades, de bairros ou no que significa para as crianças.

> Os carros são vistos como liberdade, mas a maioria das pessoas vive num lugar onde o automóvel é a única opção. Para mim, isso é falta de liberdade. Ter opções como apanhar um autocarro, um comboio, ir a pé ou de bicicleta é a verdadeira liberdade

Defende a construção de um sistema de transportes baseado numa menor utilização do automóvel.
Pode ser isso. Devíamos concentrar-nos nas pessoas. Para mim, o congestionamento do tráfego nunca é o objectivo. O objectivo é ajudar as pessoas a ir para a escola, para o emprego, a sair com os amigos ou para ir assistir a um jogo. Podemos ter melhores transportes, melhores sistemas para bicicletas, melhores deslocações a pé, ou simplesmente aproximar os destinos, com ferramentas de gestão do território. Ao centrarmo-nos no congestionamento do tráfego – o que nem sequer tem funcionado –, estamos a colocar a questão errada. Torna a nossa caixa de ferramentas mais pequena.

Neste país, os carros são vistos como liberdade, mas a maioria das pessoas vive num lugar onde o automóvel é a única opção. Para mim, isso é falta de liberdade. Ter opções como apanhar um autocarro, um comboio, ir a pé ou de bicicleta é a verdadeira liberdade.

Quanto aos engenheiros de tráfego, o que fazer para que não olhem apenas para manuais que, afinal, não são assim tão científicos?
Temos de os ensinar melhor. Não lhes damos informação suficiente para trabalhar. Eu só tive uma cadeira de Engenharia de Transportes, não tinha informações suficientes para fazer algo diferente do que os guias me diziam. Partia do princípio de que eles sabiam mais do que eu. Sinto que a geração mais jovem de engenheiros está pronta para isto.

Terão de deixar de conceber apenas estradas para desenhar ruas que tenham em conta todos os utilizadores, não só os condutores?
Sim. Por exemplo, há alguns anos, Denver alterou a sua política e, em vez de contar os carros, começou a contar as pessoas. De repente, um autocarro conta como 20 pessoas em vez de uma. E isso deu-lhes os meios necessários para redistribuir uma rua que costumava ter quatro ou cinco vias de trânsito automóvel de sentido único. Agora têm uma ou duas vias para automóveis, duas vias para autocarros e uma ciclovia segregada. Mas foi preciso que algumas pessoas pensassem nos problemas reais e fizessem uma simples mudança de política.

Partidos europeus "têm sido ignorados e subestimados"

Os partidos europeus têm um papel central na definição da agenda da União Europeia e na revisão dos tratados, mas continuam quase invisíveis

João Pedro Pincha

Quando os deputados chegarem hoje a Estrasburgo para a segunda sessão plenária do novo mandato do Parlamento Europeu – a primeira depois de escolhidos os líderes dos principais órgãos da União, em Julho –, as atenções estarão mais viradas para Ursula von der Leyen, que poderá anunciar amanhã a distribuição de pastas da sua nova Comissão. De Lisboa a Helsínquia, a expectativa dos governos é que calhe um bom pelouro ao "seu" comissário, mas nem só de vontades nacionais se faz a política europeia.

Os partidos europeus "estão numa posição poderosa para definir as leis e políticas da UE", "estão presentes em quase todo o lado e quase a toda a hora", mas, "de um modo geral, têm sido ignorados e subestimados" por jornalistas, analistas e historiadores no processo de integração europeia.

As palavras são de Karl Magnus Johansson e Tapio Raunio, politólogos, respectivamente, das universidades Södertörn, em Estocolmo, na Suécia, e de Tampere, na Finlândia, que num livro recentemente lançado argumentam que a influência dos partidos europeus, embora "difícil de medir", "é muito maior do que anteriormente reconhecido".

Johansson diz, em resposta a algumas perguntas do PÚBLICO, que entre o poder destes europartidos está a capacidade de "criar redes de líderes políticos" com peso para definir a agenda e conseguir "impactos significativos nas nomeações" para os cargos de topo da União. Mas não só – já lá iremos.

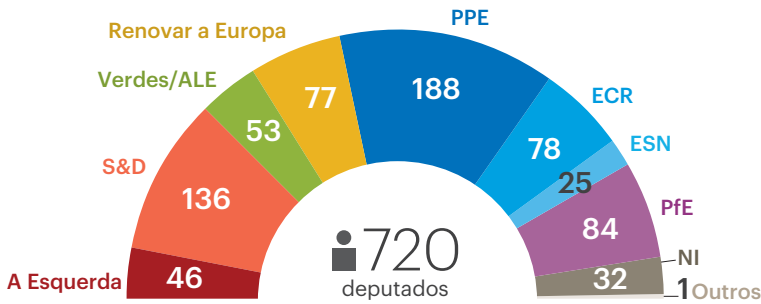
Bê-á-bá dos europartidos

Existem actualmente dez partidos à escala europeia, que por sua vez agregam as formações políticas de cada país com a mesma linha ideológica. Em breve podem passar a existir mais dois europartidos: a Aliança da Esquerda Europeia pelo Povo e pelo Planeta (AEE) e a Europa das Nações Soberanas (ENS). No primeiro caso trata-se da saída de sete partidos de esquerda radical do Partido da Esquerda Europeia; no segundo é a organização formal de partidos da direita radical que até agora estavam desagrupados. Ambos aguardam o obrigatório parecer da Autoridade para os Partidos Políticos Europeus.

Apesar "da fragmentação da paisagem partidária" mais recente, Karl Magnus Johansson refere que, "de um modo geral, tem havido uma estabilidade significativa ao longo das décadas" nos partidos europeus.

Basta olhar para os dados. Desde o primeiro mandato do Parlamento Europeu (PE), iniciado em 1979, que, com mais ou menos mudanças de nomes, com maiores ou menores cisões, as famílias políticas europeias estão estabilizadas. Os democratas-cristãos integram o Partido Popular Europeu (PPE), os socialistas estão no Partido Socialista Europeu (PSE), os liberais congregam-se numa formação que actualmente se chama Aliança dos Liberais e Democratas pela Europa (ALDE) e a esquerda à esquerda, até à separação deste ano, integrava aquilo a que hoje se chama o Partido da Esquerda Europeia (PEE), mas que já teve outras designações. Depois apareceram outros partidos, como os Verdes e os Conservadores e Reformistas Europeus (CRE), mais tarde o Identidade e Democracia (ID), que foram ganhando preponderância no PE.

Grupos parlamentares e partidos europeus são entidades distintas e não é obrigatório haver uma correspondência entre eles. O grupo d'A Esquerda, por exemplo, vai em breve albergar eleitos do PEE e da nova AEE. O grupo Patriotas pela Europa, recentemente formado por Viktor Orbán e Marine Le Pen, é o antigo grupo ID, mas o Fidesz (de Orbán) não integra formalmente o partido subjacente, também chamado Patriotas.

O novo Parlamento Europeu

A Esquerda – A Esquerda no Parlamento Europeu
S&D – Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas
Verdes/ALE – Os Verdes/Aliança Livre Europeia
Renovar a Europa – Aliança dos Democratas e Liberais pela Europa
PPE – Partido Popular Europeu
ECR – Conservadores e Reformistas Europeus
ESN – Europa das Nações Soberanas
PfE – Patriotas pela Europa
NI – Não-inscritos
Outros – Deputados não filiados em qualquer partido político

Fonte: Parlamento Europeu PÚBLICO

Peso nos tratados

Confuso? No livro *Transnational Parties and Advocacy in European Integration*, Johansson e Raunio defendem que se olhe para os europartidos sobretudo como grupos de influência. "O que eles fazem na definição da agenda e em *advocacy* estabelece as bases para acordos sobre reformas [da UE] e, dessa forma, molda o desenvolvimento da integração europeia a longo prazo."

Isso é especialmente verdade, refere Johansson ao PÚBLICO, no caso dos vários tratados europeus, em que par-

RONALD WITTEK&EPA

Os partidos europeus "estão numa posição poderosa para definir as leis e políticas da UE"

ticularmente o PPE assumiu um papel "fundamental". Para o Tratado de Maastricht (1992), que formalizou a União Europeia, "as reuniões dos líderes democratas-cristãos moldaram não apenas a agenda como os resultados das negociações", e verifica-se "uma ligação clara entre o tratado e as pretensões e posições do PPE".

O mesmo aconteceu no caminho para o Tratado de Lisboa (2007), em que o PPE se desdobrou em iniciativas e foi "determinante para ultrapassar o impasse e fazer avançar o processo constitucional."

Não foi só a superioridade em número de deputados do PPE no Parlamento Europeu face aos outros grupos políticos, desde 1999, que contribuiu para tamanha relevância nos destinos da Europa. Foi acima de tudo a presença de um maior número de chefes de Estado e de governo no Conselho Europeu. "É uma pré-condição necessária para ter impacto de longo prazo", escrevem os politólogos, "mas uma grande quantidade nem sempre se traduz em qualidade".

"As mudanças nos tratados nos anos 1980 e 1990 reduziram os vetos nacionais em favor de decisões por maioria no Conselho e deram mais poder ao PE"

Karl Magnus Johansson
Politólogo

Explicam: "Os chefes de governo não adoptam necessariamente as mesmas posições ideológicas só porque pertencem ao mesmo europartido. Os perfis ideológicos dos partidos nacionais da mesma cor política variam e os europartidos exibem um certo nível de heterogeneidade." Isso tem-se verificado, exemplificam, no caso do PSE, "que não tem conseguido converter em poder o ascendente numérico no Conselho Europeu porque, de um modo geral, tem estado mais dividido internamente do que o PPE".

Cenário em mudança

As três principais famílias políticas europeias – democratas-cristãos, socialistas e liberais – foram durante décadas praticamente as únicas a ocupar lugares no Conselho Europeu, mas a realidade começou a mudar e, no fim de 2023, o ALDE já tinha tantos membros naquele órgão como o PPE (seis), o PSE tinha cinco, os CRE eram dois e havia quatro independentes.

Por estes dias, em particular depois do Tratado de Lisboa, em que parece ter esmorecido a vontade de novos tratados, a maior força dos europartidos reside no uso das "suas redes como coligações de pressão", diz Johansson. O surgimento da nova Aliança à esquerda, afirma, "provavelmente significa um enfraquecimento da influência potencial da esquerda como um todo".

"Muitos dos objectivos dos europartidos" para as sucessivas reformas da UE "foram alcançados", analisa. "As mudanças nos tratados nos anos 1980 e 1990 reduziram os vetos nacionais em favor de decisões por maioria no Conselho e deram mais poder ao Parlamento Europeu", explica. Isto criou uma pescadinha de rabo na boca: "[O Parlamento] aumentou a pressão sobre os partidos para que investissem recursos na coordenação e cooperação a nível europeu."

Aqui chegados, responde Johansson, a "questão-chave para a sua capacidade de agir" é estes partidos não se tornarem estruturas impossíveis de gerir. "Por um lado, a forma como se expandiram põe em risco a sua coesão e eficiência", analisa. "Por outro lado, também necessitam (ainda mais) de um núcleo eficaz, para a coordenação, etc., que é uma razão fundamental para a sua existência."

Venezuela deteve seis estrangeiros suspeitos de conspiração

João Ruela Ribeiro

Espanha e EUA rejeitam as alegações de que os cidadãos dos seus países estivessem a planear derrubar o regime chavista

As autoridades venezuelanas anunciaram a detenção de seis cidadãos estrangeiros suspeitos de conspirarem para assassinar vários dirigentes do país, incluindo o Presidente, Nicolás Maduro. As alegações foram rapidamente desmentidas pelos governos dos países envolvidos.

O anúncio da detenção de três norte-americanos, dois espanhóis e um checo foi feito pelo ministro do Interior, Diosdado Cabello, uma das principais figuras do chavismo, no sábado à noite. Enquanto eram mostradas imagens dos detidos, Cabello explicava que os dois espanhóis foram detidos enquanto tiravam fotografias nas imediações de um aeroporto e que foram interceptadas comunicações por telemóvel nas quais perguntavam como comprar explosivos e planeavam o homicídio de uma autarca chavista.

"Os Estados Unidos não estão alheios a esta operação", garantiu Cabello, numa comunicação pouco clara e confusa, segundo o *El País*. Foram ainda apreendidas pela polícia 400 espingardas, acrescentou o mesmo dirigente.

O ministro disse que os espanhóis têm ligações ao Centro Nacional de Inteligência (CNI), os serviços secretos de Espanha, e que os norte-americanos eram "mercenários" ao serviço da CIA. Segundo Cabello, os norte-americanos entraram em contacto com "mercenários franceses" colocados na Europa de Leste para participarem num plano para derrubar o Governo venezuelano e assassinar Maduro, a vice-presidente Delcy Rodríguez e a si próprio.

"A CIA está à frente desta operação, e isso não nos surpreende, mas eles, o Centro Nacional de Inteligência de Espanha, sempre se mantiveram discretos sabendo que a CIA opera nesta área", afirmou Cabello.

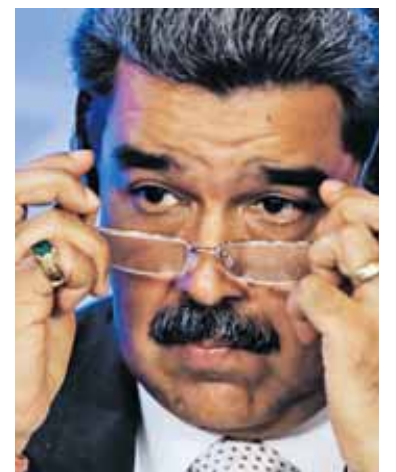
As acusações do regime venezuelano foram de imediato desmentidas em Washington e Madrid. O Departamento de Estado norte-americano confirmou a detenção de um cidadão norte-americano militar e disse ter tomado conhecimento de outras duas detenções de nacionais na Venezuela.

"Quaisquer alegações de envolvimento dos EUA num plano para derrubar Maduro são categoricamente falsas. Os EUA mantêm o apoio a uma solução democrática para a crise política na Venezuela", afirmou o Departamento de Estado.

Uma fonte do Governo espanhol negou que os indivíduos detidos tenham qualquer ligação ao CNI. "A Espanha nega e rejeita categoricamente qualquer insinuação de que esteja envolvida numa operação de desestabilização política na Venezuela", disse a fonte citada pela AFP. As autoridades checas não reagiram à detenção de um cidadão nacional do país.

As detenções e acusações suscitadas pelo Governo venezuelano surgem numa altura de enorme instabilidade política no país sul-americano e num quadro de degradação das relações entre Caracas e Madrid. Na semana passada, o Congresso espanhol aprovou uma moção em que se recomenda o reconhecimento da vitória do candidato oposicionista, Edmundo González, nas eleições presidenciais de Julho. Em retaliação, o Parlamento venezuelano está a ponderar aprovar legislação que visa romper as relações com Espanha.

As autoridades eleitorais venezuelanas declararam Maduro como vencedor das eleições, mas a oposição acredita que houve fraude na contabilização dos resultados e tem exigido desde então a publicação integral das actas oficiais das urnas. As sondagens apontavam para uma vitória confortável de González, que poria fim a duas décadas de controlo pelo chavismo das instituições políticas venezuelanas.

O Governo espanhol, à semelhança de outros governos europeus e sul-americanos, não reconheceu a vitória de Maduro.

Nicolás Maduro foi declarado vencedor das presidenciais

Os esforços do Irão para dialogar com o Ocidente enfrentam novos desafios

Susannah George, Karen DeYoung, Suzan Haidamous

Os novos líderes iranianos querem reaproximar-se da Europa e dos EUA para tentar aliviar as sanções e vencer o isolamento

AHMED JALIL /EPA

Ao fim de poucos meses no seu mandato, Masoud Pezeshkian já lidou com várias crises

Desde que ascendeu ao poder em Julho, a nova liderança política do Irão demonstrou interesse em retomar contacto com o Ocidente – algo que poderia restaurar os laços e aliviar as sanções impostas ao país isolado. Para o Irão, essa tarefa é mais difícil do que nunca. Teerão está profundamente envolvido no conflito entre Israel e o Líbano. O acordo nuclear foi feito em pedaços. As sanções amputaram a economia. E, esta semana, os EUA acusaram o Irão de enviar mísseis balísticos para a Rússia e impuseram novas sanções.

Ainda assim, diplomatas e dirigentes regionais dizem que os desenvolvimentos da última semana não deverão fazer descarrilar os esforços do Presidente, Masoud Pezeshkian, para tirar o seu país do isolamento, que é a "única opção" para o Irão, segundo um diplomata árabe.

"Neste caso, o tempo não está do lado do Irão", disse o diplomata, que mantém reuniões regulares com dirigentes iranianos, e que falou sob anonimato por causa da sensibilidade do tema. Disse que o Irão parece ávido para alcançar algum tipo de progresso rumo ao restabelecimento de relações para aliviar a pressão interna e internacional.

Quando o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, anunciou as sanções, falou claramente das aberturas diplomáticas do Irão.

"O novo Presidente e o novo ministro dos Negócios Estrangeiros do Irão têm dito reiteradamente que querem restabelecer as relações com a Europa, que querem obter um alívio das sanções", afirmou. "Acções desestabilizadoras como esta irão alcançar precisamente o oposto."

As sanções parecem mais suaves do que o esperado, tendo em conta que os países europeus avisaram o Irão de que as transferências de mísseis balísticos para a Rússia se aproximam de uma "linha vermelha" na guerra da Ucrânia. As medidas cingem-se sobretudo à aviação civil iraniana e podem levar meses a surtir efeito. O Ministério dos Negócios Estrangeiros iraniano afirmou que as alegações sobre o envio de armamento são "um estratagema vil de propaganda e uma mentira flagrante".

O acordo dos mísseis balísticos para a Rússia, que o Departamento do Tesouro disse ter sido negociado antes da tomada de posse de Pezeshkian, é um exemplo de como as políticas iranianas frequentemente se jogam em dois planos, como explica a investigadora do Carnegie Endowment Nicole Grajewski.

"Enquanto a liderança civil pode promover reformas ou diplomacia, o aparelho militar e de segurança mantém os seus objectivos de longo prazo, geralmente independentes da liderança política", explicou Grajewski, autora do livro *Russia and Iran: Partners in Defiance from Syria to Ukraine*.

Crises múltiplas

Ao fim de poucos meses no seu mandato, Pezeshkian já lidou com várias crises em casa e no estrangeiro.

A guerra em Gaza arrasta-se há quase um ano e nesse período Israel tem trocado fogo quase diariamente com o Hezbollah, a milícia mais poderosa aliada do Irão. A nível interno, a economia do Irão atingiu patamares mínimos. E a frustração generalizada com o recurso a tácticas duras pelas forças de segurança mantém-se no ar.

Depois da morte do líder do Hamas, Ismail Haniyeh, em Julho, o Irão prometeu uma resposta "decisiva". Isso foi há mais de um mês. Os responsáveis norte-americanos acreditam que cada dia que passa diminuem as hipóteses de um incidente ou de uma escalada de grande dimensão, embora meios norte-americanos adicionais se mantenham na região como forma de dissuasão.

Desde a eleição de Pezeshkian, o Irão sinalizou à Administração de Joe Biden que está interessado em conversações, mas os dirigentes norte-americanos estão à espera de sinais de apoio por parte do líder supremo iraniano, que é o principal decisor.

"Ao colocar-se ao lado da Rússia nesta guerra, o Irão está a defender os seus interesses e a sua existência", disse um responsável libanês que comunica regularmente com Teerão, sob anonimato. O dirigente disse que as sanções mais recentes fazem parte de uma política de "pressão constante" sobre o Irão, mas nos últimos tempos essa abordagem parece estar a render menos frutos.

> **Desde a eleição de Pezeshkian, o Irão sinalizou à Administração de Joe Biden que está interessado em conversações**

"Estas sanções tornaram-se uma faca de dois gumes", afirmou, acrescentando que prejudicaram a economia do Irão e a sua capacidade em projectar poder, mas também serviram para que as relações se fortalecessem com países como a Rússia.

O Irão tem continuado a desenvolver o seu programa nuclear e a travar as inspecções internacionais. Os especialistas em enriquecimento de urânio têm sido impedidos de integrar as equipas de inspecção e o Irão não conseguiu justificar os vestígios de urânio encontrados em locais não declarados.

"Abraço de urso"

Reanimar o acordo nuclear de 2015 foi uma prioridade da Administração Biden. As negociações progrediram o suficiente para que em 2022 os dois lados começassem a rever os textos "finais" de um potencial acordo, mas não se conseguiram progressos. O acordo travou o desenvolvimento do programa nuclear iraniano a troco de um alívio de sanções, mas foi rasgado quando o então Presidente Donald Trump o denunciou, em 2018, e impôs sanções de "pressão máxima" sobre o Irão.

O Presidente iraniano fez campanha com promessas de melhorar a economia através do fim do isolamento. E, à medida que foi escolhendo o seu Governo, as nomeações reflectiram a maior ênfase na diplomacia. O ex-ministro dos Negócios Estrangeiros Mohammad Javad Zarif, que negociou o acordo nuclear de 2015, foi nomeado vice-presidente estratégico. E o diplomata de carreira Abbas Araghchi, outro membro da equipa que negociou o acordo, é o novo chefe da diplomacia.

"Ele tem todas as pessoas certas no lugar", disse Sina Azodi, especialista no Irão e professor na Universidade George Washington, a propósito da formação do Governo de Pezeshkian. "A questão é se ele consegue a aprovação de [Ali] Khamenei", o líder supremo do Irão.

Ao longo do último mês, Pezeshkian pareceu fazer tudo para que Khamenei continuasse do seu lado, disse Azodi. "É uma espécie de abraço de urso", explicou, que pode servir os interesses de Pezeshkian, caso fique sob fogo dos conservadores iranianos que se opõem à diplomacia.

Khamenei dirigiu-se directamente ao Governo de Pezeshkian no mês passado. "Não temos de depositar as nossas esperanças no inimigo. Para os nossos planos, não devemos esperar pela aprovação dos inimigos", afirmou Khamenei num discurso televisivo. "Não é contraditório relacionar-se com o mesmo inimigo em alguns locais. Não há uma barreira."

Os comentários, apesar de vagos, foram interpretados por muitos como abrindo a porta a potenciais conversações com o Ocidente. Mas no mesmo discurso, Khamenei incluiu o aviso: "Não confiem no inimigo."

O líder supremo "deu sempre alguma margem para que os seus governos testem as águas para perceber o que pode alcançar", disse Suzanne Maloney, directora do programa de política externa do Brookings Institution e especialista no Irão.

Mas que tipo de acordo poderá ser possível permanece pouco claro. "A estrutura daquilo que funcionou há dez anos é hoje essencialmente inconcebível", afirmou.

Exclusivo PÚBLICO/ /*The Washington Post*

Tempestade *Boris* faz sete mortos na Europa

A tempestade provocou inundações, cortes de electricidade e retiradas de residentes em países da Europa Central e do Leste

A tempestade *Boris*, que está a afectar vários países da Europa Central e do Leste, fez pelo menos sete mortos, com uma quinta vítima na Roménia e mais duas, na Áustria e na Polónia, segundo as autoridades locais.

A tempestade provocou danos, inundações, cortes maciços de electricidade, perturbações nas redes de transportes e retiradas em massa de residentes na República Checa, Eslováquia, Polónia e Roménia.

Em Galati, região no Leste da Roménia que tem sido particularmente afectada pelo mau tempo, os serviços de emergência encontraram ontem uma quinta vítima, depois de no sábado terem recuperado quatro corpos.

"Na sequência dos fenómenos ocorridos nos últimos dias na zona de Slobozia Conachi, foi identificada mais uma vítima mortal, elevando para cinco o número total de falecidos", referem em comunicado.

O primeiro-ministro romeno, Marcel Ciolacu, visitou a cidade de Slobozia Conachi, em Galati, acompanhado pelo ministro do Interior e pelo presidente do Senado, Nicolae Ciuca, segundo o news.ro.

Além das vítimas mortais, mais de 5000 casas foram afectadas. As autoridades criaram dois campos de tendas para acolher desalojados, cada um com capacidade para 400 pessoas.

Na Áustria, foi declarado o estado de catástrofe na Baixa Áustria devido a uma "situação extrema e sem precedentes", segundo a equipa de crise criada pelas autoridades, citada pela televisão pública ORF. Um bombeiro morreu durante uma operação de salvamento nas inundações. A chuva já provocou cortes de electricidade em várias regiões do país, incluindo a capital, Viena. "Continuamos a trabalhar no problema, a fim de restabelecer rapidamente o fornecimento", afirmaram as companhias de electricidade.

MARTIN DIVISEK&EPA

Resgate de um homem e o seu cão em Jesenik, na República Checa

Na Polónia, o primeiro-ministro, Donald Tusk, confirmou a primeira morte, por afogamento, na sequência da tempestade neste país, onde cerca de 1600 pessoas foram deslocadas e "muitas mais" podem vir a ser.

Tusk apelou à população para cumprir "as ordens de retirada imediatamente", alertando para o facto de que os cidadãos que se recusarem a fazê-lo colocam em perigo as suas próprias vidas e as das equipas de salvamento.

Na República Checa, as regiões mais atingidas são a Morávia, a Silésia e Olomouc, onde foram retiradas mais de 10.500 pessoas e onde se prevê que as chuvas continuem hoje, o que agravará a situação, uma vez que o solo parece já ter atingido o seu nível de saturação e não poderá absorver mais água, explicou o ministro do Ambiente, Petr Hladík, citado pelo jornal *Blesk*.

Por seu lado, o ministro checo do Interior, Vít Rakusan, apelou à população das zonas afectadas para prepararem uma mochila de evacuação.

A polícia deu conta do desaparecimento de quatro pessoas: três num carro que foi arrastado para um rio, na cidade de Lipova-Lazne, no Nordeste do país, e um homem arrastado por um riacho no Sudeste.

Na Eslováquia, as chuvas também provocaram a subida das águas dos rios, principalmente dos rios Kysuce e Myjava. Estão a ser efectuadas evacuações de localidades, com a ajuda da polícia, como Devínská Nová Ves, Bratislava, e Kuchyna, junto da capital. **Lusa**

NUNO FERREIRA SANTOS

Três atrasos de Verão nos carris de Portugal

A roda (CP) e o carril (IP) nem sempre estão em sintonia, como o mostram estas três histórias de Verão nos caminhos-de-ferro portugueses

Carlos Cipriano

No Vouga, os passageiros ficaram entregues a si próprios

Espinho

23 de Junho. Domingo

O Verão começou há três dias e são milhares as pessoas que rumaram às praias de Espinho para aproveitar os primeiros dias de calor. Muitas vieram de comboio. A Linha do Vouga, apesar do serviço pouco frequente, das automotoras velhas e grafitadas, das estações e apeadeiros com ar abandonados, é o melhor meio para chegar a Espinho em dias de muita afluência como este – sobretudo porque vir de comboio é barato e o término da linha fica perto da praia e não se perde tempo a estacionar.

Mas se ao longo do dia os veraneantes afluem em diversos horários, com automotoras cheias, mas não sobrelotadas, na viagem de regresso a coisa é mais complicada, porque o último comboio é às 19h34. Antes desse só o das 17h10, demasiado cedo para regressar da praia, precisamente quando estamos no solstício de Verão e os dias parecem infindáveis.

E é assim que nessa tarde de domingo, 23 de Junho, o comboio n.º 5214 mal consegue arrancar de Espinho, porque vai sobrelotado e são muitos os passageiros que nele não couberam e, frustrados, ficam na gare a vê-lo arrancar lentamente rumo a Oliveira de Azeméis.

Há quem tenha esperança de que a CP mande outra composição fazer um desdobramento. Já tem acontecido. Nunca se sabe. Mas não é isso que irá hoje acontecer.

Aqui chegados convém explicar que as automotoras do Vouga são formadas por duas carruagens (uma unidade motora e um reboque) com capacidade para 109 lugares sentados e 174 de pé (se bem que nestas alturas vai sempre muito mais gente de pé). A oferta pode duplicar, se a CP acoplar duas automotoras, mas, como adiante veremos, a CP diz que "não é viável realizar esse reforço".

A verdade é que a pobre automotora lá arrancou de Espinho, mas chegou à paragem seguinte, Silvalde, e... avariou-se. Pedida autorização ao CCO (Centro de Comando Operacional), sediado em Contumil, o maquinista teve autorização para recuar até Espinho. E dali já não saiu nesse dia.

E o que aconteceu aos passageiros transpirados que tanto ansiavam por chegar a casa? Tiveram de se desembaraçar pelos seus próprios meios, porque a CP, simplesmente, os abandonou. Nem automotora de reforço nem serviço rodoviário alternativo.

O PÚBLICO perguntou à transportadora pública porque não enviou uma segunda automotora para transportar os seus clientes ou assegurou transporte rodoviário alternativo, como lhe competia. Também perguntou por que motivo a CP não reforçou a sua oferta durante o Verão na Linha do Vouga, tendo em conta a grande afluência às praias – mas não houve respostas.

Aparentemente, neste caso, a culpa é toda da roda, isto é, da CP. O comboio avariou-se, a empresa não aumentou a frequência. Ignorou e maltratou os seus clientes. E não deu quaisquer explicações.

Mas ao Movimento Cívico pela Linha do Vouga a empresa já respondeu. E atirou parte das culpas para o carril, isto é, para a IP.

"É do nosso conhecimento a tradição das populações da região utilizarem o comboio para chegar às praias de Espinho, pelo que, analisámos, com todo o cuidado, a possibilidade de reforçar comboios regulares nessa linha", diz a CP .

Então porque não o fez?

A resposta vem no parágrafo seguinte do documento enviado àquele movimento cívico: "Após a referida análise, concluímos que, infelizmente, não é viável realizar esse reforço devido a questões operacionais relativas à infra-estrutura ferroviária e que colocam em causa a segurança dos passageiros no embar-

NUNO FERREIRA SANTOS

que e desembarque, designadamente as relacionadas com o comprimento das plataformas."

O que a CP diz é que, se fizer composições com quatro carruagens, estas não cabem nas plataformas de todas as estações, pelo que fica do lado da IP alargar essas infra-estruturas para que a operação reforçada se possa fazer em segurança. Passageiros a saltarem da carruagem para a via-férrea constitui um risco que a transportadora não tem de assumir. Mas fazer mais horários com mais comboios é algo que parece não estar nos planos da empresa. E é assim que no Vouga, entre a roda e o carril, a CP e a IP vão prestando um mau serviço às populações.

Três horas e meia para levantar um cabo
São Martinho do Porto
9 de Agosto. Sexta-feira

O inter-regional n.º 802, de Coimbra para as Caldas da Rainha, vem à tabela e deverá chegar a São Martinho do Porto às 15h48. Dali até às Caldas são só mais nove minutos, onde o aguarda o inter-regional n.º 803 que fará a viagem em sentido contrário. Por esta altura a gare de São Martinho do Porto já está cheia de gente que vem da praia, mas na estação das Caldas há também muitos passageiros que ainda vão aproveitar a tarde de praia. Se tudo correr bem, os dois comboios cruzam-se nas Caldas (a Linha do Oeste é de via única) onde desembarcarão e embarcarão os banhistas.

Contudo, as coisas não se vão passar assim. À chegada a São Martinho o maquinista do 802 vê que o seu comboio se arrisca a tocar num cabo que se encontra suspenso entre dois postes, um de cada lado da via. Como já vinha devagar, prestes a entrar na estação, pára a composição e comunica ao CCO que não existem condições de segurança para prosseguir a marcha.

O cabo eléctrico sobre a via férrea está pendurado num poste que mais não é que uma barra de carril disposta na vertical que culmina com uma cruz em madeira, podre, ao qual está atado o referido cabo. A situação daquele equipamento – da responsabilidade da IP – é tão precária que dá para ver a olho nu. O cabo serve de redundância à segurança da passagem de nível (PN) que está ali mesmo à frente do comboio. Se alguém partir as meias barreiras da PN, é por aquele cabo que circula essa informação, devendo tomar-se previdências para que os comboios ali circulem em marcha à vista. A PN não deixará, ainda assim, de estar operacional, porque a sinalização luminosa e sonora continuarão a funcionar.

É o que está a acontecer e com grande chinfrineira. Como o comboio parou a poucos metros da PN, as campainhas não param de tocar e as meias barreiras estão caídas. A GNR vai ajudando os condutores a atravessarem a linha em ziguezague, contornando-as.

O problema agora está em encontrar, dentro da IP, o "dono" do desdito cabo que impede a passagem do comboio e que pode pertencer a vários departamentos. Sucedem-se os telefonemas. Enquanto isto, a estação de São Martinho vai-se enchendo para o comboio 803 que não pode sair das Caldas, enquanto o 802 não chegar. Entre os passageiros há grupos de crianças de três jardins-de-infância, que as educadoras, a custo, tentam controlar. Os miúdos não param quietos e desesperam pela chegada do comboio. Misturam-se os passageiros que iam para as Caldas com os que esperam o comboio em sentido contrário para o Valado, Marinha Grande, Leiria.

Enquanto na IP se procura uma solução, esta estaria ali a 500 metros da via-férrea. Bastaria chamar os bombeiros e usar um pau, ou um escadote e uma vassoura, enfim, qualquer coisa que içasse o cabo e deixasse o comboio passar. Mas os procedimentos da IP são insondáveis. Foi necessário procurar o "dono" do fio que ali pendia a raiar o tejadilho da automotora. Podia ser a DATA (Direcção de Acessibilidades Telemáticas e IST), podia ser a DRF (Direcção da Rede Ferroviária), podia ser a IP Telecom (uma afiliada da IP para as telecomunicações). Acresce que há contratos com empresas privadas, responsáveis pela manutenção de equipamentos e às quais se pode exigir, nesse âmbito, que venham resolver o problema.

Se ao longo do dia os veraneantes afluem em diversos horários, com automotoras cheias, mas não sobrelotadas, na viagem de regresso a coisa é mais complicada (Imagens de arquivo)

Foi necessário procurar o "dono" do fio que pendia a raiar o tejadilho da automotora. Mas numa tarde de sexta-feira de Agosto não é fácil encontrar responsáveis

Mas na tarde de uma sexta-feira de Agosto não é fácil encontrar responsáveis e acabaram por ser meios internos da IP a resolver o incidente: chegou uma carrinha com dois funcionários que içaram uma escada, empurraram o cabo e o comboio lá passou. Demorou cinco minutos. Mas, no entretanto, tinham passado 3 horas e 35 minutos com o comboio parado.

E se até aqui a responsabilidade esteve do lado da IP (falha na infra-estrutura que impediu a circulação ferroviária), a desastrosa gestão dos atrasos dos comboios que se seguiu em nada abonou à CP. Nas Caldas, há três horas e meia que o inter-regional para Coimbra estava à espera de poder partir. E acumulavam-se também os passageiros que deveriam seguir no regional para Torres Vedras e que deveria ser realizado com a mesma automotora que esteve parada em São Martinho. Nas estações, e em particular na de São Martinho do Porto, acumulavam-se passageiros para os comboios do fim da tarde.

Para resolver este caos, a CP diz que ainda tentou encontrar autocarros para serviço de substituição, mas não havia nenhuns disponíveis. E, nas Caldas da Rainha, apesar de possuir uma automotora e tripulação disponíveis, a empresa resolveu simplesmente suprimir um comboio e transportar os seus clientes noutro comboio, quatro horas depois. Fê-lo, porém, com base na informação disponibilizada pela IP de que o incidente de São Martinho do Porto estaria prestes a ser resolvido. Mais tarde, os operacionais da CP concluíram que foi um erro terem suprimido o comboio, porque o incidente se prolongou além do tempo previsto pelo gestor da infra-estrutura.

No total, foram penalizados nesse dia 15 comboios na Linha do Oeste, com atrasos que somaram 15 horas e 14 minutos. A roda e o carril, nitidamente, "descarrilaram".

Ter o autocarro à espera
Lisboa-Algarve
18 de Julho. Quinta-feira

Quando Cristiana Ramos chegou à estação de Entrecampos para apanhar o intercidades das 18h40 para o Algarve, estava longe de pensar que chegaria ao destino com mais de duas horas de atraso. Trazia consigo o bilhete, comprado *online*, para Estômbar-Lagoa e, se tudo corresse bem, chegaria às 21h34 a Tunes, onde mudaria para um regional que →

a deixaria no seu destino às 21h58.

"A primeira coisa que reparei em Entrecampos foi que os monitores de informação da IP estavam desligados e sem informação sobre as partidas e chegadas nas respectivas plataformas da estação. Pouco depois fomos informados, via sistema de som, que o intercidades para Faro trazia 30 minutos de atraso. Achei um pouco estranho, tendo em conta que aquele comboio inicia a sua marcha no Oriente, mas o pior foi quando, de dez em dez minutos, somos informados do aumento do atraso, sem qualquer outra explicação aos passageiros que compraram bilhete e têm comboios de ligação. Ainda tentei obter informações no *chat* da CP, mas as respostas são curtas, vagas e a maior parte das questões do passageiro são ignoradas", contou Cristina Ramos ao PÚBLICO.

Quase a desistir da viagem, a cliente da CP vê finalmente chegar o seu comboio às 20h05, com 1 hora e 25 minutos de atraso. Dali até Tunes o atrasou aumentou: o intercidades só lá chegou às 23h24, com 1 hora e 50 minutos de atraso.

A surpresa maior, porém, ainda estava por vir. Em vez da automotora que deveria fazer a ligação a Lagos, os passageiros tinham à sua espera... autocarros. "Não havia obras na linha. Não entendi porque não havia um comboio à nossa espera. Fomos de autocarro, mas este não pára nas estações, onde os familiares e *transfers* aguardam os passageiros. Os autocarros fazem outro percurso, tem paragens dedicadas. Enfim, foi uma confusão. E tudo isto sem qualquer comunicação por parte da CP, para surpresa de toda a gente."

Cristiana chegaria a Estômbar com mais de duas horas de atraso.

O que aconteceu? Foi culpa da CP ou da IP?

O PÚBLICO contactou as duas empresas e ficou a saber que na origem deste atraso esteve a avaria de três AMV (aparelhos de mudança de via), também conhecidos por "agulhas", em Belver, na Linha da Beira Baixa. A IP explica que tal se deveu à "descomprovação" dos AMV provocada pela avaria da fonte de alimentação, tendo sido necessário proceder à sua substituição. A sua reparação, diz, foi "desenvolvida de imediato através dos mecanismos de resposta a avarias contratualizado ao prestador de serviços".

Esta avaria provocou o atraso do Intercidades da Beira Baixa "no qual vinham passageiros que tinham de fazer transbordo para o IC574 [Intercidades do Algarve]", explicou, por sua vez, a CP. "Para garantir o enlace dos passageiros foi necessário atrasar a partida do IC574 no Oriente, que sofreu um atraso adicional de dez minutos até Entrecampos devido à perda de canal. Esta situação ocorreu como consequência dos atrasos acumulados e da necessidade de reencaixar o comboio nos horários disponíveis da linha."

ADRIANO MIRANDA

Eis, pois, como, da mesma forma que o bater de asas de uma borboleta em Tóquio pode provocar um furacão em Nova Iorque, a avaria de umas agulhas em Belver pode provocar um atraso de duas horas e meia no Algarve.

E quanto à falta de informação nos painéis electrónicos? A IP não explicou porque estes estavam apagados nesse dia na estação de Entrecampos, mas referiu que "a informação de atraso foi sendo actualizada e apresentada nos diversos monitores" da Gare do Oriente. Rejeita também que os monitores tenham falhas frequentes: "Da análise às reclamações recebidas, conclui-se que uma grande parte destas não têm fundamento, pelo que a IP considera que a afirmação de que 'as queixas do mau funcionamento dos painéis informativos são constantes' não traduz com rigor a realidade operacional do sistema." Pelos vistos, a IP não tem um sistema de monitorização próprio e assenta a sua informação sobre o bom ou mau funcionamento dos indicadores nas reclamações recebidas.

Já a CP diz que, "durante a viagem, os passageiros a bordo foram informados regularmente sobre a situação". "No entanto, a gestão da informação nas estações, tanto a sonora quanto a visual, é da responsabilidade do gestor da infra-estrutura. Lamentamos que os monitores de informação em Entrecampos estivessem desligados."

E quanto à (má) informação aos passageiros, ficamos conversados. Resta agora perceber por que motivo a empresa Comboios de Portugal decidiu transportar os seus clientes em camionetas.

"Dada a magnitude do atraso, a CP decidiu utilizar autocarros para transportar os passageiros entre Tunes e Lagos, e táxis para os passageiros entre Faro e Vila Real de Santo António, de modo a minimizar o impacto do atraso e garantir que os clientes chegassem ao seu destino com o menor atraso possível."

Mas o transbordo de passageiros em Tunes e Faro torna o serviço mais competitivo? Ou a CP desistiu de fazer aquilo que é a essência da sua actividade – transportar passageiros por caminho-de-ferro – a partir de determinada hora?

A estas perguntas do PÚBLICO a empresa respondeu que "em situações pontuais, quando há atrasos muito elevados que assim o justifiquem, e dependendo da frequência/existência de comboios de ligação e da quantidade de passageiros, a CP opta pelo transbordo para, como referido anteriormente, minimizar o impacto desse atraso e garantir que os clientes cheguem ao seu destino com o menor atraso possível".

Aparentemente, no Algarve, depois das 23h00, a CP deixa a sua frota parada e usa autocarros para transportar os seus clientes.

Para completar esta história, voltemos ao seu início, à avaria dos AMV em Belver, para saber quantos comboios foram afectados. Consultemos o gestor da infra-estrutura: "A avaria teve início pelas 15h03 e ficou resolvida às 16h48, tendo provocado impacto num total de 17 circulações, 15 de transporte de passageiros e 2 de transporte de mercadorias."

A IP destaca, porém, que, dos 15 comboios de passageiros afectados, apenas quatro sofreram atrasos superiores a 20 minutos: três intercidades e um regional.

Universidade do Minho
Unidade de Serviços de Recursos Humanos

ANÚNCIO M/F

Torna-se público que se encontra aberto processo de recrutamento para a contratação de um Técnico Superior, na modalidade de Contrato de Trabalho a Termo Resolutivo Incerto, ao abrigo do Código do Trabalho, na Universidade do Minho, sob **Ref.ª CTTRI-PTAG-104/24-EE (1).**

REQUISITOS DE ADMISSÃO:

a) Possuir grau de licenciado;
b) Não estar vinculado à Universidade do Minho através de um contrato de trabalho por tempo indeterminado, ao abrigo do Código do Trabalho, na mesma carreira.

O prazo para a apresentação das candidaturas decorre no período de 17/09/2024 a 23/09/2024.

O texto integral do processo de recrutamento e seleção encontra-se disponível em https://intranet.uminho.pt/Pages/Documents.aspx?Area=Procedimentos%20Concursais

A Diretora de Serviços, *Aleida Lopes Vaz Carvalho*

Universidade do Minho
Unidade de Serviços de Recursos Humanos

ANÚNCIO M/F

Torna-se público que se encontra aberto processo de recrutamento para a contratação de um Técnico Superior, na modalidade de Contrato de Trabalho a Termo Resolutivo Incerto, ao abrigo do Código do Trabalho, na Universidade do Minho, sob **Ref.ª CTTRI-PTAG-66/23-EAAD(1).**

REQUISITOS DE ADMISSÃO:

a) Possuir Licenciatura em Arquitetura ou Engenharia Civil ou áreas afins (áreas com equiparação curricular ou profissional);
b) Não estar vinculado à Universidade do Minho através de um contrato de trabalho por tempo indeterminado, ao abrigo do Código do Trabalho, na mesma carreira.

O prazo para a apresentação das candidaturas decorre no período de 17/09/2024 a 30/09/2024.

O texto integral do processo de recrutamento e seleção encontra-se disponível em https://intranet.uminho.pt/Pages/Documents.aspx?Area=Procedimentos%20Concursais

A Diretora de Serviços, *Aleida Lopes Vaz Carvalho*

Universidade do Minho
Unidade de Serviços de Recursos Humanos

ANÚNCIO M/F

Torna-se público que se encontra aberto processo de recrutamento para a contratação de um Técnico Superior, na modalidade de Contrato de Trabalho por tempo indeterminado, ao abrigo do Código do Trabalho, na Universidade do Minho, sob **Ref.ª CTI-PTAG-80/24-EE (1).**

REQUISITOS DE ADMISSÃO:

a) Possuir Licenciatura em Gestão, Administração Pública; Gestão de Recursos Humanos; outras áreas afins;
b) Não estar vinculado à Universidade do Minho através de um contrato de trabalho por tempo indeterminado, ao abrigo do Código do Trabalho, na mesma carreira.

O prazo para a apresentação das candidaturas decorre no período de 17/09/2024 a 30/09/2024.

O texto integral do processo de recrutamento e seleção encontra-se disponível em https://intranet.uminho.pt/Pages/Documents.aspx?Area=Procedimentos%20Concursais

A Diretora de Serviços, *Aleida Lopes Vaz Carvalho*

Concurso público

A Embaixada do Reino da Arábia Saudita em Lisboa torna público que pretende convidar as empresas a participarem no concurso destinado a prestação de serviços de limpeza, manutenção dos edifícios, conservação de espaços verdes (jardins) e desinfestação de insectos, nas instalações da Residência oficial do Senhor Embaixador na Penha Longa-Sintra.

Assim para os interessados no concurso, devem apresentar-se às instalações da Embaixada, sita na Rua da Alcolena, 39, 1400-004 Lisboa, munidos dos documentos comprovativos de actividade para levantarem o Caderno de Encargos.

Contacto Email: ptemb@mofa.gov.sa
Ou Tel: 213041768

PS: O prazo de receção das propostas é de 20 dias, contados desde a data de publicação do anúncio.

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE TIRO COM ARMAS DE CAÇA
ALAMEDA ANTÓNIO SÉRGIO, 22-8.º C * 1495-132 ALGÉS * PORTUGAL
TELEFONE (351) 214126160 * TELEFAX (351) 214126162
E-mail: fptac.pt@gmail.com

AVISO CONVOCATÓRIO DAS ELEIÇÕES PARA OS DELEGADOS DA ASSEMBLEIA GERAL PARA O QUADRIÉNIO 2024/2028

1. Convoco eleições, regulares, para os delegados da Assembleia Geral da FPTAC, para o quadriénio de 2024/2028, ao abrigo do artigo 5.º, n.º 1 do Regulamento Eleitoral da FPTAC (adiante RE).
2. As eleições terão lugar no dia 31/10/2024, às 10:00 horas da manhã, no Clube de Tiro do Vale das Pedras, sito no Vale das Pedras, Ota, Alenquer.
3. As candidaturas devem ser apresentadas no prazo de 15 dias, obrigatoriamente através dos formulários de candidatura estabelecidos para o efeito que se encontram na pasta na internet abaixo indicada (arts. 10 e 11 do RE).
4. No momento da votação:
   4.1. As pessoas nomeadas pelos clubes e associações, eleitores, para exercerem o direito de voto daqueles:
      4.1.1. Deverão ser portadoras e entregar à mesa, credencial de voto com o modelo definido para estas eleições, que também se encontra na pasta na internet abaixo indicada.
      4.1.2. Deverão identificar-se, perante a mesa, através da exibição da sua licença federativa E, quando titulares de uma licença deste tipo e quando não titulares, através do seu documento de identificação (cartão do cidadão ou bilhete de identidade).
   4.2. Os eleitores dos delegados representativos dos praticantes deverão identificarse através da exibição da sua licença federativa E.
   4.3. Os eleitores dos delegados representativos dos árbitros e treinadores deverão identificar-se através do seu cartão de árbitro ou de treinador.
5. O caderno eleitoral será publicado no prazo previsto no artigo 16 do RE, na pasta na internet abaixo indicada.
6. Os atos de publicidade e documentos relativos ao ato eleitoral, são publicados na primeira página, do sítio da federação na internet, na pasta denominada, ELEIÇÕES DOS DELEGADOS 2024.

Algés, 6 de setembro de 2024

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Mónica Sofia da Silva Albino Abel

Dá-se conhecimento público de que se encontra aberto processo de recrutamento de pessoal em regime de contrato de trabalho a termo resolutivo incerto para a projeto EUTOPIA_HEALTH (Empowering Widening universities in EUTOPIA alliance to foster academic excellence in Health), associado ao aviso HORIZON-WIDERA-2023-ACCESS-03-01 e no projeto Fosteam@South, financiado pelo programa de Recuperação e Resiliência (PRR), aprovado nos termos do Aviso 01/PRR/2021 e do Convite para Proposta de Contrato-programa (Aviso N.º 002/C06-i03.03/2021 e N.º 002/C06-i04.01/2021), na componente Impulso Adultos na Unidade de Gestão de Projetos e Contratos integrada na Divisão de Projetos de Informação e Estratégia Científica da Reitoria da Universidade NOVA de Lisboa para:

• 1 vaga de técnico superior – Grau 3 (m/f), referência **CT-23/2024 - UGPC-DPIEC - EUTOPIA HEALTH_FOSTEAM**, ao qual podem candidatar-se os indivíduos que reúnam as condições fixadas no aviso disponível no endereço:

http://www.unl.pt/nova/nao-docentes

O prazo-limite para submissão das candidaturas decorre no período de 16 a 30 de setembro de 2024.

AVISO

SUMÁRIO: Lista Provisória dos/as Candidatos/as Admitidos/as e Excluídos/as ao Procedimento Concursal comum, na carreira/categoria geral de Assistente Operacional para exercício de funções Auxiliar Geral no Serviço Centro Coordenador de Transportes da Divisão de Mobilidade, de Assistente Operacional – Auxílio Geral, cuja Referência é AO-Auxil.G.CCT.2024.

1 – Para efeitos do disposto no n.º 4 do artigo 16.º da Portaria n.º 233/2022, de 09 de setembro, conjugado com o previsto no artigo 112.º do Código do Procedimento Administrativo, notificam-se os interessados que a Lista Provisória dos/as Candidatos/as Admitidos/as e Excluídos/as ao Procedimento Concursal comum com vista ao preenchimento de dois postos de trabalho na modalidade de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, **na carreira/categoria geral de Assistente Operacional para exercício de funções Auxiliar Geral no Serviço Centro Coordenador de Transportes da Divisão de Mobilidade, de Assistente Operacional – Auxílio Geral, cuja Referência é AO-Auxil.G.CCT.2024,** conforme Aviso (extrato) n.º 18674/2024/2, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 164, de 26 de agosto, e na página eletrónica do Município, bem como na Bolsa de Emprego Público, com o código de oferta OE202408/0972, se encontra disponível para consulta na página eletrónica do Município da Guarda em https://www.mun-guarda.pt/municipio/organizacao/recursos-humanos/recrutamento/, separador "PROCEDIMENTO CONCURSAL COMUM PARA A CARREIRA E CATEGORIA DE ASSISTENTE OPERACIONAL: REFERÊNCIA : AO-Auxil.G.CCT.2024.

2 – Nos termos do artigo 121.º e seguintes do Código do Procedimento Administrativo, os interessados poderão, no prazo de dez dias úteis, a partir do dia seguinte ao da publicação do presente Aviso no *Diário da República*, pronunciar-se, por escrito, devendo dirigir as suas alegações ao Presidente do Júri do presente procedimento concursal, utilizando obrigatoriamente o Formulário de Audiência Prévia – disponível na página eletrónica do Município da Guarda, em www.mun-guarda.pt, o qual depois de preenchido e assinado deverá ser remetido exclusivamente por correio registado e com aviso de receção, com indicação do respetivo procedimento e endereçado ao Setor de Recrutamento, Formação Profissional e Avaliação de Desempenho da Divisão Administrativa e de Recursos Humanos, para a seguinte morada: Município da Guarda, Praça do Município, 6301-854 Guarda, até ao último dia do prazo acima referido.

3 – Informam-se, ainda, os/as Candidatos/as a Admitir de Forma Condicionada, que deverão proceder à correção dos lapsos em causa e/ou entrega do(s) documento(s) solicitado(s), nos termos definidos na Ata n.º 2, a qual se encontra, igualmente, divulgada na página eletrónica do Município da Guarda.

Guarda, 12 de setembro 2024

O Presidente da Câmara Municipal, *Sérgio Fernando da Silva Costa*

AVISO

SUMÁRIO: Publicação e Publicitação da Lista Definitiva dos/as Candidatos/as Admitidos/as e Excluídos/as | Convocatória Para o 1.º Método de Seleção Obrigatório – Prova Prática de Conhecimentos.

Procedimento Concursal Comum para Constituição de Relação Jurídica de Emprego Público por Tempo Indeterminado na carreira e categoria de Assistente Operacional.

1. Torna público, nos termos do disposto pelo Art. 6.º da Portaria n.º 233/2022, de 09 de setembro e Art.º 112.º, n.º 1, al. e) do C.P.A., que está disponível para consulta no sítio oficial da internet do Município da Guarda https://www.mun-guarda.pt/, as seguintes informações com referência ao procedimento concursal abaixo identificado:

Referência é AO-FM.2024: que se encontra publicada a Acta n.º 3 do procedimento concursal com vista ao preenchimento de um posto de trabalho da categoria e carreira geral de Assistente Operacional para exercício de funções de Auxiliar de Serviços Gerais para os Serviços de Feiras e Mercados, da Secção de Ambiente e Divisão de Ambiente, cuja Referência é AO-FM.2024, conforme Aviso (extrato) n.º 15929/2024/2, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 147, de 31 de julho, e na página eletrónica do Município, bem como na Bolsa de Emprego Público, com o código de oferta OE202407/1377, e na qual o júri, deliberando pela apreciação das candidaturas admitidas de forma condicional e apreciando, de igual modo, as alegações proferidas em sede de Audiência Prévia, **elaborou e aprovou a Lista Definitiva dos/as Candidatos/as Admitidos/as e Excluídos/as ao presente procedimento concursal.**

2. Ficam assim notificados, os/as candidatos/as excluídos/as do procedimento concursal em referência das garantias impugnação da lista definitiva de candidatos/as admitidos/as excluídos/as, previstas nos termos do disposto pelo Art.º 3.º, conjugado com o artigo 28.º, ambos da Portaria n.º 233/2022, de 9 de setembro.

3. Ficam ainda notificados/as os candidatos/as que a prova prática de conhecimento (método de seleção previsto pela al. a) do n.º 1 do Art.º 17º da Portaria nº233/2022, de 09 de Setembro) a realizar no âmbito do referido procedimento concursal **referência AO-FM.2024** foi agendada para o dia **4 de outubro de 2024**, no horário constante na acta n.º3.

Guarda, 12 de setembro 2024

O Presidente da Câmara Municipal, *Sérgio Fernando da Silva Costa*

CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 36.º, e para efeitos das alíneas a), b), c) e d) do art.º 33.º dos Estatutos, convoca-se o 13.º CONGRESSO DA UNIÃO DOS SINDICATOS DO PORTO/CGTP-IN, para reunir no dia 22 de Novembro de 2024, no Teatro Municipal Rivoli, no Porto, com início às 9h30, com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1. *Aprovação do Regulamento de Funcionamento do Congresso;*
2. *Discussão e deliberação sobre o Regulamento Eleitoral;*
3. *Apreciação e votação do Relatório de Actividade do mandato 2020/2024;*
4. *Discussão e aprovação da Resolução para a Acção Sindical no quadriénio 2024/2028;*
5. *Eleição do órgão dirigente da USP/CGTP-IN para o quadriénio 2024/2028.*

Porto, 16 de Setembro de 2024
A Direcção da USP/CGTP-IN

Tribunal Judicial da Comarca do Porto
Juízo Central Cível de Vila Nova de Gaia - Juiz 2
Palácio da Justiça, R. Cons. Veloso da Cruz, 801 | 4404-502 Vila Nova de Gaia
Telef: 223776200 | Fax: 223776299 | Mail: vngaia.judicial@tribunais.org.pt

Processo: 4337/23.2T8VNG Ação Popular

ANÚNCIO

Autor: Citizens' Voice - Consumer Advocacy Association
Réu: Wizz Air Hungary Ltd

Faz-se saber que nos autos acima identificados, são citados **os titulares dos interesses em litígio,** cidadãos da União Europeia, consumidores, residentes em território Português, e que, nessa qualidade, tenham adquirido os serviços de transportes aéreos da **Wizz Air,** e que tenham pago um custo adicional pelo transporte da bagagem de mão, não registada, com dimensões até 55x40x20cm, e que cumpriam integralmente as regras aplicáveis em segurança, ou que não tenham transportado tal bagagem de mão para não pagarem o sobrepreço exigido pela Wizz Air, para no prazo de 60 dias após a publicação do anúncio, passarem a intervir no processo a título principal, querendo, aceitando-o na fase em que se encontrar e ainda para, dentro do mesmo prazo, declararem nos autos se aceitam ou não ser representados pela Autora Citizens' Voice - Consumer Advocacy Association, ou se, pelo contrário, se excluem dessa representação, nomeadamente para o efeito de não lhe serem aplicáveis as decisões proferidas, sob pena de a sua passividade valer como aceitação, sem prejuízo de recusa pelo representado até ao termo da produção de prova ou fase equivalente, por declaração expressa nos autos, tudo nos termos do nº 1 do artº 15º da Lei nº 83/95.

Consigna-se que o pedido consiste na reparação integral dos danos patrimoniais e não patrimoniais sofridos pelos lesados por efeito da descrita atuação da Ré de aplicação de um sobrepreço ao preço final do serviço de transporte aéreo, em violação de disposições legais, tudo como melhor consta do duplicado da petição inicial.

Fica advertido de que é obrigatória a constituição de mandatário judicial.

Data: 11-09-2024

A Juiz de Direito, *Dra. Cláudia Oliveira Martins*
A Oficial de Justiça, *Marinha Taveira*

Público, 16/09/2024

Condicionamento de Trânsito na Estrada Nacional 14 (N14)

Na noite de 17 para 18 de setembro, entre as 21h00 e as 06h00 horas

A LASO Transportes S.A. sediada na Venda do Pinheiro, informa que na noite de 17 para 18 de setembro, entre as 21h00 e as 06h00 horas, irá condicionar a circulação na N14 por motivos de realização de um Ensaio de Carga nos viadutos existentes.

Nesta operação serão implementados os seguintes condicionamentos:

– 230 metros após a saída da A4 (próximo das instalações da EFACEC) será feito o basculamento do trânsito na N14, com destino ao Porto, para a via sentido Sul/Norte. A recondução do trânsito para a via normal será feita depois, a cerca de 100 antes do final da Via Norte/VCI.

– O acesso à N14 através da Rua do Barroco estará cortado, ficando como alternativa a circulação para Norte, junto à via do caminho-de-ferro, para entrar depois na Via Norte por baixo do viaduto da A4.

– A Rua de Picoutos, para o acesso Norte/Sul, em direcção ao Porto, estará também cortada, havendo como alternativa a circulação pela Rua Amieira, paralela à Via Norte.

– O n.º de contacto 913 581 442 está à disposição dos automobilistas, das 09 às 18 horas, para prestar quaisquer informações ou esclarecimentos necessários.

laso.pt | marketing@laso.pt | comercial@laso.pt

“A minha terapia”, ou como os trampolins também podem ajudar na doença de Parkinson

A perda de mobilidade e equilíbrio está entre as principais consequências da doença de Parkinson. Em Lisboa, há um projecto à base de ginástica que contraria essa inevitabilidade

Tiago Ramalho Texto
Rui Gaudêncio Fotografia

Imagine-se um parque de diversões repleto de trampolins, umas paredes de escalada e até uns postes para se subir – verdadeiro deleite para miúdos e graúdos que gostam de se aventurar. Aliás, não faltam famílias a saltar nos trampolins e a lutar com esponjas, à procura do primeiro a cair da estreita barra de equilíbrio.

Num dos cantos deste espaço considerável em Carnaxide está um outro grupo. Quatro homens saltitam (com menos intensidade) para cá e para lá, recreiam-se com dados e raquetes, mantendo o equilíbrio possível em cima de um trampolim nos exercícios ditados pela fisioterapeuta. Quem diria que estes quatro homens estavam ali para contrariar a doença de Parkinson?

Barão, Camilo, Nuno e Pedro são quatro das 18 mil pessoas que, estima-se, terão diagnóstico de Parkinson em Portugal – na próxima década, prevê-se que esse número mais do que duplique para cerca de 40 mil pessoas. O que encontram aqui é um espaço seguro.

A “diferença abismal” na redução da mobilidade e capacidade de equilíbrio que Barão, de 61 anos, conta ter sentido após o diagnóstico de Parkinson, há dez anos, tem sido suprimida com estes treinos. “Aqui parece que não temos nada”, diz, nos minutos de repouso entre os exercícios.

A iniciativa de trazer pessoas com Parkinson para este ambiente recreativo no Jumpyard Lisboa, em Carnaxide – um centro que se anuncia como sendo de “diversão à séria” –, resulta da tese de doutoramento de Josefa Domingos, que há 15 anos se juntou a Catarina Godinho no intuito de tornar as intervenções fora do ambiente clínico mais abrangentes.

O projecto começou os seus estudos de viabilidade em 2018, para demonstrar que esta iniciativa era exequível e benéfica para os pacientes. Em 2020, este projecto viu a luz do dia, tendo recebido financiamento durante um ano e meio para levar a cabo a sua actividade. Após as investigadoras da Escola de Saúde e Ciência Egas Moniz deixarem de ter estas verbas, eram os pacientes que queriam continuar. “Neste momento, a intervenção acontece muito porque as pessoas querem”, sublinha Catarina Godinho. Desde que começaram os estudos de viabilidade, passou por esta intervenção mais de uma centena de pessoas com Parkinson. Algumas em sessões individuais, outras em grupo (como Barão, Camilo, Nuno e Pedro).

A utilização do exercício físico em pessoas com doença de Parkinson tem objectivos claros: por um lado, manter a mobilidade e o equilíbrio que a doença rouba; por outro, prevenir as quedas.

Dois em cada três doentes têm quedas, sendo que 13% afirmam cair mais do que uma vez por semana, conforme reporta uma revisão de estudos científicos de uma equipa da Universidade de Sidney (Austrália), já de 2013. Estas intervenções melhoram a qualidade de vida dos pacientes, como destaca Catarina Godinho, mas também Barão, Camilo, Nuno e Pedro.

13%
Das pessoas com doença de Parkinson afirmam cair mais do que uma vez por semana

18
Mil pessoas em Portugal terão diagnóstico de doença de Parkinson, segundo as mais recentes estimativas

Perder o medo de cair

O ambiente seguro dos colchões que ladeiam os trampolins permite atenuar um dos principais receios de quem tem Parkinson: cair. “A doença de Parkinson afecta essencialmente as pessoas a partir de uma determinada idade, portanto, a partir dos 50, 60 anos – é aí que começa a principal fase do diagnóstico”, indica João Casaca, fisioterapeuta e presidente da Associação Portuguesa de Doentes com Parkinson. Embora o diagnóstico em idades mais jovens seja cada vez mais comum, estas idades continuam a ser a fatia de leão dos diagnósticos.

“Temos aqui dois factores. Por um lado, a doença, que provoca desequilíbrios e instabilidade corporal. Por outro lado, a idade, que também é um factor de risco para as quedas”, acrescenta João Casaca, também professor da Escola Superior de Saúde do Alcoitão.

O medo de cair não é exagerado. As quedas são, muitas vezes, o início de uma fractura ou traumatismo cuja recuperação pode ser mais demorada, por exemplo. Portanto, é algo, naturalmente, a evitar. “Aqui, treinamos como cair”, sintetiza Catarina Godinho, uma das coordenadoras do projecto. Como cair, como se levantarem de uma superfície ou como se apoiarem são acções particularmente relevantes nesta iniciativa.

“Grande parte tem muito medo de cair, então temos de trabalhar a marcha, soltar braços e pernas, dar-lhes mais conhecimento sobre o que o corpo consegue fazer. Um doente com Parkinson tende a ficar muito rígido e com pouca mobilidade e tentamos expandir novamente”, explica Inês Martins, fisioterapeuta que acompanha doentes neste projecto há cerca de três anos.

Em cima, Pedro salta entre trampolins; ao lado, Inês Martins (esquerda) e Catarina Godinho, duas das responsáveis pela iniciativa

Inês Martins e Catarina Godinho comandam o quarteto naquela hora de treino. É uma das sessões a que os quatro homens vão todas as semanas. A maioria faz três sessões divididas em diferentes contextos: ora trampolins, ora piscina, ora ginásio. A complementaridade é essencial para trabalhar várias áreas.

A vantagem do trampolim é que é uma plataforma construída para desequilibrar. "Há uma constante necessidade de o corpo se reequilibrar", reforça Inês Martins.

Os exercícios, desde o saltitar entre trampolins (que estão colados uns aos outros), ao atirar um dado entre eles ou mesmo jogar raquetes enquanto se equilibram na volátil base do trampolim, servem para ajudar a ganhar força e equilíbrio, mas estão sempre alicerçados nos gostos de cada um. Afinal, os participantes têm de gostar desta intervenção.

"A instabilidade postural e as quedas são o principal problema e o trampolim é o contexto ideal para se treinar a prevenção, porque é instável", faz notar Catarina Godinho. Esta aprendizagem também permite recuperar confiança no que conseguem fazer, algo muitas vezes minado pela perspectiva de como a doença pode afectar.

Outro exemplo: coordenar duas tarefas em simultâneo. A doença de Parkinson não é somente motora, também afecta a cognição dos doentes. Isso pode implicar, por exemplo, que uma pessoa a andar na rua se sinta distraída se alguém parar o carro para falar com ela – e isso pode conduzir a uma queda. Ao passarem o dado de uns para os outros enquanto ouvem a fisioterapeuta e falam, conseguem minimizar essas potenciais dificuldades.

Camilo, de 61 anos e que teve o diagnóstico de Parkinson em 2001, reforça as melhorias na mobilidade e no equilíbrio, notando que à medida que a doença avança as dificuldades também aumentam. No entanto, confessa que "fazer muito exercício" tem contribuído para algo fundamental. "Tem-me mantido estável", diz.

"Há um participante que tem uma casa de família no terceiro andar e nunca mais tinha ido lá, combinava sempre no café em baixo. Agora já tem à-vontade para isso", conta Inês Martins.

As sessões não são, contudo, gratuitas, dado que o projecto não tem financiamento neste momento. Ainda assim, os preços são reduzidos. O Jumpyard cobra um valor inferior (de cinco euros por entrada) e depois as pessoas comparticipam o valor do fisioterapeuta (cerca de 30 euros por sessão, que podem ser divididos caso seja em grupo).

A instabilidade postural e as quedas são o principal problema e o trampolim é ideal para se treinar a prevenção

Catarina Godinho
Investigadora

Elite do pingue-pongue

Barão enverga uma camisola do Germany Open 2024. Ou seja, do torneio de pingue-pongue da Alemanha deste ano, no qual participou. Faz agora todo o sentido que à sua chegada Catarina Godinho tenha aclamado: "O nosso campeão do pingue-pongue."

Não é caso para menos. O torneio na Alemanha foi o último de um percurso que começou aos 12 anos. Chegou até a ser vice-campeão nacional por equipas na sua adolescência. Joga agora no Clube Recreativo e Desportivo Cavaquinhas, uma equipa na Arrentela, no concelho do Seixal, e é um participante activo no Ping-Pong Parkinson, uma instituição que reúne e organiza torneios como o Campeonato Mundial, que se realiza em Outubro na Eslovénia – e, claro, Barão lá estará.

Mas não é o único especialista no desporto. Também Camilo, Nuno e Pedro fazem do pingue-pongue o seu desporto de eleição e fazem parte da equipa da Associação Portuguesa de Doentes de Parkinson, composta já por dez atletas. A única reclamação é a falta de mesas: "Só temos uma", conta Camilo.

A recuperação da confiança também é importante e está, em certa medida, presente nestas actividades competitivas, que inclusive servem para forjar amizades, como realça Barão, cujos dois meses que passará na Alemanha no próximo ano se devem aos torneios de pingue-pongue.

"O Pedro quando chegou tinha deixado de andar de bicicleta e de fazer desporto porque não se sentia seguro", lembra Inês Martins. Agora, as coisas mudaram. "Aqui, jogamos futebol ou basquetebol. A ideia passa sempre por trabalhar os medos e os gostos pessoais deles. Há quem não vá passear o cão por receio de ser puxado pela trela, então agarramo-nos, puxamos...", diz. O exercício físico regular tem mostrado benefícios a travar ou minimizar a progressão da doença, particularmente na perda de mobilidade ou equilíbrio. Neste projecto, há até um novo desporto: a escalada, que faz parte de um novo projecto de Catarina Godinho e Josefa Domingos, financiado pela farmacêutica Roche.

Avançar para o SNS

A iniciativa, embora já tenha tido formações e sessões fora de Lisboa, mantém-se fixa na capital portuguesa. O intuito é expandir, naturalmente, mas isso é algo que demora. Até porque, diz Catarina Godinho, hoje é possível encontrar trampolins em qualquer local que tenha uma empresa de diversões.

Fora do contexto clínico, acrescenta, é possível "ter trampolins mais pequenos ou colchões", sempre com supervisão, que emprestem formas distintas de treinar movimentos e equilíbrio para lá do trabalho com fisioterapia tradicional – e que é mais alargado à população. O desejo da coordenadora e investigadora da Escola de Saúde e Ciência Egas Moniz é que seja um trabalho abraçado pelo Serviço Nacional de Saúde, que o poderia financiar como abordagem complementar no tratamento da doença de Parkinson.

"A fisioterapia na doença de Parkinson inclui sempre o treino em passadeira, com outras actividades motoras", nota João Casaca. No entanto, o treino repetido para prevenir quedas pode conduzir a "uma exaustão das estratégias", pelo que os trampolins – ou outras iniciativas como a escalada ou o pingue-pongue – são "uma alternativa criativa". "De alguma maneira cria uma diversão e as pessoas sentem que estão a treinar, mas não é num contexto clínico clássico", diz o presidente da Associação Portuguesa de Doentes com Parkinson. Ou, como frisa Barão, neste terreno movediço de trampolins ou numa mesa de pingue-pongue há comunhão e diversão: "É a minha terapia."

Nastassja Martin: “Sonhar é o lugar perfeito de resistência”

Antropóloga vai dar uma conferência na Culturgest sobre o encontro que teve com um urso, e o povo indígena eveno, no Leste russo, que voltou para a floresta após a queda da URSS

Nicolau Ferreira

Um dia, em 1989, as luzes da União Soviética apagaram-se e Daria Banakanov regressou à floresta e aos seus espíritos. Tvaïan, um pequeno conjunto de casas no meio da península de Kamchatka, no mais Leste do Leste russo, voltou a ser o seu lar, depois de ter sido retirada dali pelas autoridades soviéticas em 1962, com apenas oito anos. É lá que Daria retoma os costumes do seu povo, os evenos. É lá, entre árvores despidas e flocos de neve, no intenso Inverno daquela região, que a mulher evena mostra uma dança para a antropóloga francesa Nastassja Martin e para a câmara do realizador norte-americano Mike Magidson.

“Tive arrepios por todo o corpo”, recorda Nastassja Martin, numa chamada de vídeo com o PÚBLICO, relatando o que sentiu no momento da dança. Desde 2014 que a antropóloga visita Daria e se relaciona com a sua família estendida de mais de uma centena de evenos que resolveram abandonar os colcozes, unidades de produção agrícola rural, e retomar a vida tradicional na floresta, após a queda da União Soviética, que durante décadas submeteu aquelas populações autóctones ao pensamento e conduta comunistas.

Embora muitos evenos se tenham mantido nos povoados russos, Nastassja Martin interessou-se especificamente pelo grupo que resolveu voltar ao mundo natural, onde Daria é uma figura tutelar. Nas várias estadias que foi fazendo, a antropóloga foi-se embrenhando no quotidiano eveno, foi atacada por um urso, um encontro que se tornou num momento-charneira da sua vida (já lá vamos), e foi compreendendo como os fazeres de uma cultura indígena se reactualizam para responderem às necessidades e às limitações do mundo contemporâneo, onde não há apartados da história. A dança de Daria é um nexo de tudo isso.

“Para Daria, dançar não é uma coisa fácil de fazer, porque a repressão foi tão grande que até os seus próprios filhos não aceitam que ela dance e cante assim. Eles foram treinados para sentirem vergonha deste tipo específico de expressão, desta forma de se estar com todos os seres que os rodeiam”, explica a antropóloga.

E, no entanto, estes diálogos com os animais, com os elementos e os espíritos, em canções, nos sonhos que se sonha, são matéria dos dias dos evenos, fazem parte da sua cosmovisão, permitem encetar uma conversa com a realidade à volta, onde ursos, salmões, zibelinas, tempestades, o gelo e o rio que corre debaixo do gelo entram no jogo da sobrevivência.

É este universo que se espreita nos relatos de Nastassja Martin e no documentário *Tvaïan*, de Magidson e Martin, a ser exibido na quinta-feira, na Culturgest. Antes, haverá uma conferência dada pela antropóloga sobre o seu livro *Croire aux Fauves*, de 2019, (*Acreditar nas Feras*, na edição portuguesa da Antígona), em que reconta o ataque do urso. A investigadora vem a Lisboa a convite da embaixada de França e vai participar ainda na Noite das Ideias, organizada pelo Instituto Francês de Portugal, que decorrerá no Teatro São Luiz, dia 23, sob o tema *Linhas de Falha – Imaginar Futuros Inéditos*.

2019

foi o ano de edição do livro *Croire aux Fauves*, editado em Portugal pela Antígona com o título *Acreditar nas Feras*, que servirá de base à conferência da sua autora, Nastassja Martin

Xamanismo igualitário

Talvez o futuro de Daria já estivesse transcrito nos seus sonhos muito antes de as luzes se terem apagado em Esso, onde trabalhava enquanto farmacêutica. “Quando lhe perguntei porque é que ela voltou à floresta, disse-me que tinha que ouvir o sonho da floresta que andava a sonhar há tanto tempo, era uma espécie de sonho recorrente, e não ouvia o sonho porque até então não podia”, adianta Nastassja Martin. “Mas quando tudo parou, as lojas fecharam, não havia mais alimentos, ela não tinha mais emprego, e as luzes literalmente apagaram-se. Ela disse: ‘Este sonho tornou-se tão vívido.’ E ela via a sua mãe na floresta.”

Memme, a mãe de Daria, manteve-se na floresta a maior parte do tempo durante o período soviético. Para a antropóloga, ela é uma peça fundamental para explicar o retorno que se deu depois. “Sempre houve esta figura estável que já tinha decidido não fazer parte da vida do colcoz”, aponta. A investigadora já só foi a tempo de participar no funeral da anciã, quando chega pela primeira vez ao território dos evenos, como conta em *À l’Est des Rêves*, de 2022 (*A Leste dos Sonhos*, na edição brasileira da Editora 34), que é um relato antropológico e pessoal daquele povo autóctone.

Nos anos antes de chegar a Kamchatka, a antropóloga fez trabalho etnográfico no Alasca, estudando o povo indígena gwich’in, onde acabou por se deparar com os problemas da exploração dos combustíveis fósseis. “Não estudo cosmologias apenas para estudar cosmologias,

MATHIEU GENON

mas como respostas a um estado particular do mundo e quando questões ou problemáticas muito actuais se levantam. No Alasca, trabalhei muito sobre extractivismo em relação ao petróleo e ao gás, porque era com isso que os gwich'in se confrontavam", exemplifica.

Ao deslocar-se para o lado russo do estreito de Bering, e para os evenos, a investigadora continuou à procura dos impasses do mundo moderno, que obrigam os povos autóctones a recriarem-se. "O que me interessa é o ressurgimento da instabilidade como ponto de partida para o retorno de uma criatividade existencial, uma criatividade não normatizada previamente pelas políticas coloniais e que se produz fora delas", escreve a antropóloga em *A Leste dos Sonhos*.

No caso dos evenos, parte da sua resposta nasce da capacidade de sonhar, do sonho como mediador do diálogo com as espécies que partilham o mesmo mundo. "Quando eles tiveram que voltar a caçar, a pescar, tiveram que encontrar formas de se conectar outra vez, daí a razão de terem reaprendido a sonhar", explica-nos a antropóloga. Numa das passagens do livro mais evidentes sobre esta relação, Nastassja Martin relata uma manhã em que acorda e Daria não está em casa. Durante a noite, ela sonhara que os salmões estavam num determinado ponto do curso do rio e, quando acordou, dirigiu-se a esse local para os pescar.

"O sonho é uma forma de obter este conhecimento, que não se encontra em mais lado nenhum", aponta a investigadora. No passado, na cultura dos evenos, quem tinha direito a aceder a este tipo de conhecimento eram os xamãs, num sistema altamente hierarquizado. "Mas os xamãs desapareceram na década de 1970, eles morreram e não foram substituídos", conta.

Com o retorno para a natureza, volta a necessidade do conhecimento que os xamãs garantiam, mas num contexto novo. "Nesta reinvenção, o xamanismo torna-se muito mais igualitário", aponta Martin, apresentando uma tese significativa: "Em tempos de crise, quando explodem todas as estruturas onde nos situamos, incluindo as estruturas culturais tradicionais, a hierarquia acaba por não funcionar mais. O conhecimento tem de ser partilhado por todos num espaço horizontal, e isso é interessante, não só de um ponto de vista da cosmologia, mas também político."

Mundos que implodem

Nem uma estranha à cultura dos evenos escapa ao efeito dos sonhos. No relato de *Acreditar nas Feras*, essa força está patente. Ao entrar naquele mundo, quer pelo deslocamento cultural, quer pela situação geográfica, a antropóloga francesa começou a sonhar intensivamente, inclusive com ursos. "Fui invadida por sonhos", conta-nos. "Sonhar tornou-se muito avassalador. Em cada manhã, acordava mais e mais cansada."

Como resposta, em Agosto de 2015, Nastassja Martin decide realizar uma expedição até uma montanha próxima para "fazer o que [sabe] fazer, que é alpinismo", e parar de sonhar. É na volta que se dá o embate com o seu sonho, o encontro com a fera, o ataque do urso. "Ele morde o meu rosto, depois a cabeça, sinto os meus ossos estalarem, (...) mas eu não morro, estou plenamente consciente", lê-se naquela obra. "Nesse dia 25 de Agosto de 2015, o acontecimento não é: um urso ataca uma antropóloga francesa (...). O acontecimento é: um urso e uma mulher encontram-se e as fronteiras entre os mundos implodem."

Cabe ao leitor dar um sentido ao mistério que toma conta da vida de Nastassja Martin e que ela vai descrevendo, no meio de uma convalescença atravessada pela dor, enredada nas variadas interpretações que lhe apresentam para explicar o que ela viveu e que ela rejeita. "Estamos diante de um vazio semântico", escreve. *Acreditar nas Feras* coloca a lupa no antropólogo, cujas experiências que compõem o seu trabalho não são, à partida, delimitáveis.

"Enquanto antropólogos, não gostamos de falar acerca das condições de produção de uma determinada investigação que estamos a fazer", diz-nos Nastassja Martin, explicando que acabou por escrever *Acreditar nas Feras* porque não estava a conseguir avançar no trabalho de escrita antropológica. "Esta história mudou tudo, alterou a forma como pensamos a antropologia, o trabalho de campo, como alguém pode ser afectado por uma certa cosmologia e como uma certa cosmologia vai explodir as suas supostas fronteiras."

FOTOS POINT DU JOUR

O conjunto de casas que compõe Tvaïan, no Kamchakta, e um urso: imagens do documentário que vai ser exibido dia 19 na Culturgest

Não estudo cosmologias apenas para estudar cosmologias, mas como respostas a um estado particular do mundo e quando questões ou problemáticas muito actuais se levantam

O testemunho é também reflexo de uma necessidade de fazer antropologia de uma nova forma. "Acho que não podemos fazer de conta que é possível fazer as nossas investigações como há 50 anos, ou mesmo há 20", afirma. "Acabou-se isso. Tudo o que está a acontecer neste momento em termos da metamorfose ambiental, de hibridação, das alterações climáticas, está a questionar precisamente o nosso diálogo com o trabalho. É importante alterar a metodologia para que nos permita conseguir apreender a realidade."

Num planeta em que a grande maioria da natureza selvagem foi extirpada, a antropóloga dá importância à possibilidade deste tipo de encontros, entre um humano e um ser como um urso, mesmo quando há o risco de se tornar numa experiência definitiva. "Há a necessidade de perceber que estes seres têm as suas próprias trajectórias, as suas próprias intenções, e que te podem levar a fazer coisas que não estavas à espera. Eles vão sempre fazer explodir as categorias em que os colocas. Isso é nuclear para mudar a nossa compreensão acerca do mundo", defende. E "não é apenas com os animais, é também com os elementos".

Hoje, os elementos estão no centro da investigação de Nastassja Martin. Desde o início de 2020 que a antropóloga se viu impedida de voltar ao Kamchatka, primeiro por causa da pandemia e depois por causa da guerra. Mas o fio que começou a puxar lá sobre os elementos – há um capítulo inteiro de *A Leste dos Sonhos* sobre o diálogo que os evenos têm com o fogo da lareira, a água dos rios e as tempestades – pôde continuar na Patagónia, na América do Sul.

"O que está a emergir agora são os elementos. As alterações climáticas são sobre isso. São estas enormes inundações, grandes tornados, incêndios. Está a acontecer a toda a gente", reflecte a antropóloga.

É também o vento, a água e o sol que estão no centro da transição energética. Na Patagónia, a investigadora está a estudar um projecto importante de produção de hidrogénio a partir da energia eólica. "O que se diz, mesmo que seja mentira, como vou provar, é que estes projectos são verdes, que para haver descarbonização vamos usar estes elementos e nada vai acontecer. Por isso, estou a trabalhar nesta questão política e económica actual, enquanto faço uma ligação com os povos indígenas da América do Sul, que entendem estes elementos de uma forma totalmente diferente", diz.

Em Kamchatka, do outro lado do mundo, as alterações climáticas já se infiltraram na vida dos evenos, modificando os Invernos, provocando a morte de renas. "O mundo desmorona-se simultaneamente em todos os lugares. O que acontece em Tvaïan é que se vive conscientemente nas ruínas", lê-se em *A Leste dos Sonhos*. "Estas pessoas são extremamente reflexivas porque elas vêem as mudanças ao vivo. Elas estão na catástrofe", explica-nos Nastassja Martin, que recorda que os evenos são também exímios a rirem-se perante a desgraça, no uso da gargalhada enquanto antídoto para a dimensão trágica que os envolve.

Essa força dá esperança à antropóloga, que nos últimos anos vai comunicando com os seus amigos evenos pelas redes sociais, ou em sonhos, com Daria. Os sonhos, onde ainda há espaço para o mundo surgir. "Retiras tudo das pessoas, retiras a vida, a cultura indígena, o ambiente natural. Mas ninguém vai retirar os teus sonhos", diz. "Sonhar é o lugar perfeito de resistência."

Dos barcos de pesca aos portáteis: a música contemporânea no Ultima

Criado em 1991, o Ultima apresenta em Oslo propostas que questionam o lugar da música contemporânea, com lugar para música industrial, pop, ensembles de câmara e arte sonora

Gonçalo Frota em Oslo

Ao subirmos as escadas do centro de arte contemporânea NITJA, em Lillestrom, dez minutos de comboio a partir de Oslo, suspendemos o passo antes de chegar ao primeiro piso, onde se encontra a exposição *Particular Universal*. Das colunas instaladas, de forma discreta, nos degraus cimeiros, chega-nos o som da madeira de um barco a ranger, de pequenas ondas a desfazer-se contra a embarcação, de aves a cantar e a disputar a atenção dos microfones ou (já sem a ajuda das colunas) dos próprios corrimões a querer contribuir com uma esmerada *performance* musical. É e não é ilusão. É a experiência de contactarmos com a peça *The Fishing Boat*, com que o artista sonoro Mestre André contribuiu para a exposição, uma curadoria conjunta da norueguesa nyMusikk e da portuguesa Out.ra, integrada na programação do festival Ultima – dedicado à música contemporânea, e a decorrer em Oslo entre 12 e 21 de Setembro, com mais de 50 concertos e actividades.

Particular Universal junta criações dos noruegueses Erik Dæhlin, Jiska Huizing, Signe Lidén, Magdaléna Manderlová, Knut Olaf Sunde, Eirik Blekesaune & Martin Taxt, e dos portugueses Mestre André, Adriana João, João Polido e Rita Santos, e baseia-se num intercâmbio entre músicos dos dois países, a partir de um projecto europeu focado nos territórios de baixa densidade populacional. Com o propósito de confrontar os músicos e artistas sonoros com lugares de isolamento, a fim de reflectirem sobre a paisagem, a identidade e a memória dos espaços, o convite foi para que realizassem residências fora do seu país: uns em Castro Marim, o ponto mais a sudeste de Portugal, outros no Cabo Norte, considerado o sítio mais a norte da Europa continental. "A primeira premissa surgida da baixa densidade populacional", explica Rui Dâmaso, um dos coordenadores do projecto, ao PÚBLICO, "foi o isolamento e o desconhecimento do resto do país em relação a esses territórios. Claro que o local onde os artistas portugueses estiveram, devido às diferentes características geográficas, é muito mais isolado do mundo do que Castro Marim. Mas foi um paralelo que tentámos traçar e trabalhar, através do som, o retrato que se consegue fazer desse isolamento."

Mestre André, Adriana João, João Polido e Rita Santos foram, assim, desafiados a estar nove dias em residência na ilha de Mageroya, onde se localiza o Cabo Norte, sem qualquer imposição de criarem peças a partir dessa experiência (a exposição *Particular Universal* foi já uma consequência do projecto inicial). Dois meses antes da viagem, em Julho de 2023, os quatro receberam "um PDF com uma selecção e descrição de locais" para saberem onde queriam instalar-se e explorar a paisagem e a natureza selvagem da ilha. "A ideia era ficarmos quatro ou cinco dias no sítio que escolhêssemos", conta Mestre André, em Oslo, ao PÚBLICO. O tempo restante seria dedicado a visitas em grupo.

Convencido de que estava a sinalizar o local mais concorrido, Mestre André arriscou, ainda assim, colocar uma cruz em Kjelvik, uma antiga vila esquecida num vale e cujo principal acesso se faz por mar, cenário escolhido para julgamentos e queimas de bruxas e bruxos nos séculos XVI e XVII, bombardeada e destruída pela Alemanha nazi durante a II Guerra Mundial. Com muito poucas casas reconstruídas e um acesso difícil – a alternativa ao mar, que o artista seguiu, é "uma caminhada de mais de duas horas por caminhos na montanha a partir de Honningsvag" –, num Julho em que "só via o sol a rodar", sem vestígios da noite, Mestre André avançou fascinado pela história do lugar e pela possibilidade de passar quatro dias sozinho, com um gravador, a relacionar-se com aquele sítio. Foi o único a escolher Kjelvik.

"Só que, afinal, não estava sozinho", conta. "Havia uma família na casa ao lado e, desde o momento em que cheguei, abraçaram-me e passei o tempo com eles, a ir à pesca, a fazer refeições – pesquei os meus primeiros peixes ali. Saía de barco com eles, pescávamos durante um bocado, até vermos uma baleia e passávamos o resto do tempo atrás das baleias." Daí que no relatório enviado para a Out.ra tenha escrito que partira à procura de bruxas, e as bruxas tinham acabado por acolhê-lo. Por isso, a sua proposta para *Particular Universal* baseia-se em gravações realizadas sempre a bordo de barcos, ao largo de Kjelvik ou na Ilha dos Pássaros, debaixo de água, com as aves em redor ou junto do metal do barco, num ponto transitório entre a superfície e a submersão - é esse som grave que, na escadaria do NITJA, faz vibrar e soar os corrimões que funcionam como amplificadores da gravação.

Num Julho em que "só via o sol a rodar", sem vestígios de noite, Mestre André avançou fascinado pela história do lugar. Foi o único a escolher Kjelvik

Dentro da sala do NITJA, onde se encontram as restantes propostas, a relação com a água e com os pássaros mantém-se. Há rios a correr, pássaros mortos e tomados por flores, a paisagem entre o humano e o não-humano na instalação de Jiska Huizing, as fotografias sobre as quais João Polido e Adriana João fazem disparar a imaginação com sons mais experimentais, num braço-de-ferro entre tranquilidade e inquietação, a voz de Magdaléna Manderlová enquanto caminha e tenta encontrar um lugar de tangência entre terra e mar, a dissertação de

FOTOS NABEEH SAMAAN

Em cima: no clube Trekanten com o programa Acute; em baixo: o concerto Freedom to Move e, à direita, a cantora e violoncelista Lucinda Chua

Knut Olaf Sunde sobre a influência da topografia nas nossas memórias, o corpo translúcido projectado sobre uma parede que Erik Dæhlin nos põe a espreitar por uns óculos ou a paisagem estática, lago e montanhas, para onde Rita Santos nos atira enquanto lugar de repouso. Um constante e estimulante apelo à observação dos lugares.

Dois dias em que cabe tudo

Particular Universal é visitável durante toda a duração do Ultima. Mas é apenas um vislumbre daquilo que o festival questiona em permanência: o que significa, hoje, música contemporânea? E, embora até promova debates sobre o assunto, nada será tão esclarecedor quanto a própria experiência pensada pela programação: durante dois dias, transitar entre concertos de experimentalismo vocal, experiências de *performance* e vídeo, concertos de música de câmara com composições acabadas de estrear, actuações de música industrial electrónica, apresentação de uma obra do mestre do minimalismo Philip Glass, uma noite de pop encabeçada por Lucinda Chua, uma outra em ambiente club com computador portáteis a mandarem na música.

FOTOS: DR

Se a edição deste ano do Ultima tem como mote a liberdade, o concerto Freedom to Move, dirigido pela cantora sueca Sofia Jernberg (com um percurso ligado sobretudo ao jazz contemporâneo e à música improvisada) é um bom exemplo de como passar para palco esse conceito de declinações tão variáveis. Jernberg explica ao PÚBLICO que organizou e preparou um *workshop* com cinco cantores de "*backgrounds* muito diversos", pondo em palco Emily Adomah (oriunda do experimentalismo), Synnøve Brøndbo Plassen (vinda da folk norueguesa), Reshail Mansoor (intérprete de raga indianos), Kaia Rullestad Teigen (com percurso no teatro musical, e na ópera) e Nawar Alnaddaf (improvisadora que trabalha sobretudo com os maqam da música árabe).

Em palco, a diversidade que Sofia Jernberg quis convocar é evidente e é espantoso como o primeiro tema, construído apenas sobre as vozes dos cinco, é exemplificativo de todo um pensamento apenso a Freedom to Move. Se mais tarde cada um/a abordará um tema próprio, tradicional ou improvisado, em terreno mais ou menos familiar (espantosas os momentos, na companhia de outros músicos, protagonizados pelo raga de Mansoor e pela construção por camadas de Adomah, alterando a voz para sabotar as palavras), o início do concerto, confirma Jernberg, mostra a individualidade dos cinco colocada em harmonia, identificando-se as raízes dos seus cantos, mas fundidas numa peça musical que a todos pertence. É como se, antes dos indivíduos, observássemos o colectivo, num espelho dos seus papéis sociais – membros de um grupo maior, mas sem anularem as suas diferenças e especificidades.

Os cenários escolhidos pelo festival ajudam também às experiências imaginadas pelo Ultima e o caso do Kulturkirken Jakob, uma igreja de finais do século XIX reconvertida em sala de espectáculos, é um dos melhores exemplos. Numa parceria com o festival e conferência by:Larm, o Ultima apresenta três nomes da música pop – a cantora Enji, de um jazz levezinho cruzado com vocalizações da sua origem mongol, a *singer-songwriter* palestiniana Rasha Nahas, com uma crueza e uma fúria à guitarra evocadoras da PJ Harvey de *Rid of Me*, e a pop etérea de Lucinda Chua. Não espanta que Chua seja uma artista ligada à 4AD, dada a natureza dos seus temas cantados ao violoncelo ou ao piano, sempre num plano muito belo, ambiental e diáfano, às vezes soando a um cruzamento de Cat Power e Tori Amos, outras próxima do tom sussurrado de Jennifer Charles. Como se, no interior de uma igreja, procurasse chegar ao céu atalhando pelas canções.

Por outro lado, para quem chegava a Oslo à procura de emoções fortes, tanto o programa Black Industrial Noise quanto o espectáculo *The Chosen Ones* terão sido apostas compensadoras. Mas *The Chosen Ones* terá ganhado enquanto momento mais desconcertante do primeiro fim-de-semana do festival. Com o público sentado no chão do Black Box Teater, a 15 minutos de autocarro do centro de Oslo, assistia-se a um estranho vídeo espalhado por vários ecrãs, de um grupo que se propunha visitar uma comunidade algo secreta numa floresta sueca, seguidores de um culto dedicado ao número zero – descritos como "um grupo místico de perdedores" –, mascarados e dizendo-se as almas daqueles que ainda não nasceram. Entre a comédia e o terror, num tom de *Blair Witch Project*, *The Chosen Ones* esticou ao absurdo os limites daquilo que cabe na programação do Ultima.

Talvez aquilo que mais facilmente se esperaria do Ultima fossem sessões como States of Wonder (com o ensemble de câmara Cikada) e a apresentação na Ópera de Oslo dessa peça maior no reportório de Philip Glass chamada *Satyagraha*. Se de *Satyagraha* – termo híndi cunhado por Gandhi para definir os protestos pacíficos anticoloniais na Índia –, nesta versão da ópera, reduzida e interpretada por profissionais e estudantes de música e dança, sabemos ser um dos grandes monumentos do minimalismo, criado por Glass depois de uma viagem à Índia, com o grupo Cikada a ocasião foi de estreia mundial para a peça de Linda Caitlin Smith *In the Woodlands*. Mas a par da ambiciosa criação de Caitlin Smith, impressionou sobretudo *A Hug to Die*, magnífica e perturbadora composição da grega Sofia Avramidou criada a partir da peça de teatro *The Pillowman*, de Martin McDonagh.

9 dias em residência artística no Cabo Norte foi o desafio feito a Mestre André, Adriana João, João Polido e Rita Santos

A prova de que a música contemporânea pode também corresponder a alguém que ocupa um palco munido de computador portátil (e, vá, uma guitarra ou outra) teve lugar no clube Trekanten (com o programa Acute). E durante a sessão, na conversa entre alguns programadores, de música experimental e vanguardista, comentava-se diante da actuação do iraniano Pouya Pour-Amin, fazedor de uma electrónica desacelerada e atravessada por cantos ou lamentos longínquos, o quanto os festivais deste género têm de abrir-se cada vez mais a um tipo de propostas que questionam a sua identidade – porque as gavetas são sempre mais arejadas e menos bafientas quando se abrem em simultâneo. como acontece a toda a hora no Ultima, baralhando convicções e deitando abaixo certezas.

Chimp Crazy, a história da "Dolly Parton dos chimpanzés"

Depois do sucesso de *Tiger King*, Eric Goode tem uma nova série documental, de quatro episódios, sobre pessoas excêntricas e os seus animais exóticos, desta feita chimpanzés

Rodrigo Nogueira

Tonia Haddix, uma excêntrica enfermeira transformada em intermediária da venda de animais exóticos, diz que lhe chamam "a Dolly Parton dos chimpanzés". Em 2017, tornou-se dona de *Tonka*, um chimpanzé hoje com 32 anos. Na infância, *Tonka*, que cresceu em cativeiro, foi visto em filmes dos anos 1990, como *Buddy, o Chimpanzé*, onde contracenou com Alan Cumming, o subvalorizado *Babe – Um Porquinho na Cidade* ou *George – O Rei da Selva*. Só que, se quando são novos, os chimpanzés são fofinhos, domesticados e simpáticos, quando crescem, especialmente se estiverem em cativeiro e em contextos humanos, soltam o carácter selvagem, e isso pode ser muito perigoso. Mesmo assim, pessoas como Tonia, que diz que *Tonka* é uma espécie de "humanzé", continuam a querer tê-los, tratando-os como filhos humanos. Ela e *Tonka* são o fio principal de *Chimp Crazy*, um documentário HBO dividido em quatro partes cujo último episódio chegou à plataforma de *streaming* Max na semana passada.

Chimp Crazy foi realizado por Eric Goode, que no início dos anos 1980 era artista plástico, tendo-se tornado um dos donos da Area, a discoteca nova-iorquina dos anos 1980 em que amigos seus, como Andy Warhol e Jean-Michel Basquiat, chegaram a tratar da decoração, e que era frequentada por gente que ia de Grace Jones e Dolph Lundgren a Cher, passando por Werner Herzog, John Lurie, Madonna ou David Byrne.

Depois disso, ficou dono de restaurantes e hotéis, mas tornou-se também conservacionista, o que lhe trouxe toda uma nova carreira: a de realizador. Em 2020, assinou, a meias com Rebecca Chaiklin, a série documental *Tiger King*, que, nos tempos iniciais da pandemia, se tornou um fenómeno gigante na Netflix. Este êxito à escala mundial ajudou a influenciar legislação antitráfico e exibição de felinos exóticos nos Estados Unidos e transformou as coloridas personagens retratadas, especialmente Joe Exotic e Carole Baskin, em estrelas e ícones. Entretanto, houve duas sequelas menos mediáticas dessa série, mas Goode, que tem tempo e dinheiro de sobra para financiar empreitadas do género, tem estado sempre a trabalhar em projectos novos.

E é esse luxo do tempo que o faz seguir pistas e pessoas diferentes do normal, podendo esperar até que algo que não estava planeado aconteça durante a rodagem. Foi mesmo isso que se passou com *Chimp Crazy*, que começou por ser uma forma de observar e registar pessoas como Tonia, "mães" de chimpanzés. Algumas dessas histórias, que têm muitas vezes desfechos trágicos, são contadas na série e até têm ligações à de *Tonka*.

Em 2021, Goode iniciou a rodagem do documentário. O primeiro cenário foi a propriedade da treinadora animal Pam Rosaire, na Florida. Seguiu-se Connie Casey, dona da Missouri Primate Foundation, que antes de ser fundação era a Chimparty, uma empresa de aluguer, para aniversários, produções audiovisuais e outros eventos, e de venda de chimpanzés. Haddix trabalhava para Casey como voluntária.

DR

Tonia Haddix e o seu chimpanzé *Tonka* são o fio principal do documentário *Chimp Crazy*

Decepção e questões éticas

Em 2016, foram processados pela PETA, a People for the Ethical Treatment of Animals, a organização pró-direitos dos animais, pelas más condições em que mantinham os primatas. Haddix sugeriu transferirem a posse dos animais para o nome dela, mas isso não serviu de nada. Foram, na mesma, obrigados legalmente a levar os chimpanzés para um santuário. Só que *Tonka* não foi com os outros: desapareceu. Haddix disse que ele tinha morrido, mas a PETA, e muita gente, não acreditou. Anunciaram uma recompensa de dez mil dólares (cerca de nove mil euros) para quem o resgatasse, sendo que Alan Cumming, o actor que tem um passado com *Tonka* e é uma das cabeças falantes do documentário, ofereceu mais dez mil.

Para poder entrar neste universo depois da fama que *Tiger King* lhe trouxe, Eric Goode não podia dar nem a cara nem o nome. Enganou, admite, Haddix, contratando um realizador por procuração, Dwayne Cunningham, que foi palhaço no célebre circo dos Ringling Bros. e condenado por tráfico de animais. Haddix, que é mostrada em muitos momentos em que claramente acha que ainda não está a ser filmada para o documentário, além de aparecer em solários e a fazer tratamentos à cara, só descobriu que Goode estava envolvido quando um artigo da *Rolling Stone* contou a história dela em 2022.

Cunningham, que acorda com Haddix esta nunca dizer nem fazer nada que não queira que o mundo saiba, desenvolve ele próprio uma relação de amizade com ela. É algo que terá causado algumas dúvidas a Goode, que surgem mais nas entrevistas que deu depois da estreia da série. Goode tenta lidar com essa decepção e questões éticas que daí vêm no próprio documentário, até em termos do que vai acontecendo e de uma iniciativa que, não entrando em *spoilers*, acaba por tomar.

Estreias da semana

FILMIN

As Sementes do Mal
Terça-feira
Wussnitz, antiga República Democrática da Alemanha. O ano é 1993, pouco depois da queda do muro. Uma rapariga aparece morta na floresta. A investigação encontra símbolos nazis, desenhos de lobos, indícios de abuso de menores e raptos. Série policial alemã da RTL Television, uma adaptação de Blütenglab, romance de Ada Fink. São, ao todo, seis episódios.

SKYSHOWTIME

Tulsa King T2
Quarta-feira
Sylvester Stallone está de volta para a segunda temporada desta série criada por Taylor Sheridan (*Yellowstone*) sobre um mafioso nova-iorquino que é enviado, após uma temporada na prisão, para Tulsa, Oklahoma, onde inicia um novo império criminoso. Juntam-se ao elenco Annabella Sciorra, Tatiana Zappardino, Frank Grillo e Neal McDonough.

NETFLIX

Monstros: A História de Lyle e Erik Menendez
Quinta-feira
A criação de Ryan Murphy e Ian Brennan agora dedica-se a outros assassinos: os irmãos Lyle e Erik Menendez, que em 1996 foram condenados por, sete anos antes, terem matado os seus pais, crime mediático que chocou a América.

A Rainha das Vilãs
Quinta-feira
No Japão dos anos 1980, Dump Matsumoto tornou-se uma estrela do wrestling, representando um *boom* para as mulheres nesse desporto. Esta série, criada por Osamu Suzuki, conta a sua história, com Yuriyan Retriever a fazer o papel da lutadora.

DISNEY+

Foi Sempre a Agatha
Quinta-feira
Depois de WandaVision, de 2021, a bruxa Agatha Harkness está de volta às séries do Universo Cinematográfico Marvel. Na série anterior, ficou presa em Westview, Nova Jérsia, e agora consegue sair graças a um adolescente gótico e *gay* que se quer tornar bruxo e forma com ela um conventículo.

Cinema

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt

Porto

Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
Da Vida das Marionetas 15h; **Barronhos - Quem Teve Medo do Poder Popular?** 19h30; **Ubu** 19h30; **Geração Low-cost** M14. 21h30; **Motel Destino** M14. 17h30; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 19h30; **A Pedra Sonha dar Flor** 16h; **Reality** 14h30, 21h45

Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
Ubu 19h, 21h; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h30, 16h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h10, 15h40 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 18h20, 21h30; **Oh Lá Lá!** M12. 18h50, 21h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h30, 17h40, 20h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 18h40, 21h40 ; **Um Sinal Secreto** M14. 13h45, 16h10; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h40, 16h20, 19h10, 21h50 ; **A Pedra Sonha dar Flor** 13h50, 16h30; **Não Fales do Mal** 13h20, 15h50, 18h30, 21h20

Medeia Teatro Municipal Campo Alegre
R. das Estrelas. T. 226063000
Morangos Silvestres M12. 21h30

Braga

Cineplace Nova Arcada - Braga
C. C. Nova Arcada. T. 253112913
Ubu 20h; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 15h, 17h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 15h, 17h10, 19h20 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 21h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 19h, 21h40; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h, 17h10, 19h30, 21h50; **Cão e Gato** M6. 15h50 (VP); **Hellboy e o Homem Torto** 19h20; **Justiça Artificial** 21h30; **Um Gato Com Sorte** M6. 15h20, 17h20 (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 15h10, 17h20, 19h30, 21h40; **Zona de Risco** M14. 17h40; **100% Lobo** 15h30, 17h30 (VP); **Não Fales do Mal** 16h30, 18h50, 19h30, 21h20, 21h50; **Reality** 21h40; **Jogo de Assassinos** 15h30, 17h30, 19h30, 21h30

Teatro Circo
Av. da Liberdade, 697. T. 253262403
Mais Que Nunca M14. 21h30

Castelo Branco

Cinebox
C.C. Alegro Castelo Branco. T. 760789789
Divertida-Mente 2 16h40 (VP); **Isto Acaba Aqui** 19h; **Um Gato Com Sorte** 14h (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** 14h, 16h30, 21h40; **Zona de Risco** 19h10; **Não Fales do Mal** 14h, 16h30, 21h40; **Jogo de Assassinos** 19h, 21h35

Coimbra

Casa do Cinema de Coimbra
Av. Sá da Bandeira 33. T. 239851070
Ubu 14h30; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 18h30; **A Pedra Sonha dar Flor** 16h30; **Não Fales do Mal** 21h30

Gondomar

Cinemas Nos Parque Nascente
Praceta Parque Nascente, nº 35. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 12h30, 15h20, 17h50 (VP); **Divertida-Mente 2** 13h20, 16h (VP) 21h20 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 20h20; **Deadpool & Wolverine** 14h, 17h10, 20h50, 23h40; **Isto Acaba Aqui** 15h, 18h10, 21h, 23h50; **Alien: Romulus** 14h30, 17h30, 20h40, 23h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h10, 15h10, 16h20, 18h, 19h20, 21h10, 22h20, 24h; **Um Sinal Secreto** 19h10, 21h50, 00h25; **Hellboy e o Homem Torto** 00h30; **Um Gato Com Sorte** 14h40, 17h (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** 12h40, 15h40, 18h40, 21h30, 00h15; **Zona de Risco** M14. 19h, 22h10;

Estreias

100% Lobo
De Alexs Stadermann. Com Loren Gray (Voz), Adriane Daff (Voz), Akmal Saleh (Voz), Alexs Stadermann (Voz). GB/EUA/ Austrália/BEL/RUS. 2020. 96m. Animação, Aventura.
A família de Freddy Lupin é de lobisomens. Seria de esperar, quando chegasse aos 14 anos, que a sua transformação corresse como a dos seus familiares. O problema? Transforma-se, afinal, num caniche.

A Pedra Sonha dar Flor
De Rodrigo Areias. Com Paulina Almeida, Carlos André, Rodolfo Areias, Pedro Bernardino, Miguel Borges. POR. 2024. m. Drama.
Rodrigo Areias, que tem vindo a construir uma obra regular à volta de Guimarães, a sua terra natal, atira-se a Raul Brandão (1867-1930), adaptando "A Morte do Palhaço", misturado com outras obras do escritor que viveu e trabalhou também em Guimarães.

Jogo de Assassinos
De Phillip Noyce. Com Pierce Brosnan, Morena Baccarin, James Caan, Gbenga Akinnagbe. EUA. 2023. 90m. Thriller, Acção.
Um assassino que trabalha para um chefe da máfia decide vingar-se quando um rival mata o seu patrão.

Justiça Artificial
De Simón Casal. Com Alberto Ammann, Monti Castiñeiras, Melania Cruz, Marco D'Almeida. ESP. 2024. m. Ficção Científica.
O Governo espanhol decide, para despolitizar o sistema de justiça, substituir todos os juízes por um programa de inteligência artificial.

Não Fales do Mal
De James Watkins. Com James McAvoy, Mackenzie Davis, Scoot McNairy, Aisling Franciosi, Alix West Lefler. EUA. 2024. 110m. Drama, Terror.
"Remake" do filme homónimo dinamarquês de 2022, uma história de terror psicológico com "thriller" e sátira social em que um casal vai passar, a convite de outro, um fim-de-semana numa casa idílica de campo, o que depressa se torna um pesadelo.

Reality
De Tina Satter. Com Sydney Sweeney, Josh Hamilton, Marchánt Davis, Benny Elledge. EUA. 2023. 83m. Drama, Documentário.
O interrogamento da delatora Reality Winner, que passou documentos sobre interferência russa nas eleições americanas de 2016, é dramatizado neste filme de Tina Satter.

Ubu
De Paulo Abreu. Com Miguel Loureiro, Isabel Abreu, Dinarte Branco, Sérgio Silva, Vicente Gil, Laura Frederico, Álvaro Correia. POR. 2023. 77m. Ficção.
Ubu é convencido pela esposa a matar o Rei Venceslau da Polónia e assim usurpar o seu trono. Adaptação de "Ubu Roi", a peça do francês Alfred Jarry de 1896.

Reality

As estrelas P

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Alien — Romulus	★★☆☆☆	—	★★☆☆☆
Beetlejuice, Beetlejuice	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆
Breves Encontros	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Bruno Reidal — Confissões...	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Daddio, uma Noite em Nova Iorque	—	★☆☆☆☆	—
Dulcineia	—	★☆☆☆☆	—
O Longo Adeus	★★★★★	★★★★★	★★★★★
O Monge e a Espingarda	★★☆☆☆	★★☆☆☆	—
Não Fales do Mal	—	★☆☆☆☆	—
Na Terra de Santos e Pecadores	—	★★★☆☆	★★★☆☆
A Pedra Sonha Dar Flor	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Ubu	★★☆☆☆	★★☆☆☆	—
Verdade ou Consequência?	★★★★☆	★★★★☆	★★★☆☆
24 Frames	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

100% Lobo 14h10, 16h30 (VP); **Não Fales do Mal** 13h30, 16h10, 18h50, 21h40, 00h20; **Reality** 23h10; **Jogo de Assassinos** 13h, 15h30, 17h40, 19h50, 22h

Maia

Castello Lopes - Mira Maia Shopping
Mira Maia Shopping, Estrada Real nº 95 - Lugar das Guardeiras. T. 229419241
Gru - O Maldisposto 4 M6. 16h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h35, 19h05 (VP); **Isto Acaba Aqui** M12. 21h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h40, 19h10, 21h35; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 14h45, 17h, 19h15, 21h30; **100% Lobo** 17h05 (VP); **Não Fales do Mal** 14h35, 16h55, 19h15, 21h35

Cinemas Nos MaiaShopping
C.C. Maiashopping, Lj 2.43. T. 16996
Divertida-Mente 2 M6. 13h20, 16h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 18h30, 21h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h, 15h50, 18h40, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h40, 16h10, 18h50, 21h20; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h10, 15h40, 18h20, 21h; **Não Fales do Mal** 13h30, 16h20, 19h, 21h40

Matosinhos

Cinemas Nos MarShopping
Av. Dr. Óscar Lopes. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 13h30, 16h (VP); **Divertida-Mente 2** 13h, 15h50, 18h30 (VP); **Deadpool & Wolverine** 18h50, 22h; **Isto Acaba Aqui** 12h10, 15h, 18h, 21h20, 00h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h20, 15h20, 18h20, 21h, 23h50; **Um Sinal Secreto** 17h40, 20h40, 23h20; **Beetlejuice Beetlejuice** 13h20, 16h10, 18h40, 21h40, 00h15; **100% Lobo** 12h30, 15h10 (VP); **Não Fales do Mal** 12h50, 15h40, 19h, 21h30, 00h10; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 21h50; **Play Dead: Escapar ou Morrer** 00h25; **Beetlejuice Beetlejuice** 12h40, 15h30, 18h10, 20h50, 23h30 (IMAX)

Cinemas Nos NorteShopping
C.C. Norteshopping, Lj 1117. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 11h10, 12h50, 15h20 (VP); **Divertida-Mente 2** 11h10, 14h30, 17h, 19h30 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 12h10, 15h10, 18h10, 21h10; **Isto Acaba Aqui** 12h30, 15h30, 18h30, 21h30, 00h25; **Alien: Romulus** 18h50, 21h50, 00h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h25, 16h10, 18h50, 21h50, 00h30; **Um Sinal Secreto** 19h50; **Hellboy e o Homem Torto** 00h35; **Um Gato Com Sorte** 11h20, 14h05, 16h30 (VP); **Zona de Risco** 22h10; **100% Lobo** 11h, 13h30, 15h50 (VP); **Não Fales do Mal** 13h40, 16h20, 19h, 21h40, 00h20; **Daddio** 22h; **Sem Ar** 00h10; **Alien: Romulus** 17h50, 20h30, 23h10 (SCREENX); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20, 24h (NOS XVISION)

Vila Nova de Gaia

Cinemas Nos GaiaShopping
Entro ComercialGaiashoping, Lj 2.25. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h40, 16h, 18h, 20h30, 22h50 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 15h20, 18h10, 21h, 00h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h20, 17h30, 20h40, 23h30; **Alien: Romulus** M16. 18h20, 21h10, 23h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h30, 16h10, 19h, 21h50, 00h30; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 12h50, 15h50, 21h40, 00h20; **100% Lobo** 13h20, 15h40 (VP); **Não Fales do Mal** 13h50, 16h20, 18h50, 21h30, 24h; **Jogo de Assassinos** 14h, 16h30, 18h40, 21h20; **Sem Ar** 23h40; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h10, 15h30, 17h50, 20h50, 23h10 (4DX)

UCI Arrábida 20
Arrábida Shopping. T. 223778800
Dulcineia 13h45, 19h10; **Como Por Magia** 13h55, 18h50; **Ubu** 16h25, 21h10; **Gru - O Maldisposto 4** 13h50, 16h10, 18h30 (VP); **Divertida-Mente 2** 13h40, 16h20, 18h40, 21h10 (VP); **Deadpool & Wolverine** 13h20, 16h05, 18h50, 21h40; **Oh Lá Lá!** 13h55, 16h35, 18h55, 21h45; **Isto Acaba Aqui** 13h15, 16h, 18h40, 21h25; **O Corvo** 18h55, 21h35; **Alien: Romulus** 19h05, 21h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h45, 16h20, 19h10, 22h; **Cão e Gato** 14h25, 16h35 (VP); **Um Sinal Secreto** 16h25, 21h55; **Campeões 2** 18h20, 21h15; **Longing - À Descoberta do Passado** 15h50, 21h25; **Um Gato Com Sorte** 14h15, 16h55 (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** 13h40, 16h10, 18h55, 21h30; **Zona de Risco** 13h35, 16h15, 18h40, 21h20; **Pequenas Grandes Vitórias** 13h30, 18h25; **100% Lobo** 13h35, 15h55 (VP); **A Pedra Sonha dar Flor** 13h25, 16h30, 18h45, 21h15; **Não Fales do Mal** 14h05, 16h40, 19h15, 21h50; **Reality** 14h, 16h15, 19h, 21h20; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 14h10, 16h45, 19h15, 21h40; **Jogo de Assassinos** 13h30, 16h30, 18h35, 21h30; **Ardaas Sarbat De Bhalle Di** 21h

Guia

Lazer

EXPOSIÇÕES

Bienal Internacional das Artes em Madeira

PAREDES Vários locais. De 12/9 a 15/11. Entrada livre

Organizada pelo município de Paredes em parceria com a associação de empresas locais, a mostra celebra as artes e os ofícios ligados à madeira, da tradição artesanal à modernidade. A Casa da Cultura, a Biblioteca Municipal, a Torre dos Alcoforados e o novo centro cultural são alguns dos lugares por onde passa o programa da bienal, que alinha exposições de cerca de 60 artistas de Portugal, Inglaterra, Suíça, Guiné, Holanda, Argentina, Espanha, Japão e Alemanha – sem esquecer a homenagem aos escultores nacionais Zulmiro de Carvalho e Paulo Neves –, mas também oficinas, roteiros e visitas a empresas de mobiliário e ao património local, *masterclasses*, seminários e tertúlias.

ISDN

PORTO Museu de Serralves. De 29/5 a 12/1. Segunda a sexta, das 10h às 19h; sábado, domingo e feriados, das 10h às 20h. 24€ (acesso geral)

Um dos destaques da temporada na Fundação de Serralves é esta exposição do artista canadiano Stan Douglas. Uma instalação de vídeo que gravita em torno do filme *ISDN* (2022) que, descreve a folha de sala, "apresenta um vibrante diálogo entre diferentes culturas e movimentos sociais, retratado através de uma *performance* musical fictícia entre *rappers* de Londres e do Cairo, cujos versos abordam questões fundamentais como raça, classe, amor, identidade e justiça".

ARTES

Jazz na Aldeia

IDANHA-A-NOVA Centro Cultural Raiano. De 16/9 a 21/9.

Com o carimbo da Associação Eixo do Jazz, a terceira edição da residência artística mantém as notas que lhe estão na base: estimular a criação, consolidar competências artísticas e técnicas e criar interacções entre músicos de vários pontos do eixo luso-galaico. No cartaz (detalhado em idanha.pt) estão aulas, visitas a escolas e *jam sessions* orientadas por músicos profissionais.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

Cruzadas 12.555

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

Horizontais: 1. Existe há 45 anos. Relativo a banhos. **2.** Orçamento do Estado. Legume recomendado em dietas. Sigla de Federal Bureau of Investigation. **3.** Diz que NATO podia ter feito mais para evitar a guerra na Ucrânia. **4.** Rubídio (s. q.). Procede. Um dos ditongos da língua portuguesa. **5.** Indignação pelo mau procedimento de alguém. **6.** Nanico. Ofício. **7.** Sufixo nominal que traduz a ideia de semelhança ou origem. Epiderme, especialmente a do rosto. **8.** Sonham com pérolas trazidas pelo aquecimento do Mediterrâneo. **9.** Poema lírico. Caminhava para lá. A tua pessoa. **10.** Podem ajudar a diagnosticar doenças cardíacas. **11.** Atordoar. Fúria.

Verticais: 1. Tranquilidade. Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de ombro. **2.** Redução de Internet. Azáfama. **3.** Pequena ânfora de barro. Assunto. **4.** País da Península Balcânica onde resta apenas um comboio. "O Feiticeiro de (...)", clássico do cinema juvenil, de Victor Fleming, baseado na obra de L. Frank Baum. **5.** Dígito binário. Forma proclítica de não. Ponho em funcionamento. **6.** Desmontado. Sereia dos rios e dos lagos, na mitologia dos Índios do Brasil. **7.** Comprida. Símbolo de hectare. Porte. **8.** Linda. Número de Identificação Fiscal. **9.** Nome da letra F. Nascimento de um astro. Segundo. **10.** Inaugura. Experimentar. **11.** Inflexibilidade. Traja.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1				■							
2			■					■			
3											
4		■			■				■		
5										■	
6		■					■				
7			■		■	■		■			
8	■										■
9				■			■		■		
10											
11		■						■			

Solução do problema anterior

Horizontais: 1. Escolas. Amo. **2.** Pascer. Anel. **3.** On. Um. Ápice. **4.** Dg. Petróleo. **5.** Ousa. Eis. Nu. **6.** Eira. Ca. **7.** Pb. Rosa. **8.** Acra. Emir. **9.** No. Fujimori. **10.** Arribar. Ais. **11.** Emu. Atroo.

Verticais: 1. Epodo. Canal. **2.** Sangue. Cor. **3.** Cs. Siar. Re. **4.** Ocupar. Afim. **5.** Leme. AP. Ubu. **6.** Ar. Te. Beja. **7.** Ária. Mira. **8.** Após. Rim. **9.** Anil. Coroar. **10.** Mecenas. Rio. **11.** Oleou. Aviso.

Bridge

João Fanha
bridgepublico@gmail.com

Dador: Sul
Vul: Ninguém

NORTE
♠ 854
♥ A853
♦ K52
♣ K82

OESTE
♠ AQ763
♥ Q1076
♦ 8
♣ Q106

ESTE
♠ 109
♥ J942
♦ Q107
♣ J953

SUL
♠ KJ2
♥ K
♦ AJ9643
♣ A74

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♣
1♠	X	passe	2ST
passo	3ST	Todos passam	

Leilão: Qualquer forma de Bridge.
Carteio: Saída: 6♠. O Valete de espadas faz a primeira vaza, sobre o 9 de Este. Qual a melhor linha de jogo?
Solução: A voz de 2ST mostra uma mão com cerca de 16/17 pontos de honra com uma boa defesa a espadas e, enfim, um inconveniente para poder abrir num sem trunfo. Norte pode deduzir que esse inconveniente reside provavelmente na presença de um *singleton* a copas. Todavia, a força da sua mão permite concluir facilmente em 3ST.
Após a primeira vaza, o Rei de espadas deixa de estar protegido, se Este vier a ter a mão e o atravessar. Portanto, é vital tomar as precauções necessárias para evitar que isso aconteça. Como será o naipe de ouros o naipe de trabalho, teremos de o manejar de modo a evitar que Este faça uma vaza. Muito bem, contrariamente ao que se recomenda quando existem nove cartas em linha, não vamos bater o Ás e o Rei à cabeça. Em vez disso, e porque a previdência o exige, temos de jogar um ouro para o Rei e depois ouro para o Valete. Perderemos uma vaza, se Oeste tiver a Dama à segunda, mas não perderemos o contrato! No caso presente, esta linha produzirá 11 vazas...

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♣
1♠	X	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠3 ♥KQJ4 ♦72 ♣AK10752
Resposta: Marque 4♥. A voz mais apropriada para honrar esta mão rica em distribuição e em valores-chave.

Se tem pouca experiência, ou se já não joga bridge faz tempo, todas as segundas às 19h00 estarei à sua espera no Centro de Bridge de Lisboa para um torneio especial onde os iniciados são o foco das atenções. Mesmo sem parceiro, basta aparecer.

Sudoku

Problema 12.874 (Fácil)

	2			6	3			
			4			9		1
	4	1				3		
3			2	7	5		8	
4			8		1			6
	7		9	4	6			3
		3				6	9	
1		2			4			
			3	9			2	

Solução 12.872

9	4	1	8	7	5	6	3	2
3	2	6	9	4	1	8	5	7
7	5	8	2	6	3	1	4	9
5	8	7	4	1	6	9	2	3
1	3	9	5	2	8	4	7	6
2	6	4	3	9	7	5	8	1
4	7	2	1	8	9	3	6	5
8	1	3	6	5	2	7	9	4
6	9	5	7	3	4	2	1	8

Problema 12.875 (Medio)

4			3	9				
6	7						2	
			6					
	5			4	8		7	9
		3				2		
9	2		5	1			6	
					7			
	8						3	1
				5	1			2

Solução 12.873

8	5	1	6	4	3	7	9	2
3	9	7	5	8	2	6	4	1
4	2	6	7	9	1	3	5	8
6	1	9	8	7	4	5	2	3
5	8	4	2	3	6	1	7	9
7	3	2	1	5	9	4	8	6
9	4	5	3	1	8	2	6	7
1	6	8	4	2	7	9	3	5
2	7	3	9	6	5	8	1	4

CINEMA

Bonnie & Clyde
Cinemundo, 22h50
Datado de 1967, o filme de Arthur Penn teve grande valor simbólico para o cinema norte-americano, ao fechar definitivamente a porta à época do classicismo e dos seus heróis impolutos. Inspira-se na vida de dois *gangsters* romanescos dos anos 1920. Para os anti-heróis Bonnie Parker (Faye Dunaway) e Clyde Barrow (Warren Beatty) já não há redenção possível. Nomeado para nove Óscares, o filme ganhou dois: o de melhor actriz secundária, para Estelle Parsons, e o de melhor fotografia, para Burnett Guffey.

A Grande Beleza
RTP2, 23h37
Há décadas que Jap Gambardella (Toni Servillo) vive à sombra do sucesso do seu único romance. A sua vida, em Roma, tem sido um festival de luxos, prazeres e festas. Com a aproximação do seu 65.º aniversário, começa a tomar consciência da futilidade das suas ambições e resolve voltar a escrever um grande livro. Para isso, regressa às memórias de um amor passado. Mas será capaz de vencer o cinismo e o desprezo que sente pelo mundo e por si mesmo? Com argumento e realização do italiano Paolo Sorrentino, o filme ganhou o Óscar de melhor filme internacional, bem como o Globo de Ouro e o BAFTA nas categorias equivalentes.

SÉRIES

O Mundo em Chamas
RTP2, 12h02
Estreia. Pessoas comuns de vários países europeus vêem o seu quotidiano, os seus sentimentos e os seus sonhos agrilhoados pelo eclodir da II Guerra Mundial. São elas as protagonistas desta série britânica criada por Peter Bowker e timbrada pela BBC, cuja narrativa, passada no primeiro ano do conflito, entrelaça as histórias das personagens. Os sete episódios são debitados de segunda a sexta-feira.

Found
Star Channel, 22h15
O novo *procedural* do Star Channel para os serões de início de semana centra-se numa equipa dedicada ao resgate de pessoas desaparecidas que, por alguma razão, saíram do radar público e até das autoridades. Gabi Mosely (Shanola Hampton) comanda essa brigada, cujos elementos foram, eles próprios, afectados por casos de desaparecimento. Pormenor: Gabi mantém prisioneiro na cave o homem que a raptou em criança (Mark-Paul Gosselaar) e usa-o como "consultor" para os casos que tem em mãos. *Found* é uma produção norte-americana saída da mente de Nkechi Okoro Carroll.

The Ark
SyFy, 22h15
Projectada num futuro relativamente próximo (daqui a um século), em que a vida na Terra se tornou praticamente inviável por causa das alterações climáticas, esta aventura de ficção científica, criada por Dean Devlin e Jonathan Glassner, passa-se a bordo de uma nave espacial colonizadora que cruza o cosmos em busca de um planeta habitável alternativo. A missão é cheia de percalços, desafios e momentos francamente desanimadores, como aquele que rematou a primeira temporada. É nesse ponto que reencontramos os tripulantes, esta noite, no início da segunda ronda, para seguir nos serões de segunda-feira.

Televisão

Os mais vistos da TV
Sábado, 14

	%	Aud.	Share
Primeiro Jornal	SIC	7,1	21,0
A Sentença	TVI	6,2	20,4
The Floor	RTP1	6,2	14,2
Jornal da Noite	SIC	5,9	13,6
A Sentença	TVI	5,9	17,5

FONTE: CAEM

RTP1	11,0%
RTP2	0,5
SIC	10,9
TVI	12,7
Cabo	44,7

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.45** Jornal da Tarde **13.13** Hora da Sorte - Lotaria Clássica **13.22** Futsal: Portugal-Panamá (Campeonato do Mundo) **15.03** A Nossa Tarde **17.22** Hóquei em Patins: Portugal-EUA (Campeonato do Mundo) **19.05** O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.01 A Palavra Mágica

22.00 Joker

23.01 Alguém Tem de o Fazer

23.52 Viagem a Portugal **0.48** Grandiosa Enciclopédia do Ludopédio **1.41** Anatomia de Grey

RTP2

6.00 Folha de Sala **6.07** Caminhos **6.33** Temos Programa **7.00** Espaço Zig Zag **10.34** As Novas Viagens Philosophicas **11.08** Maravilhas da Europa **12.02** O Mundo em Chamas **13.03** E2 - Escola Superior de Comunicação Social **13.26** Outra Escola **14.00** Sociedade Civil **15.02** A Fé dos Homens **15.38** Salto Mortal **16.07** O Vento: A Máquina das Alterações Climáticas **17.02** Espaço Zig Zag **20.33** Folha de Sala

20.38 Yellowstone: A Bomba-Relógio da América **21.30** Jornal 2

22.01 Hotel à Beira-Mar **22.56** Visita Guiada **23.27** Folha de Sala

23.37 A Grande Beleza **1.55** Sociedade Civil **3.02** Esec TV **3.31** Este É o Meu Corpo - Mutilação Genital Feminina

4.24 Folha de Sala **4.29** Concerto Chelsy & Nsoki **5.51** Folha de Sala **5.57** A Fé dos Homens

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.10** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.30** Querida Filha **16.10** Linha Aberta **16.50** Júlia

18.20 Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

22.10 A Promessa

22.55 Senhora do Mar

0.10 Nazaré

0.45 Papel Principal - A Vingança

1.05 Travessia

1.45 Passadeira Vermelha **3.05** Terra Brava

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.30** A Sentença **15.40** A Herdeira **16.30** Goucha

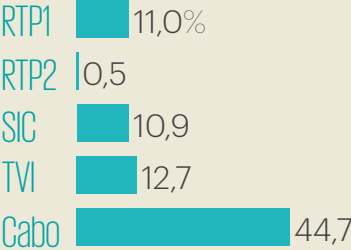
17.30 Secret Story

19.57 Jornal Nacional

21.15 Secret Story

21.45 Cacau

22.45 Festa É Festa

23.45 Secret Story **1.30** O Beijo do Escorpião **3.15** Sedução

TVCINE TOP

18.10 Astérix & Obélix - O Império do Meio **20.00** No Way Up - Sem Saída **21.30** The Flash **23.55** Forças do Mal **1.30** Destruído

STAR MOVIES

17.56 O Sabor de Uma Vingança **19.38** O Homem da Vingança **21.16** Will Penny **23.12** Navajo Joe **0.53** O Pistoleiro do Diabo

HOLLYWOOD

18.25 Skyfire **20.00** O Marine **21.30** Missão Final **23.05** Aqueles Que Me Desejam a Morte **0.45** Semper Fi

AXN

17.09 S.W.A.T.: Força de Intervenção **17.55** The Rookie **21.06** Hudson & Rex **22.00** Alert: Unidade de Pessoas Desaparecidas **22.55** Chicago Fire **23.40** Arbitrage - A Fraude

STAR CHANNEL

17.09 Investigação Criminal: Los Angeles **18.45** FBI **20.21** Hawai Força Especial **22.15** Found **22.56** Chicago P.D. **0.42** FBI

DISNEY CHANNEL

17.15 Miraculous - As Aventuras de Ladybug **18.30** Hamster & Gretel **19.15** Primos **19.40** Os Green na Cidade Grande **20.50** Vamos Lá, Hailey! **21.35** A Raven Voltou

DISCOVERY

17.00 Mestres do Restauro **19.00** Aventura à Flor da Pele **21.00** Aventura à Flor da Pele XL **22.53** Aventura à Flor da Pele **0.43** Aventura à Flor da Pele XL

HISTÓRIA

17.17 Thorin, O Último Neandertal **18.11** O Faroeste **19.46** Ciência Nazi Secreta **22.16** Armas de Guerra 2.0 **0.12** Narbonne, a Segunda Roma **1.09** Thorin, O Último Neandertal

ODISSEIA

17.13 Grutas do Mundo: Aventura Subterrânea **18.08** Clima Letal **19.54** Como Sobreviver ao Aquecimento Global **20.50** Cidades Sob Ameaça **22.31** Austrália Autêntica Desde o Ar **0.31** Espanhóis no Mundo

MAGAZINE

Visita Guiada
RTP2, 22h56
O premiado programa cultural de (e com) Paula Moura Pinheiro debruça-se sobre *O jovem Camões em Coimbra*, a propósito das comemorações dos 500 anos do nascimento do poeta. Os guias são a escritora Isabel Rio Novo, autora de *Fortuna, Caso, Tempo e Sorte – Biografia de Luís Vaz de Camões*, e o historiador e arquitecto Walter Rossa. Continua na semana que vem.

DESPORTO

Hóquei em Patins: Portugal-EUA
RTP1, 17h22
Em directo da cidade italiana de Novara, o encontro da selecção nacional masculina lusa com a norte-americana, na fase de grupos do Campeonato do Mundo de hóquei em patins. Portugal e EUA integram o Grupo A, juntamente com Angola e Argentina.

INFANTIL

Super Wings
Panda, 17h
A série de animação entra na oitava temporada com mais aventuras de Jett e outras aeronaves prestáveis, simpáticas e trapalhonas q.b., que fazem entregas especiais a crianças de todo o globo enquanto vão aprendendo (e ensinando) expressões e costumes locais.

Guia

Meteorologia

PORTUGAL

MARÉS

Preia-mar · Baixa-mar · *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
08h16 (baixa-mar)	0,8	07h51 (baixa-mar)	0,9	07h48 (baixa-mar)	0,8
14h27 (preia-mar)	3,5	14h03 (preia-mar)	3,5	14h10 (preia-mar)	3,4
20h45 (baixa-mar)	0,5	20h21 (baixa-mar)	0,6	20h18 (baixa-mar)	0,5
02h56* (preia-mar)	3,4	02h32* (preia-mar)	3,4	02h36* (preia-mar)	3,3

PRÓXIMOS DIAS PORTO

	Terça-feira, 17	Quarta-feira, 18	Quinta-feira, 19
Mín./Máx.	17º / 31º	14º / 28º	14º / 24º
Índice UV	Médio	Médio	Médio
Vento	Fraco	Fraco	Fraco
Humidade	31%	47%	70%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 8 Set.	422,07
Há um ano	418,52
Há dez anos	395,09
Semana de 1 Ago.	422,33
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

Excelente · Razoável · Mau · Não é saudável · Nada saudável · Perigoso

SOL

Nascente 07h19 · Poente 19h42

LUA

- 18 Set. 03h34
- 24 Set. 20h52
- 2 Out. 18h49
- 10 Out. 18h55

Nascente 19h05 · Poente 06h18*

*de amanhã

EUROPA

TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.
Amesterdão	12	20	Roma	14	26
Atenas	18	28	Viena	9	12
Berlim	14	18	Bissau	26	29
Bruxelas	11	19	Buenos Aires	14	22
Bucareste	10	22	Cairo	24	34
Budapeste	9	14	Caracas	21	30
Copenhaga	11	18	Cid. do Cabo	10	17
Dublin	9	19	Cid. do México	14	24
Estocolmo	10	17	Díli	23	32
Frankfurt	12	19	Hong Kong	26	34
Genebra	11	18	Jerusalém	17	26
Istambul	18	26	Los Angeles	16	24
Kiev	17	28	Luanda	22	27
Londres	10	22	Nova Deli	25	33
Madrid	14	30	Nova Iorque	18	26
Milão	14	23	Pequim	18	27
Moscovo	14	26	Praia	25	29
Oslo	11	17	Rio de Janeiro	19	26
Paris	12	20	Riga	11	26
Praga	12	16	Singapura	26	32

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

MANUEL FERNANDO ARAÚJO/LUSA

Samu estreou-se no Estádio do Dragão com um golo decisivo

Samu ajudou o FC Porto a encontrar a baliza do Farense

"Dragões" criaram muito, mas sofreram para suplantar a defesa mais batida da Liga e foram salvos por um golo do reforço espanhol, lançado a meio da segunda parte

Crónica de jogo

Nuno Sousa

Um livro inteiro de soluções, sem capítulo final à vista. Pode muito bem ser este o resumo do FC Porto-Farense, da 5.ª jornada da Liga portuguesa. O favoritismo dos "dragões" foi construído em cima de dez ocasiões flagrantes de golo e 25 remates, mas materializado com um 2-1 que deixou os algarvios a suspirarem por algo mais até ao derradeiro apito. Ricardo Velho tem lições a dar sobre a arte de defender, o FC Porto tem muito a aprender na disciplina de finalização.

O jogo arrancou com o guião previsível: o FC Porto a comandar totalmente, com iniciativa extra a partir do corredor central, fruto da troca de Vasco Sousa por Nico González, e com o flanco esquerdo reforçado, graças à união de esforços entre Francisco Moura e Galeno. E não demorou a criar um par de lances perigosos, partindo de fora para dentro, em diagonais que o 5x4x1 do Farense tinha dificuldade em contrariar.

Pela frente os "dragões" tinham a defesa mais batida da Liga, que mostrara debilidades a mais para uma equipa da I Liga em desafios de exigência máxima, como aconteceu diante do Sporting (0-5). Tinham também um adversário afundado, que procurava esticar o jogo pelas alas – mais pela direita no primeiro tempo, essencialmente pela esquerda no segundo –, com o avançado Tomané como ponto de chegada.

E quando Galeno, Nico González e Pepê começaram a acumular lances de golo iminente, entre bolas nos ferros (uma delas já na pequena área) e defesas improváveis de Ricardo Velho, parecia apenas uma questão de tempo até ser quebrada a monotonia no marcador. Só que os minutos foram passando e, apesar do ascendente do FC Porto (entrecortado por um pontapé de bicicleta de Tomané), o 0-0 resistiu até ao intervalo.

Mais do que um prémio para a organização defensiva do Farense, era um castigo para a ineficácia gritante do FC Porto na finalização (13 remates e cinco grandes ocasiões). Por isso, quando, logo no reatamento, Galeno foi puxado na área e converteu o penálti que daí resultou, aos 48', o tapete parecia estendido para uma tarde de sol tranquila no Estádio do Dragão.

Um lançamento lateral, porém, três minutos depois, provou que Otávio é um central com potencial, mas com uma relação (ainda) inconveniente com o erro. Uma abordagem desastrada permitiu que Tomané ganhasse a bola, fizesse a diagonal para a área e rematasse cruzado para o empate. Nehuén Pérez, central argentino em tarde de estreia, não pôde fazer mais do que assistir ao lance.

Ia ser preciso voltar à carga, pensou Vítor Bruno, que logo de seguida lançou Samu Omorodion (Namaso) e André Franco (Ivan Jaime), fazendo Nico González subir uns metros, para zonas de definição. O Farense ainda aproveitou um par de saídas com perigo, explorando as costas de João Mário, e Diogo Costa teve de entrar em cena para mostrar serviço, mas a torrente de ocasiões que inundara a área algarvia haveria de dar frutos.

Não sem a resistência estóica de Ricardo Velho, porém, que continuava a somar defesas impossíveis (que o digam Pepê e Nico) e contava com a ajuda do poste, quando tudo o resto falhava. Mas aos 75', 11 minutos depois de se ter estreado com a camisola do FC Porto no Dragão, Samu encontrou mesmo o caminho das redes, numa recarga oportuna após, claro está, mais uma intervenção de recurso do guarda-redes do Farense.

Estava feito o resultado – suficiente para garantir ao FC Porto mais três pontos, mas demasiado curto para o volume de ocasiões. E, naturalmente, para a expectativa dos adeptos.

FC Porto **2**
Galeno 48' (gp), Samu 75'

Farense **1**
Tomané 51'

Estádio do Dragão, no Porto
Espectadores 47.013

FC Porto Diogo Costa; João Mário (Martim F., 74'), Nehuén Pérez, Otávio e Francisco Moura (G. Borges, 74'); Alan Varela e Nico González 90+5'; Pepê, Iván Jaime (Samu, 64') e Galeno 89'; Danny Namaso (André Franco, 64'). **Treinador** Vítor Bruno

Farense Ricardo Velho; Pastor, Marco Moreno, Artur Jorge 45+1', Raúl Silva 82' e Poloni; Merghem (Alex Millán, 79'), Cláudio Falcão, Rafael Barbosa (Bermejo, 67') e Menino (Neto, 79' 90+5'); Tomané. **Treinador** José Mota

Árbitro Nuno Almeida (AF Algarve)
VAR Bruno Costa (AF

Positivo/Negativo

+ Ricardo Velho
Contabilizou dez defesas, a maior parte de alto nível, adiando um desfecho que parecia inevitável. É claramente uma das figuras da Liga nesta altura. E joga na equipa que tem a defesa mais batida da prova.

Galeno
É verdade que faltou finalizar pelo menos duas ou três jogadas, em que teve o golo à mercê, mas boa parte da criação do FC Porto surge pelos seus pés. É um desequilibrador.

– Otávio
Depois do clássico de Alvalade, cometeu mais um erro de principiante, que estendeu a Tomané a passadeira do empate.

Em Nápoles, reacende-se o amor entre Conte e Lukaku

Diogo Cardoso Oliveira

Foi o treinador italiano que melhor extraiu futebol dos pés de Lukaku. Eles estão juntos de novo e o belga quer provar o que vale

FABIO MURRU/EPA

Lukaku fez ontem um golo e duas assistências no triunfo do Nápoles em casa do Cagliari

Não houve nenhum treinador de futebol capaz de fazer de Romelu Lukaku o que já fez Antonio Conte. Já muitos tentaram – muitos mesmo –, mas a chama entre Antonio e Romelu é diferente. E o Nápoles está a conseguir reacendê-la.

Lukaku foi contratado para substituir o nigeriano Victor Osimhen e leva, até ver, dois golos em dois jogos – marcou ontem, no triunfo por 4-0 do Nápoles na Sardenha, frente ao Cagliari, num jogo no qual somou ainda duas assistências.

Dois golos em dois jogos não significam grande coisa para o futuro, mas sugerem, no presente, que é provável que a relação de sucesso entre Conte e Lukaku esteja a rever os seus dias áureos. Em 15 anos de carreira profissional, só por duas vezes o avançado belga ultrapassou os 30 golos numa temporada – foi em 2019/20, com 34, e em 2020/21, com 31. Esses foram os anos em que Conte pôde fazer de Lukaku o que sempre se esperou que ele fosse, mas que não parecia algum dia ainda vir a ser.

Gozado pelo que falha

Quando apareceu no Anderlecht, com 16 anos, o "*panzer*" belga parecia ter tudo para marcar uma geração. Mas foi sempre um bom exemplo de um jogador bom, muito bom mesmo, mas nunca bom o suficiente para o que se esperava dele.

O jogador foi-se tornando um "docinho" para as redes sociais, sedentas de falhanços clamorosos de oportunidades de golo e dribles atabalhoados. E Lukaku deu-lhes tudo isso em grandes quantidades. É fácil não gostar de Lukaku.

Não é um jogador com uma recepção de bola suave e não é um bom driblador. Falha oportunidades flagrantes e parece, muitas vezes, alheado do jogo, passando largos minutos sem se mover para pedir a bola.

Até chegar às mãos de Conte. O próprio Lukaku já chegou a contar as transformações físicas e tácticas que o treinador italiano lhe pediu. No físico, para se tornar mais explosivo. Na táctica, para se prestar a jogar mais de costas para a baliza. E ele fê-lo.

No Inter, chegou a ser um jogador de arrancadas no espaço, algo impensável para alguém com aquele perfil. Foi precisamente disto que Conte falou quando soube, agora, que contaria novamente com Lukaku. "Ele é como um jogador de futebol americano. É seguramente um avançado atípico, porque normalmente os jogadores que têm aquele físico são lentos. Ele, ao invés, com aquelas pernas grandes, é um jogador de futebol americano, potente e veloz."

Com Conte, tornou-se o foco central do ataque do Inter, com a sua capacidade de elite de segurar a bola e distribuir jogo. Para lhe tirar a bola, um defensor tem de dar a volta a uma rotunda – porque o espaço que o corpo de Lukaku ocupa a isso obriga.

É, portanto, alguém que chama a si dois ou mesmo três defensores, algo que abre todo o campo para outros jogadores desequilibrarem.

> **É seguramente um avançado atípico, porque normalmente os jogadores que têm aquele físico são lentos. Ele, ao invés, é potente e veloz**
>
> **Antonio Conte**
> Treinador do Nápoles

Amam-se e odeiam-se

É por tudo isto que, para muitos, é difícil entender que Lukaku não se tenha tornado um avançado letal, dos que garantem campeonatos. Por um lado, é acusado de falhar golos fáceis – e não é mentira. Por outro, é um jogador que cria muitas oportunidades de golo pelo tipo de futebol que tem. Entre uma coisa e outra, fica um facto: tem uma média de carreira de 20 golos por temporada e isso fala mais do que qualquer opinião.

O avançado carrega ainda o ónus de personificar o falhanço de uma geração belga – tal como Lukaku, a Bélgica foi boa, mas nunca boa o suficiente, pelo talento que havia.

Lukaku não conseguiu conduzir a selecção à glória e foi precisamente pelo seu país que somou alguns dos falhanços mais caricatos que lhe valem a má fama. E se a isso juntarmos zero golos no Mundial 2022 e outros zero no Euro 2024, fica montado o palco para a crítica.

Em Nápoles, a coisa poderá ser diferente. A equipa de Conte não tem um avançado do perfil de Lautaro Martínez que case bem com Lukaku, porque gosta de usar dois jogadores como avançados interiores, algo que não acontecia no Inter, que preferia uma dupla. Politano e Kvaratskhelia vão pedir coisas diferentes a Lukaku, que possivelmente não será tão chamado a jogar em apoios frontais. Mas Conte vai arranjar forma de fazer aquilo acontecer.

Eles amam-se e odeiam-se. "Ele diz-te na cara se estás a jogar bem ou mal. E eu nesse dia joguei realmente mal. Disse-me em frente a toda a equipa que eu era lixo. Nunca me tinha acontecido isto. Disse que eu era lixo e que me tiraria do campo ao fim de cinco minutos se voltasse a jogar assim", contou Lukaku à Sky Sports, em 2020.

No Nápoles, Lukaku tem o "seu" Conte e Conte tem o "seu" Lukaku. E, se a chama se reacender, há boas probabilidades de acontecerem por ali coisas boas.

No GP de Baku, Pérez e Sainz entregaram o ouro à McLaren

Diogo Cardoso Oliveira

Num dia de triunfo de Piastri, a McLaren subiu à liderança do Mundial de construtores, depois de Pérez e Sainz se anularem

No GP do Azerbaijão de Fórmula 1, corria-se ontem a penúltima volta quando o Red Bull de Sergio Pérez e o Ferrari de Carlos Sainz se estamparam no muro do circuito citadino. Lutavam pelo último lugar do pódio, levaram a luta demasiado longe e ofereceram o "ouro" à McLaren.

O ouro de quem venceu com Oscar Piastri, mas, sobretudo, o ouro de quem pôde ter Lando Norris dois lugares acima e subir à liderança do Mundial de construtores com uma vantagem ainda maior do que poderia ter sido – algo que não acontecia há dez anos –, ultrapassando a Red Bull. São 476 pontos, contra 456.

Norris partiu da 16.ª posição e terminou no quarto lugar, numa corrida na qual apostou na longa vida do pneu mais duro, fazendo apenas uma paragem nas boxes, depois de uma qualificação fraca. Para Piastri, foi o segundo triunfo da carreira, depois de ter roubado o lugar a Charles Leclerc, na sequência de uma boa luta durante várias voltas. George Russell fechou o pódio.

Na *pole position*, Leclerc fez uma boa partida e manteve a posição. Mas a verdadeira corrida era atrás. Norris, que tinha ficado pela Q1, fez um excelente arranque, com quatro posições ganhas em três voltas num circuito citadino. À 22.ª volta, o britânico já se queixava à equipa da deterioração dos pneus, mas foi aguentando e só se dirigiu às boxes na volta 38. Levou pneus médios para 14 voltas e saiu à frente de Alonso, rodando em sétimo lugar.

Na frente, Piastri estava mais forte do que Leclerc e atacou o monegasco na curva 1, com uma travagem muito tardia. A diferença de ritmo não era grande, pelo que era, sobretudo, uma luta de DRS – Leclerc ainda devolveu os ataques e deu-se uma luta bastante divertida.

A duas voltas do fim, Pérez e Sainz, na luta pelo pódio, enfaixaram-se no muro de Baku, e, na frente, Leclerc não estava com nível para Piastri, que confirmou o triunfo.

No Mundial de pilotos, Max Verstappen (terminou em quinto) perdeu alguns pontos para Norris, mas continua a liderar: são 313 contra 254.

Desporto

Resultados e classificações

- Liga dos Campeões
- 3.ª pré-eliminatória da Liga dos Campeões
- 2.ª pré-eliminatória da Liga Europa
- 2.ª pré-eliminatória da Conference League
- Liga Europa
- Play-off Liga Europa
- Promoção
- Despromoção
- Play-off promoção
- Play-off despromoção
- Play-off Conference League
- Play-off Liga dos Campeões

I Liga

Jornada 5		Próxima	
Arouca - Sporting	0-3	Nacional - Sp. Braga	20/09
Casa Pia - Moreirense	3-1	Santa Clara - Est. Amadora	21/09
AVS - Rio Ave	1-0	Rio Ave - Estoril	21/09
Famalicão - Gil Vicente	1-1	Vitória SC - FC Porto	21/09
Benfica - Santa Clara	4-1	Moreirense - Famalicão	21/09
FC Porto - Farense	2-1	Gil Vicente - Casa Pia	22/09
Estoril - Nacional	1-0	Farense - Arouca	22/09
Sp. Braga - Vitória SC	0-2	Sporting - AVS	22/09
Est. Amadora - Boavista	20h15, SPTV	Boavista - Benfica	23/09

	Total							Casa					Fora				
	P	J	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S
1 Sporting	15	5	5	0	0	19	2	2	0	0	5	1	3	0	0	14	1
2 FC Porto	12	5	4	0	1	9	3	3	0	0	7	1	1	0	1	2	2
3 Vitória SC	12	5	4	0	1	6	2	2	0	0	3	1	2	0	1	3	1
4 Famalicão	10	5	3	1	1	8	3	2	1	0	4	1	1	0	1	4	2
5 Benfica	10	5	3	1	1	9	4	3	0	0	8	1	0	1	1	1	3
6 Santa Clara	9	5	3	0	2	9	8	1	0	1	2	3	2	0	1	7	5
7 Sp. Braga	8	5	2	2	1	5	4	1	1	1	4	4	1	1	0	1	0
8 Moreirense	7	5	2	1	2	8	9	1	1	0	4	2	1	0	2	4	7
9 AVS	7	5	2	1	2	6	7	2	1	0	3	1	0	0	2	3	6
10 Gil Vicente	6	5	1	3	1	5	6	1	1	0	4	2	0	2	1	1	4
11 Casa Pia	6	5	2	0	3	4	7	1	0	2	3	4	1	0	1	1	3
12 Rio Ave	6	5	2	0	3	3	6	2	0	0	2	0	0	0	3	1	6
13 Estoril	5	5	1	2	2	2	5	1	1	1	2	4	0	1	1	0	1
14 Boavista	4	4	1	1	2	1	2	0	1	1	0	1	1	0	1	1	1
15 Nacional	4	5	1	1	3	4	9	1	0	1	3	6	0	1	2	1	3
16 Arouca	3	5	1	0	4	2	8	1	0	2	1	4	0	0	2	1	4
17 Est. Amadora	1	4	0	1	3	1	6	0	0	2	0	4	0	1	1	1	2
18 Farense	0	5	0	0	5	2	12	0	0	2	1	7	0	0	3	1	5

MELHORES MARCADORES

I Liga

8 golos Viktor Gyökeres (Sporting)
4 golos Pedro Gonçalves (Sporting)
4 golos Wenderson Galeno (FC Porto)
3 golos Sorriso (Famalicão)
3 golos Kanya Fujimoto (Gil Vicente)

II Liga

4 golos Roberto (Tondela)
4 golos Zé Leite (Penafiel)
4 golos Paulo Vítor (Portimonense)
3 golos Chico Banza (Portimonense)
3 golos Martim Tavares (Marítimo)

II Liga

Jornada 5		Próxima	
Torreense - Portimonense	3-2	Desp. Chaves - Torreense	28/09
Felgueiras - Desp. Chaves	1-2	Paços de Ferreira - Benfica B	28/09
Ac. Viseu - União de Leiria	0-1	Portimonense - Penafiel	28/09
Marítimo - Alverca	1-2	Tondela - Ac. Viseu	28/09
Mafra - Tondela	0-4	FC Porto B - Felgueiras	29/09
Penafiel - FC Porto B	1-1	Oliveirense - Feirense	29/09
Leixões - Vizela	0-1	Alverca - Leixões	29/09
Benfica B - Oliveirense	2-2	União de Leiria - Marítimo	29/09
Feirense - Paços de Ferreira	18h, SPTV	Vizela - Mafra	30/09

	Total							Casa					Fora				
	P	J	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S
1 Penafiel	11	5	3	2	0	12	8	1	2	0	7	6	2	0	0	5	2
2 Ac. Viseu	10	5	3	1	1	10	4	2	0	1	4	2	1	1	0	6	2
3 Benfica B	10	5	3	1	1	9	6	2	1	0	5	2	1	0	1	4	4
4 Torreense	9	5	3	0	2	8	6	2	0	1	6	3	1	0	1	2	3
5 União de Leiria	8	5	2	2	1	6	4	0	1	1	1	3	2	1	0	5	1
6 Leixões	8	5	2	2	1	6	5	1	1	1	5	5	1	1	0	1	0
7 Tondela	7	5	1	4	0	11	7	0	2	0	3	3	1	2	0	8	4
8 Vizela	6	5	2	0	3	5	5	0	0	2	2	4	2	0	1	3	1
9 Alverca	6	5	1	3	1	5	8	0	1	1	1	5	1	2	0	4	3
10 Portimonense	5	5	1	2	2	9	9	1	0	1	5	4	0	2	1	4	5
11 Mafra	5	5	1	2	2	5	7	0	1	2	2	7	1	1	0	3	0
12 Desp. Chaves	5	5	1	2	2	4	7	0	1	1	0	3	1	1	1	4	4
13 Marítimo	5	5	1	2	2	7	11	0	2	1	4	5	1	0	1	3	6
14 Feirense	5	4	1	2	1	5	5	0	1	1	4	5	1	1	0	1	0
15 Felgueiras	4	5	0	4	1	3	4	0	2	1	1	2	0	2	0	2	2
16 Paços de Ferreira	4	4	1	1	2	6	8	0	0	2	2	5	1	1	0	4	3
17 FC Porto B	4	5	0	4	1	5	7	0	2	0	2	2	0	2	1	3	5
18 Oliveirense	2	5	0	2	3	5	10	0	1	1	0	1	0	1	2	5	9

Liga inglesa

Jornada 4

Southampton - Manchester United	0-3
Fulham - West Ham	1-1
Liverpool - Nottingham Forest	0-1
Manchester City - Brentford	2-1
Crystal Palace - Leicester City	2-2
Brighton - Ipswich Town	0-0
Aston Villa - Everton	3-2
Bournemouth - Chelsea	0-1
Tottenham - Arsenal	0-1
Wolverhampton - Newcastle	1-2

	J	V	E	D	M-S	P
Manchester City	4	4	0	0	11-3	12
Arsenal	4	3	1	0	6-1	10
Newcastle	4	3	1	0	6-3	10
Liverpool	4	3	0	1	7-1	9
Aston Villa	4	3	0	1	7-6	9
Brighton	4	2	2	0	6-2	8
Nottingham Forest	4	2	2	0	4-2	8
Chelsea	4	2	1	1	8-5	7
Brentford	4	2	0	2	6-6	6
Manchester United	4	2	0	2	5-5	6
Bournemouth	4	1	2	1	5-5	5
Fulham	4	1	2	1	4-4	5
Tottenham	4	1	1	2	6-4	4
West Ham	4	1	1	2	5-6	4
Leicester City	4	0	2	2	5-7	2
Crystal Palace	4	0	2	2	4-7	2
Ipswich Town	4	0	2	2	2-7	2
Wolverhampton	4	0	1	3	4-11	1
Southampton	4	0	0	4	1-8	0
Everton	4	0	0	4	4-13	0

MARCADORES

9 golos Erling Haaland (Manchester City)
3 golos Jhon Durán (Aston Villa)
3 golos Noni Madueke (Chelsea)

Liga espanhola

Jornada 5

Betis - Leganés	2-0
Maiorca - Villarreal	1-2
Espanyol - Alavés	3-2
Sevilha - Getafe	1-0
Real Sociedad - Real Madrid	0-2
Celta de Vigo - Valladolid	3-1
Girona - Barcelona	1-4
Las Palmas - Athletic Bilbau	2-3
Atlético de Madrid - Valência	3-0
Rayo Vallecano - Osasuna	20h

	J	V	E	D	M-S	P
Barcelona	5	5	0	0	17-4	15
Atlético de Madrid	5	3	2	0	9-2	11
Real Madrid	5	3	2	0	9-2	11
Villarreal	5	3	2	0	11-8	11
Celta de Vigo	5	3	0	2	13-10	9
Girona	5	2	1	2	8-8	7
Espanyol	5	2	1	2	5-5	7
Athletic Bilbau	5	2	1	2	6-6	7
Alavés	5	2	1	2	7-6	7
Osasuna	4	2	1	1	5-7	7
Betis	4	1	2	1	3-3	5
Maiorca	5	1	2	2	3-4	5
Sevilha	5	1	2	2	4-6	5
Leganés	5	1	2	2	3-5	5
Rayo Vallecano	4	1	1	2	4-5	4
Valladolid	5	1	1	3	2-13	4
Real Sociedad	5	1	1	3	3-6	4
Getafe	4	0	3	1	1-2	3
Las Palmas	5	0	2	3	6-10	2
Valência	5	0	1	4	3-10	1

MARCADORES

4 golos Robert Lewandowski (Barcelona)
3 golos Dani Olmo (Barcelona)
3 golos Borja Iglesias (Celta de Vigo)

Liga italiana

Jornada 4

Como - Bolonha	2-2
Empoli - Juventus	0-0
AC Milan - Venezia	4-0
Génova - Roma	1-1
Torino - Lecce	0-0
Atalanta - Fiorentina	3-2
Cagliari - Nápoles	0-4
Monza - Inter de Milão	1-1
Parma - Udinese	17h30
Lazio - Verona	19h45

	J	V	E	D	M-S	P
Nápoles	4	3	0	1	9-4	9
Inter de Milão	4	2	2	0	9-3	8
Juventus	4	2	2	0	6-0	8
Torino	4	2	2	0	5-3	8
Udinese	3	2	1	0	4-2	7
Verona	3	2	0	1	5-3	6
Empoli	4	1	3	0	3-2	6
Atalanta	4	2	0	2	8-8	6
AC Milan	4	1	2	1	9-6	5
Génova	4	1	2	1	4-5	5
Lazio	3	1	1	1	6-5	4
Parma	3	1	1	1	4-4	4
Lecce	4	1	1	2	1-6	4
Fiorentina	4	0	3	1	5-6	3
Monza	4	0	3	1	3-4	3
Roma	4	0	3	1	2-3	3
Bolonha	4	0	3	1	4-7	3
Como	4	0	2	2	3-7	2
Cagliari	4	0	2	2	1-6	2
Venezia	4	0	1	3	1-8	1

MARCADORES

4 golos Mateo Retegui (Atalanta)
4 golos Marcus Thuram (Inter de Milão)
2 golos Daniel Mosquera (Verona)

Liga francesa

Jornada 4

Saint-Étienne - Lille	1-0
Marselha - Nice	2-0
Auxerre - Mónaco	0-3
Paris SG - Brest	3-1
Rennes - Montpellier	3-0
Nantes - Reims	1-2
Toulouse - Le Havre	2-0
Estrasburgo - Angers	1-1
Lens - Lyon	0-0

	J	V	E	D	M-S	P
Paris SG	4	4	0	0	16-3	12
Marselha	4	3	1	0	12-4	10
Mónaco	4	3	1	0	7-1	10
Lens	4	2	2	0	4-1	8
Nantes	4	2	1	1	6-3	7
Reims	4	2	1	1	6-6	7
Rennes	4	2	0	2	8-5	6
Lille	4	2	0	2	5-4	6
Le Havre	4	2	0	2	6-7	6
Estrasburgo	4	1	2	1	8-7	5
Toulouse	4	1	2	1	4-4	5
Nice	4	1	1	2	6-6	4
Lyon	4	1	1	2	4-8	4
Brest	4	1	0	3	6-10	3
Auxerre	4	1	0	3	3-9	3
Saint-Étienne	4	1	0	3	1-7	3
Angers	4	0	1	3	2-8	1
Montpellier	4	0	1	3	2-13	1

MARCADORES

5 golos Mason Greenwood (Marselha)
4 golos Bradley Barcola (Paris SG)
3 golos Ousmane Dembélé (Paris SG)

Liga alemã

Jornada 3

Borussia Dortmund - Heidenheim	4-2
Wolfsburgo - Eintracht Frankfurt	1-2
B. Mönchengladbach - Estugarda	1-3
Friburgo - Bochum	2-1
Hoffenheim - Bayer Leverkusen	1-4
RB Leipzig - Union Berlin	0-0
Holstein Kiel - Bayern Munique	1-6
Augsburgo - St. Pauli	3-1
Mainz - Werder Bremen	1-2

	J	V	E	D	M-S	P
Bayern Munique	3	3	0	0	11-3	9
Borussia Dortmund	3	2	1	0	6-2	7
RB Leipzig	3	2	1	0	4-2	7
Heidenheim	3	2	0	1	8-4	6
Bayer Leverkusen	3	2	0	1	9-6	6
Eintracht Frankfurt	3	2	0	1	5-4	6
Friburgo	3	2	0	1	5-4	6
Werder Bremen	3	1	2	0	4-3	5
União Berlim	3	1	2	0	2-1	5
Estugarda	3	1	1	1	7-7	4
Augsburgo	3	1	1	1	5-7	4
Wolfsburgo	3	1	0	2	5-5	3
B. M'gladbach	3	1	0	2	5-6	3
Hoffenheim	3	1	0	2	5-9	3
Mainz	3	0	2	1	5-6	2
Bochum	3	0	0	3	1-5	0
St. Pauli	3	0	0	3	1-6	0
Holstein Kiel	3	0	0	3	3-11	0

MARCADORES

4 golos Andrej Kramaric (Hoffenheim)
4 golos Harry Kane (Bayern Munique)
3 golos Ermedin Demirovic (Estugarda)

MARZIA CATTINI/LUSA

Portugal em busca do 17.º título mundial e do recorde da Espanha

Selecção masculina estreia-se diante dos EUA, em Novara, onde a equipa feminina terá a Colômbia como primeiro adversário

A selecção portuguesa de hóquei em patins avança hoje para a pista, em Novara, Itália, em busca do 17.º título mundial, que lhe permitirá igualar a recordista Espanha. É um Campeonato do Mundo que decorre no âmbito dos World Skate Games, evento que acolhe ainda o torneio feminino.

Portugal, vice-campeão mundial, integra o Grupo A da prova masculina, que se prolonga até domingo, em conjunto com Argentina, detentora do troféu, Angola e Estados Unidos, enquanto o Grupo B será constituído por Espanha, Itália, França e Chile.

A equipa portuguesa, orientada pelo seleccionador Paulo Freitas, terá oportunidade de se desforrar dos sul-americanos, frente aos quais foi derrotada, por 4-2, na final da anterior edição, realizada em 2022, em Buenos Aires e San Juan.

O jogo "grande" do agrupamento, que corresponde à terceira jornada e deverá decidir a ordem dos dois primeiros classificados, disputa-se na quarta-feira, a partir das 17h30, mas é diante dos Estados Unidos, já hoje (17h30, hora de Lisboa), que Portugal irá estrear-se na competição.

Paulo Freitas, de 56 anos, não abdicou do núcleo duro da selecção para o objectivo de "reconquistar o título", mas encontrou margem para convocar o jovem defesa/médio Zé Miranda, de 19 anos, que se vai estrear na mais importante prova da modalidade, tal como acontecerá com o seleccionador nacional – que substituiu Renato Garrido.

"Eles percebem que este não é mais um – este é o título que nós queremos e, portanto, nós estamos a definir isto desta forma: este é o título mais importante das nossas vidas e é, apenas e tão-só, porque é o próximo", avaliou Paulo Freitas, assumindo abertamente a candidatura à conquista do troféu.

Portugal não deverá ter dificuldade em alcançar a qualificação directa para os quartos-de-final, reservada aos três primeiros classificados de cada grupo do torneio.

Além da competição masculina, Novara acolhe também o Mundial de hóquei em patins feminino e de sub-19 masculino (no qual Portugal se sagrou vice-campeão, na final com a Espanha), todos enquadrados nos World Skate Games, evento bianual composto por campeonatos de 12 modalidades, que neste ano se realizam em nove cidades de Itália.

A selecção feminina também inicia hoje a caminhada no Mundial, diante da Colômbia (12h), num Grupo A que conta ainda com a França e a Argentina, enquanto no Grupo B competem Itália, Espanha, Inglaterra e Chile.

Quatro vezes finalista derrotada em Mundiais, Portugal ainda procura o primeiro título de campeão feminino, num historial dominado pela Espanha, com sete troféus, e pela Argentina, actual detentora do ceptro, com seis.

"Nós temos é de estar preparados e ir jogo a jogo, lutando pela vitória", afirmou à agência Lusa o seleccionador Hélder Antunes, considerando o Mundial como sendo "supercompetitivo" e recusando-se a assumir um objectivo para a equipa. **Lusa**

Breves

Golfe

Matt Oshrine vence Open de Portugal, Melo Gouveia no top 10

O golfista norte-americano Matt Oshrine venceu ontem a 62.ª edição do Open de Portugal, pontuável para o Challenge Tour, no Royal Óbidos Spa & Golf Resort, onde o português Tomás Melo Gouveia terminou no top 10. O norte-americano, nascido em Baltimore, conquistou o primeiro título do Challenge Tour aos 29 anos, depois de somar 273 pancadas (-11), menos uma do que o italiano Stefano Mazzoli. Entre os quatro portugueses que passaram o *cut*, destaque para Tomás Melo Gouveia, que chegou a figurar no segundo lugar da classificação, mas terminou na 10.ª posição, empatado com mais quatro jogadores.

Atletismo

Meia-maratona do Porto ganha por Kibet e Chemweno

A meia-maratona do Porto, que ontem se disputou nas ruas da cidade, com cerca de dez mil participantes, voltou a ser dominada por atletas do Quénia na chegada à Avenida Dom Carlos I, na Foz. Em masculinos, o vencedor foi Gilbert Kibet, com 1m00m26s, à frente de James Kipkoech e de Mike Kiptum Boit. Miguel Borges (Sp. Braga) foi o primeiro português a cortar a linha da meta, em 1h07m30s, ficando em nono na geral. No sector feminino, depois da queniana Cynthia Chemweno, que ganhou em 1h09m59s, cortaram a meta duas fundistas japonesas, Yuki Nakamura e Chiharu Suzuki. A melhor portuguesa foi Susana Godinho (Guilhovai), em quarto, com 1h13m59s.

BARTOON LUÍS AFONSO

O discurso sobre Olivença é a prova da morte do CDS

Anacrónica

Ana Sá Lopes

Olivença é um assunto não resolvido entre o Estado português e o Estado espanhol. Portugal continua a reconhecer Olivença como fazendo parte das suas fronteiras — um caso não encerrado que, de resto, entra em contradição com o discurso oficial, segundo o qual temos as fronteiras totalmente estabelecidas há séculos.

Portugal arrumou o assunto quase há tanto tempo como abandonou a pretensão sobre o território de Olivença. Para além dos membros do grupo "Amigos de Olivença", nenhum outro português se condói com o tema. É um não-assunto, uma coisa de uma minoria irrelevante que, ainda que oficialmente nunca tenha sido resolvida, o tempo se encarregou de "entregar" a Espanha.

O entusiasmo visível no rosto do ministro da Defesa ao falar do assunto não vai provocar qualquer incómodo nas relações luso-espanholas. É improvável que venha a ter qualquer influência, até pelo silêncio que se lhe seguiu do primeiro-ministro e do ministro dos Negócios Estrangeiros e do quase *mea culpa* que Nuno Melo fez ao dizer que não estava a falar em nome do Governo. Mas o discurso de Olivença vem demonstrar uma coisa que uma parte dos portugueses já tinha percebido: a morte do CDS ou a sua absoluta irrelevância no panorama político nacional.

A coligação AD salvou o CDS, permitindo-lhe eleger um grupo parlamentar. Nuno Melo costuma dizer que é graças ao CDS que a AD está no Governo (ou seja, o PSD tem o mesmo número de deputados que o PS, mas a AD elegeu dois do CDS), mas é uma afirmação que não tem contrafactual. Se o CDS fosse sozinho a votos, iria eleger algum deputado? As legislativas de 2022, quando o CDS elegeu zero deputados, foram um sinal bastante explícito.

O CDS não tem bandeiras ou não as pode desfraldar. Veja-se o aborto, por exemplo. Quando o

> **Diogo Feio tem razão: insistir em manter o CDS enquanto partido autónomo não traz nenhum bem à direita. E, como se viu com Nuno Melo, até pode trazer uns aborrecimentos**

actual líder parlamentar do CDS, Paulo Núncio, falou em fazer um novo referendo para inverter a legislação actual — durante a campanha eleitoral — criou um enorme incómodo no PSD. O eleitorado conservador estava distribuído entre CDS e PSD. Hoje, a despenalização do aborto é uma não-questão em Portugal.

Manuel Monteiro inventou o CDS eurocéptico e contra o sistema (numa antecipação do que hoje está a fazer o Chega na parte anti-sistema) e isso rendeu-lhe sucesso eleitoral. Paulo Portas acabou com o eurocepticismo e criou o CDS dos "pensionistas e idosos" e também discorria com frequência contra os imigrantes. Nas questões de costumes, o CDS passou de um tempo em que era uno — com base no ideário da Igreja Católica — para uma nova fase, onde se adaptou aos novos tempos.

O CDS foi sempre um partido de quadros e não de "povo", ao contrário do PSD. Há quem defenda que na génese disso está o facto de o PSD ter sido rápido a constituir-se a seguir ao 25 de Abril (6 de Maio de 1974) e quando o CDS chegou, a 19 de Julho, os quadros de direita (embora nem o CDS nem o PSD se assumissem como sendo de direita) de cada vila ou cidade já tinham aderido ao PSD.

Diogo Feio, antigo deputado e presidente do Gabinete de Estudos do CDS, defende há muito aquele que seria o passo lógico do partido: a sua integração no PSD. Tal como o MDP-CDE foi um apêndice do PCP nos primeiros anos da democracia, chegando a eleger deputados à Assembleia, o CDS hoje já nada tem a dar mais ao povo do que "Olivenças".

O PS absorveu quadros de partidos de que já ninguém se lembra. Jorge Sampaio, João Cravinho e Ferro Rodrigues vieram do MES, Movimento de Esquerda Socialista. Lopes Cardoso, um homem-forte do tempo em que Sampaio liderava o PS, era o líder da UEDS — União da Esquerda para a Democracia Socialista. Sousa Franco, líder da ASDI — Acção Social Democrata Independente —, também acabaria no PS.

Diogo Feio tem razão: insistir em manter o CDS enquanto partido autónomo não traz nenhum bem à direita. E, como se viu com Nuno Melo, até pode trazer uns aborrecimentos — com o seu quê de comicidade, é certo.

Jornalista